

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE MEDICINA

VANDICLEY PEREIRA BEZERRA

AS EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES INDÍGENAS NO CURSO
DE MEDICINA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

SÃO CARLOS - SP

2023

VANDICLEY PEREIRA BEZERRA

AS EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES INDÍGENAS NO CURSO
DE MEDICINA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Medicina da Universidade Federal de
São Carlos, para obtenção do título de
bacharel em Medicina.

Orientação: Gustavo Nunes de Oliveira.

Coorientação: Willian Fernandes Luna

SÃO CARLOS - SP

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura do orientador, que avaliou e aprovou o Trabalho de Conclusão de curso do aluno, e emitiu conceito satisfatório.

Assinatura do Co-orientador, que avaliou e aprovou o Trabalho de Conclusão de curso do aluno, e emitiu conceito satisfatório.

Vandicley Pereira Bezerra - discente do departamento de medicina da UFSCar

RESUMO

Historicamente as escolas médicas são compostas, em sua maioria, por pessoas brancas e de classe social mais favorecida e com pouca presença de indígenas. No Brasil, no século XXI, estratégias foram sendo criadas a partir de demandas do movimento indígena, culminando com a implantação de ações afirmativas em algumas universidades, como na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Dessa forma, desde 2007, todos os cursos de graduação presenciais da UFSCar possuem uma vaga extra destinada a indígena, por meio de vestibular específico. Assim, no curso de graduação em medicina tem havido a presença de estudantes indígenas, ocupando espaços em que anteriormente essa presença era ínfima. Neste contexto, o curso de medicina da UFSCar recebe a cada ano um estudante indígena, proveniente de várias regiões do Brasil. O objetivo dessa pesquisa foi compreender o perfil dos indígenas, estudantes de Medicina, a trajetória histórica e as vivências relacionadas à permanência no curso da instituição. Fez-se uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa. Realizou-se o mapeamento dos indígenas que ingressaram de 2007 a 2023, por meio de documentos institucionais. Efetuou-se contato individual, via redes sociais e telefone, com convite para participar da pesquisa. Foram mapeados 15 indígenas ingressantes. Totalizaram-se 12 participantes da pesquisa, com utilização de questionário, entrevistas individuais e roda de conversa. Nos 16 anos de ações afirmativas, 15 indígenas ingressaram, por meio da vaga suplementar, no curso de Medicina. Não houve ingresso de indígenas por meio da Lei nº 12.711/2012, lei de cotas em universidades federais. Os ingressantes tinham idade entre 17 a 42 anos, sendo 10 homens e 5 mulheres, três deles com filhos. Quanto à origem, 9 de Pernambuco, 2 do Amazonas, 2 do Espírito Santo, 1 do Acre, 1 de Alagoas e 1 de São Paulo. Dos povos: Pankará, Jeripancó, Xucuru de Cimbres, Huni-Kuin, Tikuna, Tariano, Tupinikim, Pankararu, Atikum-Umã e Xucuru de Ororubá. Concluíram o curso 6 dos ingressantes, 6 estão atualmente na graduação e 3 se desligaram antes de se graduarem. A partir das entrevistas, foram estabelecidas quatro categorias de análise: motivações para ingresso no curso; dificuldades na escola médica; experiências de desistência e permanência na graduação. As motivações para estudar medicina na instituição foram diversas, sendo citados o desejo de desenvolvimento pessoal, o compromisso com a comunidade e a possibilidade de adentrar à instituição devido às ações afirmativas. Dentre as dificuldades, foram descritas as relacionadas à metodologia do curso, à fragilidade na formação básica, ao distanciamento da família e às econômicas. Descreveram momentos em que pensaram em desistir do curso, mas destacaram que algumas foram as estratégias de permanência, como: apoio institucional por meio de bolsas, acompanhamento pedagógico, professores apoiadores da causa indígena, outros indígenas do curso e o coletivo de indígenas da instituição.

PALAVRAS-CHAVE: População Indígena; Saúde das Populações Indígenas; Ensino superior; Ações Afirmativas; Educação Médica

ABSTRACT

The objective of this research was to understand the profile of indigenous medical students, their historical trajectory, and experiences related to their persistence in the institution. A quantitative-qualitative research approach was employed. The study involved mapping the indigenous students who entered from 2007 to 2023 using institutional documents. Individual contact was made through social media and phone calls, inviting them to participate in the research. Fifteen indigenous students who entered through the supplemental slot were identified. Twelve participants were included in the research, utilizing questionnaires, individual interviews, and group discussions. Over the 16 years of affirmative actions, 15 indigenous students entered the medicine program through the supplemental slot, and no indigenous students were admitted through Law No. 12,711/2012, which establishes quotas in federal universities. The entrants ranged in age from 17 to 42 years, with 10 men and 5 women, including three with children. In terms of origin, 9 were from Pernambuco, 2 from the Amazonas, 2 from Espírito Santo, 1 from Acre, 1 from Alagoas, and 1 from São Paulo. They represented various indigenous groups, including Pankará, Jeripancó, Xucuru de Cimbres, Huni-Kuin, Tikuna, Tariano, Tupinikim, Pankararu, Atikum-Umã, and Xucuru de Ororubá. Six of the entrants completed the program, 6 are currently in the undergraduate program, and 3 withdrew before graduating. Based on the interviews, four categories of analysis were established: motivations for entering the program, challenges in medical school, experiences of withdrawal, and persistence in undergraduate studies. Motivations for studying medicine at the institution varied and included personal development, commitment to the community, and the opportunity to enter the institution due to affirmative actions. Described challenges encompassed issues related to the course's methodology, weaknesses in basic education, separation from family, and economic challenges. Participants recounted moments when they considered dropping out but highlighted various strategies for persistence, such as institutional support through scholarships, pedagogical guidance, faculty supportive of the indigenous cause, fellow indigenous students, and the indigenous collective within the institution.

Keywords: Indigenous Population; Indigenous Population Health; Higher Education; Affirmative Actions; Medical Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia da Serra do Umã	24
Figura 2 - Meus avós	25
Figura 3 - Meus pais	26
Figura 4 - Fotografia mais recente do meu avô	26
Figura 5 - Aldeia Paus Brancos	29
Figura 6 - Mulheres importantes da minha vida	30
Figura 7 - Umbuzeiro da minha mãe	31
Figura 8 - Parte do que sobrou da casa dos meus avós, o umbuzeiro fica após aquela porteira	32
Figura 9 - Minha casa na Aldeia Quixaba	32
Figura 10 - Rua onde fica localizado o Hospital Regional Inácio de Sá (HRIS)	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos indígenas no seu ingresso no curso de medicina da UFSCar, 2008 - 2023	40
Tabela 2 - Perfil dos indígenas no seu ingresso no curso de medicina da UFSCar, 2008 - 2023	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Anos do curso dos atuais estudantes, número de egressos que concluíram e que saíram do curso antes da conclusão, 2008 - 2023	40
Gráfico 2 - Estados de origem dos estudantes indígenas ingressantes no curso de medicina da UFSCar, 2008 - 2023	41
Gráfico 3 - Diversidade étnica dos estudantes indígenas ingressantes no curso de medicina na UFSCar, 2003 - 2023	42
Gráfico 4 - Faixa etária dos estudantes	44

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos encantos de luz que me guiaram durante toda a minha trajetória e percurso até a conclusão da graduação.

Agradeço em memória de meus avôs maternos o indígena Manoel Emídio Bezerra e a Indígena Maria Ana Bezerra, devido ao sangue indígena que corre nas minhas veias, de onde vem minha descendência e ancestralidade que pertence ao povo Atikum. Pois foi devido a minha origem indígena que pude participar do processo seletivo para o vestibular específico para os povos indígenas, fruto das Ações Afirmativas da UFSCar e ingressar no curso médico.

Agradeço a todos os meus familiares (mãe, pai, irmãos e irmã) pelo apoio, em especial, a minha mãe, que é a referência de tudo que sou hoje, me ensinou a fazer as primeiras contas de matemática. Ela sempre foi minha fonte de inspiração, responsável pela pessoa que me tornei, foi minha mãe que me acolheu e sempre me acolheu, me aconselhou durante toda a graduação, principalmente durante o internato, o apoio dela foi fundamental para que eu não desistisse. Foi minha mãe que me ajudou financeiramente para me manter, não somente na universidade, como também todo o tempo que fiquei estudando para prestar vestibular. Eu sei o quanto a senhora se privou para poder mandar dinheiro para mim para que eu não passasse dificuldades financeiras. Quantas vezes nos meus momentos de aflição no internato, eu liguei para ela e foi a minha que me orientou para que eu não tomasse decisões que poderia vir a me arrepender. Quantas vezes eu liguei pra ela chorando e escutei: *“meu filho peça a Deus humildade e sabedoria e o dom de saber perdoar”*, essas palavras me consolavam e me davam forças para enfrentar as dificuldades.

Minha mãe esteve comigo sempre, desde quando eu decidi ir para Recife para tentar ingressar no curso de medicina. Tenho muito a agradecer a minha mãe por ter me colocado no mundo e por ter me criado com o maior carinho, ter me passado todos os valores que até hoje carrego comigo, bem como não posso deixar de agradecê-la por ter cuidado de mim em 2018 quando eu tive que me afastar do curso devido a problemas de saúde. Nunca vou me esquecer da música que ela cantou no meu ouvido quando ela foi me visitar no hospital. Minha ter tido seu apoio e cuidado, sempre foi e é fundamental para eu poder seguir concretizar o meu sonho de ser médico, muito obrigado minha querida mãezinha

por ter sempre acreditado em meu sonho e por ter me ajudado não somente a sonhar, mas também a realizá-lo. Agradeço ao meu querido papai que desde a infância me apresentou o valor e a importância do trabalho, honestidade, e do respeito, sem o seu apoio, meu pai, nada disso seria possível. Obrigado por me amar do seu jeito especial. O senhor é responsável pelo homem e o profissional que eu me tornei.

Agradeço a minha querida irmã Núbia, minha nega preferida, desde a infância sempre fomos muito ligados um ao outro. Se hoje estou realizando esse sonho de ser médico, você é uma das responsáveis por isso. Você esteve comigo durante toda a minha jornada. Sou grato a você por cuidar e ter cuidado de mim principalmente no momento mais difícil da minha vida em 2018. Não tenho dúvidas de que se não fosse por você, desde os primeiros momentos que adoecia, talvez eu não estivesse aqui. Tenho muita admiração pela irmã e companheira que você é, pela mãe e profissional que você se tornou. Se não fosse você do meu lado como um “cão de guarda” cuidando de mim, correndo atrás de médico para me avaliar, hoje eu não estaria aqui escrevendo esse texto de agradecimentos. Muito obrigado por tudo. minha querida irmã.

Ao meu cunhado por ter estado comigo junto com minha irmã e cuidado de mim quando fiquei hospitalizado em 2018, bem como sou grato por sempre me encorajar a não desistir.

Agradeço aos meus parentes da Aldeia Quixaba, tio Miguel, tia Graciete e minhas primas, principalmente a Sandrinha que correu atrás das lideranças indígenas para assinarem todos os documentos que precisei, por todo o apoio e por sempre me acolheram com amor e carinho. Não posso deixar de fazer um agradecimento especial a tia Graciete que desde a minha infância sempre foi muito cuidadosa comigo, me amando como um filho, bem como, por esta a todo momento que precisamos mesmo que estivesse doente. A senhora com certeza é uma das minhas referências de tudo que sou e me tornei.

Agradeço a todas as lideranças indígenas que assinaram a minha declaração para que eu pudesse concorrer ao processo seletivo em 2016, bem como poder receber as bolsas de auxílio moradia e alimentação. Agradeço especialmente ao tio Paulo Honório, liderança indígena do povo Atikum que sempre esteve e está disponível a ajudar no que estiver ao alcance dele, a dona Silvana representante da FUNAI na aldeia, ao cacique Clóvis do povo Atikum

por todo o apoio. Sou muito grato ao povo Atikum por terem me reconhecido como indígena e me apoiado nessa caminhada.

Agradeço ao meu querido companheiro Driko, que está comigo desde 2020, por está sempre me apoiando e me acolheu nos meus momento de desespero e choro nas fases mais difíceis na graduação, agradeço a minha querida sogra D. Regina e ao meu sogro o Sr Ronaldo por me receberem sempre tão bem na casa de vocês e por cuidarem de mim. Driko e vocês dois foram o melhor presente que São Paulo me trouxe.

Agradeço a todos os estudantes indígenas da medicina que com suas trajetórias me inspiraram para seguir a minha graduação seguindo seus exemplos.

Agradeço a todo o coletivo indígena (CCI) que através das lutas e representações dentro da universidade contribuíram para a minha chegada e permanência durante toda a graduação.

Agradeço a Rafaela Maranhão, minha querida amiga que durante toda a minha trajetória, além do apoio para eu não desistir, ajudou-me em todos os âmbitos, psicológico, apoio financeiro dentre outros.

Agradeço a todos os meus professores desde o ensino fundamental, médio e de cursinhos que contribuíram para minha chegada até a graduação.

Agradeço especialmente a Professora de Língua Portuguesa, Gramática, Literatura e Redação Maria Goretti (Maria), a senhora foi muito importante para minha chegada à universidade. Foi a senhora que me ensinou tudo que sei de língua portuguesa, bem como a amar e aprender gramática, literatura e redação. Sou muito grato por tudo que a senhora me ensinou, sou grato pelo apoio durante anos de cursinho, por ter sido além de professora uma grande conselheira e amiga, por ter acreditado no meu sonho de querer ser médico.

Nunca vou me esquecer nunca da senhora do quanto o que aprendi com a senhora fez a diferença na minha vida acadêmica. Muito obrigado por tudo Maria, vou me formar, menina!

Agradeço a todos os professores, preceptores, funcionários do departamento de medicina, funcionários da Santa Casa e do Hospital Universitário que contribuíram para a minha formação.

Agradeço aos meus orientadores, Prof Dr. Willian Luna e Prof. Dr. Gustavo Nunes por todo apoio para construção da minha carreira como médico.

Agradeço a Prof. Dra Cecília pelo carinho, compartilhamento e construção ao longo desses anos de graduação.

Agradeço a Profª Cássia que foi meu grande suporte no primeiro ano de curso, ter passado pela sua facilitação foi o divisor de águas da minha graduação, muito obrigado por ter ido cuidar de mim em Recife.

Agradeço em especial aos estudantes indígenas da medicina que tive a oportunidade de conhecer e conviver: Cris(Diana) obrigado por ter me acolhido com aquele abraço tão caloroso e ter me feito trazer a lembrança da casa de meus avós, local que você conheceu e descreveu com tantos detalhes e por todo o apoio que você me deu durante o tempo que convivi com você na UFSCar; Karlinha Pankararu que me recebeu na minha chegada com um sorriso lindo e com material para eu usar durante as atividades, esteve e ainda está presente na minha caminhada e nessa fase final da graduação ouvindo os meus lamentos; Orinaldo Caxinaua que mesmo estando longe na Espanha quando eu cheguei sempre se fez presente; a Carol Tupinikim que sempre que podia me sanava as dúvidas, Leu Xucuru que mesmo tendo chegado depois de mim, eu o acolhi, porém o destino acabou de não na mesma turma, nunca conseguimos fazer atividades juntos, mas sempre nos ajudando; Raniel Tikuna que tem sempre muita paciência pra me ajudar a fazer meus slides, Julia Tupikim que sempre que pode nos encontramos para conversar, Brenno Pankara, esse veio para comer meu juízo, brincadeira, obrigado por tudo, pela paciência, pelo cafezinho sempre que peço, você é um presente especial; Rony Jeripancó o mais recente indígena a chegar com sua calma e tranquilidade; agradecimentos aos primeiros indígenas que passaram pela medicina e trilharam uma carreira acadêmica linda que até hoje nos inspira.

Agradeço aos amigos Dr. Osvaldo Diogo (Ondjaki) e Dr. Thiago Ramalho pelo apoio desde o primeiro dia que me encontraram e mesmo depois de formados continuam me apoiando. Os dois foram e são grande exemplo fonte de inspiração como estudantes que foram durante a graduação. Encontrei em vocês o melhor exemplo de veteranos não indígenas que eu poderia ter. O Osvaldo sempre esteve ali como bom observador para dar um conselho de como estudar para as atividades e como se portar diante dos facilitadores. Os dois foram muito importantes principalmente nas minhas simulações de ES. Ainda lembro como hoje o Thiago nas vésperas de provas práticas como ele me sacrificava com

simulações de anamneses bem difíceis, ao final ele me debulhava, ou seja apontava as inúmeras lacunas e as corrigia, mas todo aquele sofrimento ao final da prova valia muito apenas, pois eu consegui fazer a prova no menor tempo em comparação com meus colegas. A prova da ES está prevista para ser cumprida em 50 min eu conseguia finalizar com tudo estava previsto na avaliação em 34 min. Só tenho a agradecer a vocês dois por tudo que fizeram e fazem por mim.

Agradeço às Professoras: Cris Bruno, Cris Ortiz e Esther por terem me acolhido nos meus momentos de angústia, por terem segurado minha mão e não terem deixado eu desistir do internato, serei eternamente grato.

Agradeço às minhas eternas professoras da UFPE Profa Dra. Falba Bernadete (Embriologia) e Profa Dra. Fernanda (Anatomia), foram minhas professoras quando fiz farmácia. Sou muito grato a cada uma delas. A professora Falba me fez amar e aprender embriologia que fez uma grande diferença na minha graduação como e como médico. Bem como, todo o aprendizado com a professora Fernanda me deu também um enorme diferencial nas discussões de casos. A presença delas e apoio na minha chegada a medicina foi fundamental. Obrigado por tudo que fizeram e fazem por mim, muito obrigado por todo conhecimento compartilhado.

Agradeço a meu amigo Gege (Gegesona) por ter me ensinado o significado de pensar como coletivo e por ter compartilhado tantos momentos bons. Gege falar de você é algo muito especial, seu coração de mãe é muito encantador. Ainda lembro do dia que te conheci, eu me senti super acolhido por você, pelo seu jeito simples de ser. Sabe aquela coisa de quando você conhece alguém e sente que vocês vão ser grandes amigos e parceiros, pois foi literalmente esse sentimento que tive quando te conheci. Você me ensinou muito com seu jeito carinhoso e cuidadoso de ser. Foi um prazer incomensurável ter convivido com você em São Carlos. Para mim foi uma honra ter sido recebido na sua casa, não só por você, mas por sua querida mãe, muito obrigado por me receber tão bem. Você é incrível Gegesona.

Agradeço ao meu amigo Alex Kocama, pela parceria quando estive aqui na UFSCar, sempre muito atencioso. Obrigado por ter compartilhado comigo a sua vontade de fazer medicina. Hoje você está quase indo pro internato também, muito feliz por você.

Agradeço ao meu amigo Douglas que conheci através do Orinaldo e do Alex,

muito obrigado por sempre me acolher na sua casa sempre com o maior carinho, por ouvir meus lamentos e sonhos.

Agradeço a todos os meus amigos do internato (Nicoly, Natália, Gabriel, Muller, Lucas, Matheus e o Luciano) , por serem tão companheiros durante todo os difíceis dias no internato, bem como obrigado pelos os dias que nos divertimos. Digo de coração que se eu não estivesse com vocês tudo teria sido bem mais difícil. Foram dois anos incríveis ao lado de vocês, levo um pouquinho de cada um de vocês. Foi um prazer ter dividido com vocês todos os bons e difíceis momentos durante o internato nesses últimos anos.

Agradeço aos meus amigos: José e Manuela que me ajudaram muito nos cursinhos em Recife para conseguir bolsa ou desconto para que eu conseguisse estudar para o vestibular, se não fosse a ajuda de vocês eu não estaria aqui hoje escrevendo meu TCC. Muito obrigado por tudo.

Agradeço a minha amiga Fernanda (Nanda) por todo apoio desde quando morei na moradia estudantil, obrigado por me ouvir e me aconselhar, apesar dos desencontros sempre estamos se apoiando. Falar de Fernanda e falar de uma mulher forte, resiliente, de uma inteligência ímpar e admirável, pois Nanda tem uma capacidade de discutir sobre todas as áreas do conhecimento, conversar com você é sempre muito bom. Ela sempre se reinventa diante das adversidades que a vida lhe propõe. Ter te encontrado aqui na UFSCar foi um presente de Deus. Acredito que o que nos colocou mais próximos foi a nossa ancestralidade. Você é incrível Nanda!

Agradeço ao meu amigo Tiago (Tiago da Socias), você foi uma das primeiras pessoas da UFScar que conheci quando cheguei, você foi e é muito acolhedor, nos tornamos bons amigos e compartilhamos bons momentos e nos ajudamos nas dificuldades na moradia da universidade. Você formou e seguiu seu caminho com novos projetos. Obrigado pelo carinho e cuidado. Fiquei muito feliz quando você compartilhou do seu desejo de fazer medicina, não tinha como não fazer outra coisa a não ser te apoiar e acreditar no seu sonho, pois acreditaram no meu. Hoje você está fora trilhando seu sonho também de ser médico. Você irá conseguir. Só tenho a agradecer por tudo !

Agradeço aos meus ex colegas de cursinho, hoje alguns já são médico(a)s: a Drª Taciana por sempre me socorrer e nunca me negar ajuda qualquer que seja. Falar de você Taci me enche os olhos de água, pois estivemos juntos por

muitos anos nos cursinhos sofrendo. Ainda lembro o quanto fiquei feliz quando você foi aprovada na UPE. Você formou se tornou uma médica incrível, você não mudou nada, continua a mesma Taci que conheci nos corredores do cursinho, isso me deixa feliz de saber que a medicina não subiu na sua cabeça. Obrigado querida amiga por ser tão incrível, por sempre se fazer presente mesmo estando fisicamente distante. Obrigado por escutar minhas ladainhas, por ter paciência de discutir casos comigo, por compartilhar conhecimento. Sou muito grato a Deus por ter colocado pessoas como você no meu caminho. Você me inspira. Você é a irmã que Deus colocou no meu caminho, te amo Taci, obrigado por tudo.

Agradeço a Isleyde por estar sempre disposta a ajudar, ao Paulo, meu querido amigo de longas datas de cursinho, brevemente você também realizará seu sonho de ser médico, muito obrigado pelo apoio e por sempre me acudir sempre que grito ajuda.

Agradeço a Tarsila Soares, minha grande amiga e irmã, que esteve comigo principalmente num dos momentos mais difíceis da minha vida em 2018 e ficou cuidado de mim, obrigado por todos os momentos felizes também que compartilhamos desde que nos conhecemos na CEU da UFPE, você será uma médica excelente. Falar de Tarsila é falar de uma mulher forte, decidida, de uma inteligência ímpar e que não se intimida com nenhuma adversidade que a vida lhe coloque. Sou admirador de sua luta e trajetória. Sou muito grato a Deus por ter te colocado no meu caminho, uma pessoa amiga, cuidadosa e sincera. Agradeço mais uma vez por ter cuidado de mim, pelas orientações espirituais.

Agradeço a toda equipe Sandro Santos que foi através dela que consegui me manter e trabalhar como maquiador em Recife e poder estudar para o vestibular. Agradecimento em especial para Sandrinho por todo o apoio desde quando nos conhecemos na casa do nosso querido amigo, Mano. Muito obrigado Sandro por ter acreditado no meu trabalho por ter me dado oportunidade de trabalhar ao seu lado, por todo conhecimento compartilhado, muito obrigado principalmente por ter acreditado no meu sonho de querer ser médico, por ter cuidado de mim quando eu mais precisei em 2018, você é um anjo, um irmão e amigo na minha vida. Muito obrigado Sandro por nunca ter duvidado da minha capacidade, muito obrigado por tudo. Se não fosse seu apoio hoje eu não estaria aqui escrevendo meu TCC.

Agradeço especial para Renato D'Menezes que acolheu a mim e minha mãe

na sua casa e também cuidou de mim, obrigado pela amizade, respeito e admiração. Renato, se hoje estou aqui escrevendo esse TCC é porque foi graças ao seu cuidado e apoio que estou finalizando a minha graduação, muito obrigado meu querido irmão e amigo que Recife me deu.

Agradeço especialmente a Bianca Cicarelli que mesmo com toda doidiça que todos falam, mas você não é doida, obrigado por ter me dado seu ombro quando eu chorei em 2015 por não ter passado no vestibular e também por ter cuidado de mim principalmente em 2018 e cuida até hoje.

Agradeço a Dr^a Izabella Marques(Bella), minha grande amiga que o mundo da maquiagem me deu. Bella sou muito grato a você por ter segurando a minha mão e nunca deixar de acreditar que um dia eu me tornaria médico, obrigado por ter cuidado de mim como médica num dos momentos mais difíceis da minha vida em 2018. Ainda lembro como hoje o sentimento de alegria quando te vi no corredor do Hospital da Restauração, lembro que foi o momento que chorei quando peguei na sua mão e eu falei"- Bella minha vida como futuro médico acabou e você falou – Que é isso Vandy daqui a pouco você vai está bem e se formando".Realmente você estava certa, fiquei bem e hoje to aqui finalizando a minha graduação.Obrigado por tudo Bella!

Obrigado a Gaby Borba, cliente de maquiagem que se tornou grande amiga, obrigado Gaby por ter acreditado no meu sonho , e quando eu ia te maquiar ficava falando do meu sonho de ser médico você sempre me escutava com um brilho nos olhos e admiração , obrigado por me socorrer quando estava no aperto, sem seu apoio tudo isso teria sido muito mais difícil. Você é muito iluminada , sou grato a Deus por ter colocado pessoas como você no meu caminho.

Agradeço a Dr^a Edlangela, amiga de longa data, desde o cursinho do FAP,minha querida amiga Dangel, muito obrigado por ter confiado em meu trabalho como maquiador no seu casamento, me senti um maquiador muito especial,porque estava maquiando alguém que eu admirava desde o curso do professor Walter Lafayette. Sou um grande admirador de você como médica e como ser humano. Sou muito grato por você sempre ter acreditado no meu sonho, por você ter cuidado de mim num dos momentos mais difíceis da minha vida em 2018, sou grato por você sempre ter me apoiado durante toda a minha trajetória durante da graduação, por me acudir sempre que precisei, quer seja com apoio financeiro quer seja com uma palavra amiga de apoio. Sempre te falo isso:

Você é uma das minhas fontes de inspiração, obrigado por tudo.

Agradeço a Dr^a Glória(Glorinha) , minha querida amiga desde o FAP lá na isolada área de química do Professor Walter Lafayette. Lembro ainda como hoje como eu ficava admirado o quão inteligente você é, você respondia tudo que o professor Walter perguntava, aí eu ficava desejando um dia saber tanto quanto você sabia. Você se formou médica, mas eu demorei mais um pouco para ingressar na medicina. No entanto , sempre nos nossos encontros antes de eu ser aprovado você sempre muito cuidadosa em saber como estavam meus estudos e sempre me dando uma palavra de apoio. Muito obrigado por ter acreditado que um dia eu me formaria como médico, muito obrigado por cuidar de mim. Você me inspira.

Agradeço a Dr^a Amanda Moura(Amandinha) você esteve comigo durante grande parte da minha caminhada até minha aprovação. Sou muito grato a você por toda atenção e cuidado em 2018 quando eu mais precisava de cuidado. Sou um grande admirador da médica que você se tornou. Hoje você está num novo momento de sua vida, é mãe. Parabéns pela maternidade! Fico muito feliz por você e muito grato por tudo que você fez por mim.

Agradeço a minha querida amiga Dr^a. Cinthya, muito obrigado por todo cuidado de mim por ter sido minha preceptora no 2 ano de curso. Não vou me esquecer do quanto fiquei feliz quando você chegou com Amandinha no hospital que eu estava internado. Esse sorriso lindo e cativante me deixou inebriado de alegria. Seu apoio e de Amandinha foram muito importantes para a minha melhora. Muito obrigado por tudo que você fez por mim. Foi uma realização minha ter passado alguns plantões no HGA ao seu lado. Espero um dia poder dividir plantão com você.

Agradeço a minha amiga Dr^a Claudionora (Nora) , muito obrigado pelo carinho sempre. Com Nora, tenho uma história muito especial , a minha relação com ela a princípio poderia ter sido somente uma relação comercial de prestação de serviços de maquiagem, mas foi além disso. Quando a conheci e descobri que ela fazia medicina na época comecei falar sobre a minha vontade de fazer medicina , ela me escutou com bastante atenção, não me olhou com desdém. Depois ela me orientou também dando dicas, pois ela já estava prestes a se formar. Fiquei encantado com ela e com a família dela, principalmente a mãe dela dona Albanil, uma mulher de um coração enorme, sempre recebia todos os profissionais que

prestavam serviços de maquiagem para a família dela com o maior carinho. Quando eu fiquei doente em 2018, Claudionora me deu a maior atenção, tanto como médica quanto como amiga. Finalmente quando eu fui aprovado em medicina e eu ia me mudar para São Carlos fui me despedir delas e elas me surpreenderam com um envelope com uma quantia grande de dinheiro para me ajudar na minha nova jornada. Também no meu primeiro ano de curso acompanhei Nora no IMIP quando ela estava na residência de Radiologia, foi uma realização ter estado ali com ela, alguém que eu admiro. Muito obrigado por tudo.

Agradeço ao meu querido amigo Fernando (Nando Shayra), obrigado por todo o apoio antes e durante toda a graduação. Você chegou na minha vida graças a sua amizade com o Rodrigo(Ninho) , infelizmente ele não está aqui para comemorar essa minha vitória. Mas acredito que aonde quer ele esteja , ele deve está comemorando. Ainda lembro como hoje do tempo que dividimos o mesmo andar na CSU CardSitem , onde trabalhamos como Atendente de Call Center. Você saiu da CSU antes de mim e foi seguir sua vida e colocar em prática seus planos para realizar seus sonhos. Hoje, vendo como você está bem sucedido como um excelente chefe de Cozinha, empresário e Nutricionista, somos colegas, profissionais da área da saúde, que alegria de falar isso! Só tenho a agradecer por tudo que você fez e faz por mim.

Agradeço aos meus amigos/irmãos Valério (Lelo) e Valéria (Lela). Lelo, Lela muito obrigado por terem me acolhido na casa de vocês. Sempre muito cuidadosos comigo, bem como a querida mãe de vocês, dona Adélia. Lelo muito obrigado por ter me ensinado a linda profissão de cabeleireiro, aprendi com você a escovar cabelo e foi graças ao que você me ensinou que consegui me manter em Recife por muito tempo. Sou muito grato a você por ter sempre acreditado no meu sonho e me apoiado. Acho que nunca falei disso pessoalmente, várias vezes eu ia caminhando a pé do cursinho pra sua casa pra comer porque não tinha nada em casa para eu comer, você me recebia sempre um um grande sorriso e pedia pra sua mãe me dar comida, aí depois eu ficava no salão te auxiliando , e ao final do dia você sempre me dava um bom trocado, nossa eu ficava tão feliz por ter aquele dinheiro, aí eu fazia a minha feirinha na vila mesmo onde você morava. Eu sou grande admirador de sua inteligência, você fez engenharia elétrica e manjava muito de física e química , eu adorava ficar discutindo questões de física com você e de química. Você me inspirou a ser persistente e não desistir. Agradeço a Lela

pelos conselhos e por me apoiar e cuidar de mim. Quando eu adoecia ou precisava de alguma medicação ela sempre esteve presente. Vocês dois são muito especiais para mim.

Agradeço a Julio Rocha, meu grande amigo que conheci na época que fui atendente de Call Center. Amigo, muito obrigado por todo o apoio desde aquela época. Você também foi um presente que o Rodrigo (Ninho) me apresentou. Fico feliz por termos vivido tantos sonhos e projetos juntos. Obrigado por sempre acreditar que um dia eu iria conseguir ser médico. Tivemos também a oportunidade de termos trabalhado juntos como maquiador, admiro muito o profissional de excelência e referência que você se tornou.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta e indireta contribuíram para a realização deste sonho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
JUSTIFICATIVA.....	21
OBJETIVOS:.....	21
REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O TEMA.....	22
APRESENTAÇÃO:.....	24
INDIGENA ATIKUM, QUEM É, DE ONDE VEIO, O QUE PRODUZIU DURANTE A GRADUAÇÃO, QUE O MOTIVOU.....	24
METODOLOGIA.....	37
CONSTRUÇÃO DE DADOS	39
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	39
LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOCUMENTAL	39
ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS.....	43
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	44
Categoria 1: Motivações para ingresso no curso.....	46
Categoria 2: Dificuldades na escola médica	48
Categoria 3: Experiências e possibilidades de desistência	49
Categoria 4: Permanência na graduação	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFLEXÕES: TRAJETÓRIA PESSOAL DURANTE O CURSO DE MEDICINA NA UFSCAR	59
REFLEXÃO 1: SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS 3 CICLOS QUE INTEGRAM O CURSO DE MEDICINA DA UFSCAR	59
REFLEXÃO 2: SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DESSA PESQUISA.....	87
OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES E EXTRACURRICULARES	103
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	109
ANEXO I - QUESTÕES ÉTICAS	109
ANEXO II - QUESTIONÁRIO SOBRE PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	110
ANEXO III - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	111

INTRODUÇÃO

JUSTIFICATIVA

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Optei por fazer um TCC com um formato misto, composto de produções e momentos importantes que permeiam toda a minha graduação. Vale ressaltar, que este TCC versa sobre a minha Iniciação Científica (IC) desenvolvida no período de 2021 a 2023, uma reflexão sobre a IC é uma Narrativa Crítico-Reflexiva baseada em minhas experiências e relatos como estudante deste Curso de Graduação no período de 2017 a 2023, que abrange desde o momento que escolhi a medicina como profissão, até minha chegada ao curso de medicina da UFSCar, relata um pouco, também sobre a minha experiência na pandemia de COVID 19 que já está na minha reflexão da IC. Sendo assim, este TCC compreende 4 partes : 1ª parte a minha apresentação ; 2ª parte sobre minha IC; 3ª discorre sobre uma reflexão que me motivou desenvolver a IC; 4ª parte discorre sobre minha passagem pelos três grandes ciclos, que compõem o Curso, sendo cada ciclo incluso em capítulos distintos -Ciclo Básico,Ciclo Clínico e o Internato.

OBJETIVOS:

Objetivo Geral: Compreender a trajetória histórica e as vivências relacionadas à permanência dos indígenas estudantes de medicina na Universidade Federal de São Carlos.

Objetivos Específicos:

- 1) Mapear os indígenas que ingressaram no curso de medicina da UFSCar de 2007 a 2020;
- 2) Reconhecer a trajetória histórica desses estudantes quanto à permanência, evasão e conclusão do curso de medicina;
- 3) Levantar o perfil desses sujeitos quanto ao gênero, origem, povo, idade, presença ou não de filhos;
- 4) Compreender os fatores que favoreceram a permanência no curso e as estratégias construídas para superação das dificuldades enfrentadas.

REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O TEMA

Contemporaneamente é perceptível a pouca presença de indígenas nas escolas médicas. Para se compreender esse cenário, é necessário fazer uma breve análise histórica das transformações que a medicina e a atividade médica têm passado ao longo do tempo e que impactam diretamente na composição dos cursos de medicina.

As primeiras escolas médicas brasileiras foram fundadas com a chegada da família real portuguesa em 1810. Elas seguiam o modelo de formação dos cirurgiões barbeiros, que a princípio não eram baseadas no conhecimento científico, mas que com o passar do tempo foram desenvolvendo projetos acadêmicos mais elaborados e com respaldo técnico científico e de caráter laico, isso já no século XX (MACHADO; WUO; HEINZLE, 2018).

Nesse contexto, o grupo que tinha acesso às escolas médicas era composto habitualmente pela elite branca de classe social mais favorecida, podendo a medicina ser entendida como profissão imperial, destinada a quem detinha o poder econômico e político (VARGAS, 2010).

Não tão diferente daquele período, até hoje o curso médico é marcado por uma característica elitista e de certa forma restrito a uma parcela da população. Segundo Luna (2021), entre os concluintes dos cursos de medicina há uma grande parcela de pessoas brancas e com renda familiar acima da média dos brasileiros, sendo que, em 2019, 67,1% do total de estudantes concluintes da graduação em medicina declararam-se brancos, enquanto 3,4% pretos, 24,3% pardos e apenas 0,3% indígenas (LUNA, 2021).

Algumas estratégias foram sendo criadas, local e nacionalmente, para que o direito de acesso ao ensino superior fosse garantido aos indígenas, como programas de inclusão e de ações afirmativas, em cursos regulares, inclusive para a graduação em Medicina (PALADINO, 2012; LIMA, 2018).

Nesse contexto de inserção dos indígenas no ensino superior, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 2007, implementou políticas de ações afirmativas, passando a reservar uma vaga em cada curso de graduação destinado a estudantes indígenas (COHN, 2016).

Atualmente, o vestibular específico para ingresso nas vagas reservadas ocorre em diferentes cidades brasileiras, com oferta de vagas nos 64 cursos de graduação da UFSCar, inclusive em todos os cursos da saúde, somando 242 indígenas de 42 diferentes povos em 2019 (LUNA *et al.*, 2019).

Sendo assim, as ações afirmativas têm trazido a prerrogativa de acesso a pessoas que habitualmente permanecem sub-representadas nas universidades e praticamente ausentes nos cursos de medicina (BEZERRA *et al.*, 2018). É importante perceber que o curso de medicina da UFSCar é o que recebe o maior número de inscritos para o vestibular, tendo sido o mais concorrido em 2017, com a concorrência de 281/vaga; em 2018 com 260/vaga; em 2019 com 312/vaga e em 2020 com 235/vaga (SOUZA *et al.*, 2019; UFSCAR, 2021), em 2021, e 2022 (COMVEST)

Portanto, desde 2008 o curso de medicina da UFSCar recebe a cada ano um indígena, oriundo das várias regiões do Brasil, que vivenciam diferentes experiências ao longo dos anos de graduação.

APRESENTAÇÃO:

INDIGENA ATIKUM, QUEM É, DE ONDE VEIO, O QUE PRODUZIU DURANTE A GRADUAÇÃO, QUE O MOTIVOU.

Minha história com a medicina tem início na minha infância, no entanto para que o avaliador/ leitor entenda minha trajetória vale eu falar um pouco sobre minha origem e do meu povo. Sou indígena natural de Salgueiro do estado de Pernambuco, uma cidade do sertão central a 520 km da capital Recife, pertencem ao povo/etnia Atikum. É importante ressaltar que, em Pernambuco há 10 etnias (Atikum, Fulni-ô, Kambiwá, Xucuru, Truka, Pankará, Pankararu, Pipipã, Truká e Tuxá) que vivem entre o agreste e sertão, o meu povo especificamente localiza-se na Serra do Umã, situada na Carnaubeira da Penha há aproximadamente 482 km da capital Recife. Meu povo subdividido em uma tríade (Atikum, Atikum Umã e Atikum Gama) de acordo com local que originalmente viviam: Atikum da região Aldeia da Quixabeira; Atikum Umã da Serra do Umã e Atikum Gama da região da Aldeia do Gama.

Figura 1 - Fotografia da Serra do Umã



Fonte: Arquivo do pessoal (2021)

Eu sou indígena, filho de Daniel Gonçalves Pereira (não indígena), natural do Ceará e Izabel Maria Bezerra Pereira (índigena). Minha mãe nasceu na Aldeia Quixaba no município de Carnaubeira da Penha, sendo assim, eu sou indígena por parte de minha mãe. Meus avós maternos (O Pajé, Manoel Emidio Bezerra filho do indígena Emídio Teodora Bezerra e Martinha Clara da Conceição nascidos na Aldeia Paus Brancos no município de Salgueiro) e a indígena/benedeira /parteira Maria Ana Bezerra nascida na Aldeia Quixaba, filha de Miguel Antunes Bezerra descendente de holandes e Ana Santana de Jesus indígena nascida na Serra do Umã.

Figura 2 - Meus avós



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Figura 3 - (da esquerda para direita) - minha mãe Isabel (indígena) e meu pai Daniel



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Figura 4 - Fotografia mais recente do meu avô



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Meus pais sempre estiveram muito presentes durante toda minha vida, estiveram e estão comigo nessa caminhada, sofrendo comigo e comemorando cada vitória. Meu pai desde a minha infância, além de exigir que eu e meus irmãos tivéssemos bons resultados na escola, ele também, desde cedo nos estimulou e nos levava para acompanhar ele no trabalho dele para que nós, desde

cedo, tivéssemos a noção de responsabilidade, do valor do trabalho, bem como valorizássemos o dinheiro que ele nos sustentava. Nunca nos faltou nada do que estivesse ao alcance dele e de minha mãe.

Retomando sobre a minha origem, acredito que valha a pena falar um pouco mais. A colonização do Brasil inicialmente deu-se no litoral por meio das sesmarias, doação de terras para construção dos grandes engenhos para o cultivo da cana de açúcar para exportação para a Portugal. O cultivo e extração do produto da cana de açúcar, deu-se através da mão de obra escravizada, inicialmente dos nativos do litoral em seguida da grande massa de uso da mão de obra dos povos africanos, nossos irmãos arrancados de seus reinos africanos. Mas, essa parte da história, acredito que seja de conhecimento do leitor. No litoral pernambucano, sabe-se que iniciou a criação de gado, pecuária bovina, a princípio para consumo. Porém, com o crescimento incontrolável do rebanho bovino, bem como os animais começaram a consumir e devastarem o principal produto que gerava lucro para os fazendeiros, a cana de açúcar. Sendo assim, os senhores de engenho começaram a ter prejuízo. Como solução para o problema, o gado foi "empurrado" para o sertão.

A colonização/ interiorização do sertão nordestino se deu em grande parte, através do Rio São Francisco, Rio da integração nacional. Lembrando que desde a sua nascente na Serra da Canastra MG, ele com sua extensão de 2863 km percorre banhando cinco estados (Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe) por isso é chamado Rio da Integração Nacional, é também conhecido como Rio do Currais. Esse nome especificamente tem uma relação bem importante para a interiorização da pecuária bovina, uma vez que a entrada no sertão, foi utilizada às margens do Rio São Francisco para a construção de currais para o gado. Junto a isso foi à beira do rio e desses currais que povoados surgiram que futuramente deram origem a algumas cidades do sertão de pernambuco. Mas o que a colonização do sertão pernambucano tem a ver com a minha origem? Tem tudo a ver com a parte da origem indígena é da minha mãe.

O que eu vou relatar a partir de agora, não tem nada registrado em livro de história, pelo menos no que se refere à minha família. No entanto, é sabido, e muitos historiadores relatam que parte da origem do povo brasileiro brasileiro é fruto de estupro. A minha origem não foge disso.

Segundo relato de minha mãe que escutava a avó materna dela contar, minha bisavó indígena, Maria Santana de Jesus, chamada por minha mãe de vó

Dinha. Minha bisavó Dinha contava que a avó dela, minha trizavó tinha sido fruto de um estupro da minha tataravó, ela foi capturada próximo a um curral por vaqueiros que cuidavam de gados próximo a um curral na Serra do Umã. Bisa Dinha falava que a família indígena da avó dela estava próximo ao curral e fugiram para não serem presos, os vaqueiros colocaram os cachorros atrás da família dela, no entanto minha tataravó se perdeu dos pais e foi capturada pelos vaqueiros que a levaram para a casa grande do fazendeiro. Minha mãe fala que minha bisavó Dinha usava a seguinte frase “sua bisavó foi pega a cachorros, ela era uma índia braba” Minha mãe não soube precisar com que idade a minha tataravó foi capturada, de acordo com a lembrança das histórias da minha bisavó Dinha, a minha tataravó tinha por volta dos 9 anos de idade. A história não para por aqui, ela tem um desfecho ruim, que era muito comum daquela época, tampouco diferente da história de muitas meninas africanas durante o período da escravidão. Segundo minha mãe, minha bisavó Dinha falava que a bisavó dela foi levada para a fazenda e colocada num quarto, onde era oferecido água, comida e roupas.

Em algum momento, minha bisavó Dinha não soube precisar, o quarto em que a minha tataravó estava, foi invadido por um homem, que até hoje não se sabe se foi filho do fazendeiro, ou próprio fazendeiro ou algum dos vaqueiros ou filho dos vaqueiros que a estuprou. O fruto desse estupro foi a minha trizavó. Faço esse relato para contar que minha origem foi fruto de uma violência, infelizmente é uma triste história, mas faz parte da minha origem indígena.

Acredito que o avaliador/ leitor esteja se questionando, qual a relação disso tudo com o ingresso e escolha do curso de medicina, ou com sua trajetória até chegar à universidade? Vou responder, calma! Tudo está relacionado. Eu ingressei na Universidade Federal de São Carlos por causa da minha origem indígena, do sangue indígena que corre nas minhas veias, por meio de uma Política de Ações Afirmativas criadas em 2007, que adicionou uma vaga suplementar nos 64 cursos da universidade, para os povos indígenas. Selecionando o candidato através de um vestibular específico para estudantes indígenas de todo o território nacional. Sendo que na medicina, o primeiro estudante indígena ingressou somente em 2008, a partir daí, a cada ano um estudante indígena tem ingressado na Medicina por meio de vaga suplementar.

Como eu mencionei anteriormente eu sou indígena devido a minha mãe. Durante a minha infância eu costumava ir nas férias da escola para a aldeia onde meus avós

maternos moravam na Aldeia Paus Brancos, no município de Salgueiro. Meus avós eram agricultores e viviam da agricultura familiar, agricultura de subsistência. Plantavam somente para o consumo, plantavam milho, feijão, macaxeira, jerimum, abóbora melancia, melão, siri e algodão.

Figura 5 - Aldeia Paus Brancos



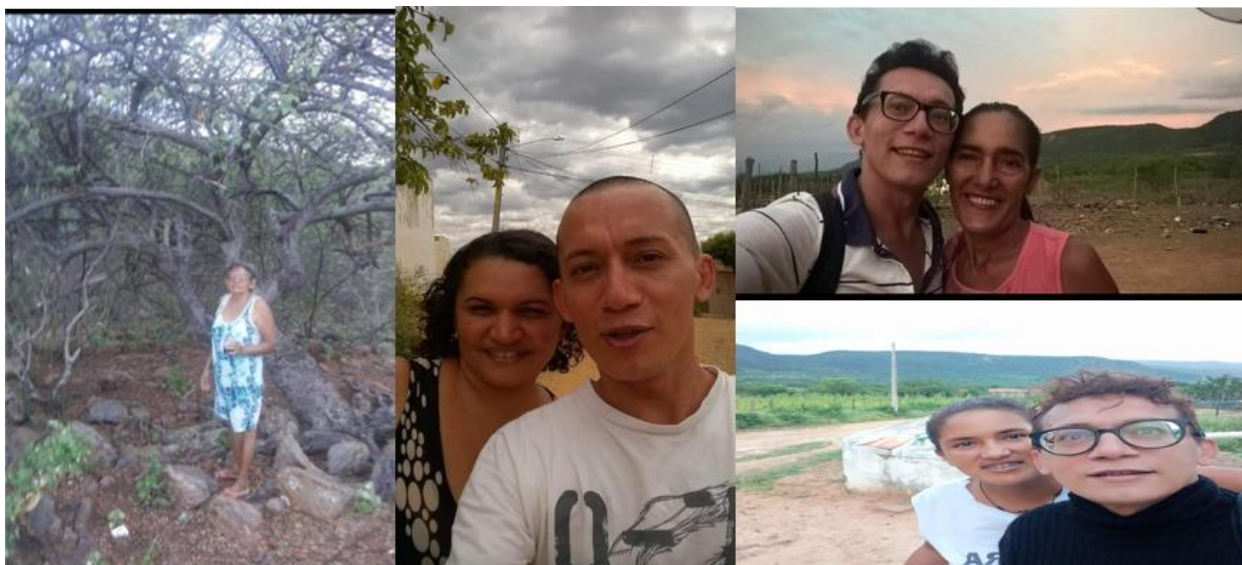
Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Quando tinha a colheita na época de chuvas, de tudo que colhiam, o que sobrava eles armazenavam, e, algumas vezes, do excedente produzido, meu vizinho levava para vender ou trocar por outras mercadorias na Feira da Aldeia do Olho D'água do Padre. Ainda me lembro como hoje, ele ia aos domingos e sempre trazia alguma lembrança para os netos. Eles também criavam galinha, cabra, porco, cavalo e jumento, tudo em pequena quantidade. O período da minha vida na aldeia foi a melhor fase da minha infância. Lá na aldeia aprendi com meus avós sobre nossas tradições, como o toré. Eu amava estar lá, parte dos valores que tenho e carrego comigo foram passados pelos meus avós. Aprendi a ter respeito pelos mais velhos, o valor do trabalho. Desde criança, eu já ajudava meu avô na roça e minha avó, nos afazeres da casa, desde ir pegar água no barreiro, catar lenha para cozinhar, pastorear as cabras, colocar comida para todos os animais. Eu

lembro como hoje, o quanto eu contava os dias para que as férias chegassem para eu ir para a aldeia ficar com minha avó.

O universo feminino sempre esteve muito presente durante toda a minha vida. Acredito que boa parte do que sou, do meu caráter, dos valores que tenho foi a influência de mulheres fortes como: minha avó, minha mãe, minha tia Graciete, minha irmã Núbia, minhas tias e primas, principalmente minha prima Sandrinha.

Figura 6 - Mulheres importantes na minha vida



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

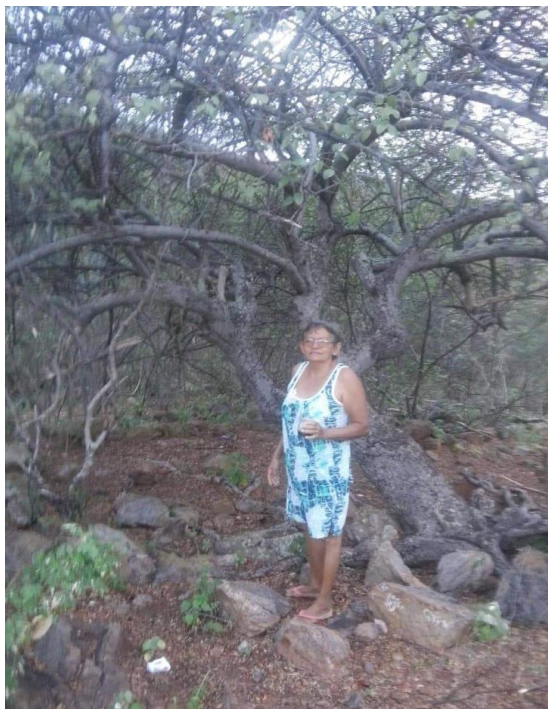
Eu convivia muito com meus dois avós, mas eu estive mais presente com a minha avó. Como eu falei anteriormente, o universo feminino sempre esteve muito presente na minha vida, pois eu sempre estava mais em contato com minha avó, tias e primas.

Eu amava estar na casa de meus avós, eu tinha aquele lugar como um castelo, lá eu me sentia protegido. Tinha um lugar especial que eu sempre gostava de estar era o umbuzeiro de minha mãe. O umbuzeiro uma árvore de pequeno porte (mede até seis metros de altura), pertencente à família das anacardiáceas, de copa larga (até quinze metros de largura), originária dos chapadões semi áridos do Nordeste brasileiro, que se destaca por fornecer sombra e aconchego. Dada a importância de suas raízes, foi chamada "árvore sagrada do Sertão" por Euclides da Cunha na sua obra Os Sertões.

O umbuzeiro conserva água em sua raiz, podendo chegar a armazenar até mil litros, e, além disso, produz uma batata, que, em época de grande estiagem, é

utilizada como alimento. O umbuzeiro vive em média 100 anos, e é considerado um símbolo de resistência. Perto da casa de meu avô ao redor tinha muitos pés de umbuzeiro e cada filho dos meus avós tinha um pé de umbuzeiro que levava seu nome. Eu costumava na época dos imbus, catar umbu em todos, no entanto tinha um que tinha um significado muito especial para mim, o umbuzeiro de minha mãe, primeiro por ser o da minha mãe, e ficava no quintal da casa. Eu costumava ficar lá brincando e me imaginando ser forte e inteligente como minha mãe era. Eu tinha e tenho até hoje esse umbuzeiro como um lugar sagrado.

Figura 7- Umbuzeiro da minha mãe



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Figura 8 - Parte do que sobrou da casa dos meus avós, o umbuzeiro fica após aquela porta.



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Na Aldeia Quixaba, onde minha mãe nasceu, eu fui lá poucas vezes durante minha infância, pois era uma viagem muito demorada que levava em torno de 8 a 10 horas a cavalo. Depois de adulto comecei a frequentar mais, uma vez que meu tio Miguel irmão de minha mãe, casado com Graciete que a tenho como tia, moram lá, bem como o acesso hoje é mais fácil do que na Aldeia Paus Brancos. Além disso, hoje lá eu tenho minha casinha na Aldeia Quixaba onde minha mãe nasceu.

Figura 9 - Minha casa na Aldeia Quixaba



Fonte: Arquivo próprio (2021)

Foi a convivência com minha avó que despertou em mim o desejo de um dia ser médico, acredito que foi despertado por minha querida vizinha. Como eu disse, minha avó era benzedeira e parteira. Eu costumava acompanhá-la algumas

vezes nas casas que ela ia prestar assistência no parto. Nunca cheguei a presenciar nenhum parto, primeiro porque eu era uma criança. Mas mesmo assim, eu ficava na sala junto com os adultos aguardando o choro da criança quando nascia. Lembro como se fosse hoje que quando algum parto complicado, as pessoas e principalmente o pai da criança ficavam aflitos, o pai com medo de perder o filho tão esperado ou perder mãe e filho. Mas, se tinha uma coisa que chamava muito atenção era o quanto eles confiavam na minha avó, sempre tinha uma pessoa que no momento da aflição falavam: “Não se preocupe, sua mulher não vai precisar ir pra cidade pra seu filho nascer a ferro com o doutor de mulher. Confia na comadre Maria, ela é a melhor parteira, seu filho e sua mulher estão com a melhor parteira da região, ela nunca perdeu nem mãe nem criança. Ela está na mão da comadre Maria que abaixo de Deus, estão os encantados de luz e a ‘dona do corpo’.”

Ao final de tudo, todos os ânimos mudam quando se escutava o choro da criança e minha avó vinha na sala e falava, “seu fio e sua muié estão bem, Deus que abençoe todos”. Quando tudo terminava, eu voltava com minha avó, e no caminho de casa ela falava. “Vandy meu fio quando você crescer ce vai estudar pra ser dotor, dotor que cuida de muié.”

Como eu falei, eu geralmente a acompanhava nas casas que ela parturiava, no entanto eu nunca cheguei e ver nenhum parto, mas em compensação o que eu vi de parto de cabra, das vacas, das jumentas. Inclusive vale ressaltar, que ela era chamada nas outras aldeias para dar assistência aos animais que estavam parindo, muitas vezes os animais estavam em risco de morte e ela os salvava. Minha avó era muito sabiá, conhecia todas as ervas. Mesmo a gente voltando dos partos dos animais, ela sempre lembrava que eu teria que ser médico quando crescer. Tem uma coisa que a minha avó me falava também” Olhá meu fio, eu nunca perdi nenhuma muié num parto, se tivesse atravessado eu rodava com o pano, pode demorar para nascer, mas nascia, porque eu confio na “dona do corpo”, e eu rezo e rogo por ela na hora do parto. Quando você for dotor na hora de um parto difícil se apegue com ela que ela não te abandonará.” Hoje escrevendo e visitando as minhas memórias, na casa de minha avó tinha algumas imagens de santos na parede da casa e lembro que tinha uma que ela tinha mais devoção, era com a Imagem de Nossa Senhora do Bom Parto, acredito que seja ela quem ela chamava de “a dona do corpo”. Acredito que as palavras da minha querida

avó foram internalizadas na minha cabeça e à medida que eu fui crescendo, eu falava que queria ser médico. Além disso, no decorrer da minha adolescência, a minha vontade de ser médico foi reforçada por um outro fator que também será descrito ao longo desse texto.

Foi na minha adolescência que tive meu primeiro contato com o ambiente hospitalar. Eu moro do lado do Hospital Regional Inácio de Sá (HRIS) de minha cidade. Na realidade acompanhei a demolição do antigo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), hoje atual local do HRIS. Ainda lembro como o hoje o barulho estorrecedor das máquinas que demoliram o prédio do SESP, que muitas vezes, a noite era até impossível de dormirmos, bem como lembro do movimento durante o dia dos trabalhadores que construíram o prédio, principalmente porque como nós morávamos do lado do hospital, minha mãe como sempre muito inteligente viu naquele movimento de muitos trabalhadores uma forma de ganhar um dinheirinho, minha mãe colocou um banquinha para vender café e tapioca para os funcionários da empresa que estavam ali trabalhando, se não me engano até a finalização da construção a banquinha de minha mãe era bem movimentada. Claro que tinha muito fiado, mamãe vendia e anotava na cadernetinha dela, ou seja vendia para receber depois.

Nossa, lembro com muito carinho ver minha mãe fazendo as contas e quando era dia do pagamento, minha mãe pegava a bolsa dela e eu ia com ela do outro lado da construção que era onde ficava o escritório da empresa para o pagamento dos funcionários e minha mãe ia lá pra receber. Lembro que em alguns momentos alguns homens não queriam pagar, tipo dar calote porque era uma mulher que estava ali pra receber, mas minha mãe só saía de lá com o dinheirinho dela. Raras vezes vi alguns homens quererem coagir minha mãe para não pagarem, mas minha mãe é uma mulher muito corajosa e enfrentava eles. Eu ficava do lado dela morrendo de medo de fazerem algo contra ela, eu não saía de perto dela, via minha mãe como uma Mulher Maravilha. Ao final ela só saía de lá com o dinheiro dela. Depois que o hospital foi inaugurado em 1991, segue imagem da minha casa que fica do lado da entrada dos funcionários do HRIS.

Figura 10 - Rua onde fica localizado o Hospital Regional Inácio de Sá (HRIS)



Fonte: Imagem do Google Maps (2021)

Foi no HRIS que tive meu primeiro contato com o ambiente hospitalar. Inicialmente comecei a trabalhar numa cantina que tinha na dentro do terreno do hospital, o proprietário era amigo do meu pai e precisava de alguém para trabalhar com ele. Lá na cantina eu via os profissionais do hospital conversarem sobre o dia a dia, os médicos falarem sobre cirurgias. Foi lá que conheci o Enfermeiro Chefe Antônio, que sempre conversava comigo, um dia numa conversa falei pra ele que eu tinha vontade de fazer um estágio no serviço de enfermagem. Ele não exitou e falou que você pode vir nos meus plantões que eu te ensino. Inicialmente eu ia nas minhas folgas, com o passar do tempo comecei a ir mais vezes porque como o movimento da cantina era pouco o proprietário acabou preferindo fechar.

Sendo assim passei a frequentar o hospital todos os dias. O Antônio me apresentou todos os setores do hospital e me colocou para estagiar em todos, desde emergência geral, enfermaria pediátrica, clínica médica, setor de esterilização. À medida que eu vivenciava aquele lugar despertava em mim a vontade de ser profissional da saúde. Um dia o Antônio falou porque você não estuda para ser médico, você vai ser um excelente médico. Passei boa parte da minha adolescência e início da vida adulta dentro do hospital. Até que um dia, muitos anos mais tarde, decidi que iria para Recife terminar o ensino médio e prestar vestibular para medicina. Eu achava que iria entrar na universidade logo no primeiro ano, mas não ocorreu. Acredito que eu pensava que seria fácil entrar

por ouvir durante as cirurgias que eu participei no hospital, ver os médicos falarem dos filhos deles que tinham sido aprovados nos primeiros lugares da universidade federal e estadual.

Logo após terminar o ensino médio não ingressei na medicina, fui reprovado no vestibular, mas não desisti. Foram anos de cursinho. No vestibular da UFSCar eu vi a minha grande oportunidade de ingressar no curso médico. Fiz para prova bem seguro do que queria e sem medo de concorrência, não achava que passava, mas fui aprovado em primeiro lugar. Cheguei em São Carlos com um único objetivo, dedicar-me às disciplinas, não reprovar para conseguir me formar em 6 anos. Mas a vida me mostrou outros caminhos a percorrer durante a graduação, uma delas foi fazer Iniciação Científica que mudou o meu olhar como estudante de medicina e meu olhar como indígena.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa exploratória, de cunho quali-quantitativa. A opção pela pesquisa deu-se por adentrar uma realidade de relações sociais e do cotidiano, o que dificulta a objetivação das ciências da natureza, e ao mesmo tempo possibilita avançar para a subjetividade e compreensão de fenômenos e processos, num campo marcado pela especificidade e diferenciação (MINAYO, 2006). Vale ressaltar que a pesquisa qualitativa trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas (MINAYO, 2017).

As entrevistas seguiram o padrão de entrevista semiestruturada, com um roteiro que buscou abordar os vários indícios tidos como necessários e capazes de evidenciar as experiências dos indígenas no curso de medicina, em temas que atentem para o englobamento das informações esperadas. As questões do roteiro foram utilizadas como uma possibilidade de caminho para a entrevista, no entanto não houve rigidez nem buscou-se limitar às respostas apenas das questões, dessa forma sendo utilizados como guia para o andamento da interlocução. O roteiro foi construído de forma que possibilitou flexibilidade nas conversas e a absorção de novos temas e questões trazidas pelo interlocutor como sendo a estrutura de relevância (MINAYO, 2014).

Para construção de dados, também se optou pela técnica da roda de conversa, por causa da aproximação com os princípios da Educação Popular, baseados em construções compartilhadas de saberes em espaços de diálogo. Dessa forma, a roda de conversa faz uso de uma técnica de pesquisa que proporciona compreender a inclusão dos pesquisadores em seu campo e o trabalho vivenciado no cotidiano, então, assim sendo, ocorre o interesse de que os sujeitos sejam ativos na produção do conhecimento, funcionando como dispositivo metodológico estratégico apoiado pela radicalização na construção de uma ciência democrática, que busca desmistificar a falácia da neutralidade (LUNA et al, 2020). Definida como um local de conversas espontâneas e sem um roteiro de perguntas preestabelecidas, essa técnica de pesquisa proporciona um maior intercâmbio de informações entre pesquisadores e participantes, partindo da exposição de um tema ao grupo, seguida de discussões, elaborações e posicionamento dos presentes. A roda de conversa tem suas bases

fundamentadas na lógica da Educação Popular e trabalha de forma dialógica direcionada para a construção coletiva entre saberes (LUNA et al, 2020).

Foram realizadas 6 entrevistas individuais com duração de tempo variados (as de maior duração tiveram duração de 48 min a 1h e 12min, as de menor duração ficaram num intervalo de 17min a 29min) e uma roda com 4 participantes de conversa com duração de (1h e 48 min).

Foram realizadas as transcrições dos áudios das entrevistas; conferência das transcrições; substituição dos nomes verdadeiros dos participantes por nomes fictícios escolhidos pelos participantes.

Foi feito os procedimentos de decomposição, categorização, inferência, descrição e interpretação, que não ocorrem necessariamente de forma sequencial, mas foram sendo construídos de forma complexa.

A análise temática utilizou como conceito central o tema, aqui entendido como frases ou resumos (GOMES, 2012) sobre o conteúdo trazido pelos sujeitos ao narrarem sua experiência enquanto indígenas que estudavam a graduação em medicina nas universidades federais. Da leitura e releitura do recorte dos depoimentos, o material foi reorganizado a partir da identificação dos núcleos de sentidos, com consequente caracterização das quatro categorias a seguir:

- Motivações para o ingresso no curso
- Dificuldades na escola médica
- Permanência na graduação
- Experiência e possibilidade de desistência

Vale ressaltar que já foi realizado a análise das 4 categorias e finalizada a pesquisa, no entanto, no momento da escrita deste TCC, não foi realizado comparação com a literatura, portanto os dados a seguir ainda podem sofrer diversas modificações até a sua finalização, pois se trata de um momento de inferência, bem como está sendo construído um artigo científico a partir dos dados desta pesquisa.

CONSTRUÇÃO DE DADOS

Pesquisa de abordagem quali-quantitativa. Os dados do mapeamento foram realizados pelo levantamento documental e questionários foram analisados de forma descritiva e o material das entrevistas está em processo final de análise de conteúdo temática. Vale ressaltar que a pesquisa foi finalizada com um artigo com os resultados finais e está em processo de construção.

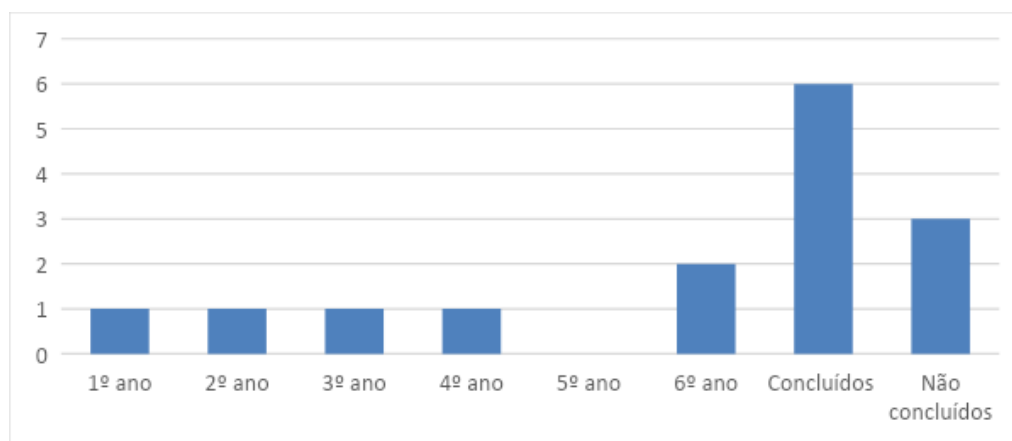
RESULTADOS E DISCUSSÃO

LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOCUMENTAL

Entre 2008 e 2023, de acordo com materiais da Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD), Coordenadoria de Acompanhamento Acadêmico e Pedagógico (CAAPE), e pela Secretaria do Departamento de Medicina da UFSCar, observou-se que 15 indígenas ingressaram no curso de Medicina, todos por meio da vaga suplementar no vestibular específico para povos indígenas. Dessa forma, não houve nenhum ingresso por meio da Lei 12.711 (Lei de Cotas), que prevê a reserva de vagas nas universidades federais a egressos de escolas públicas, estudantes de baixa renda, negros, pardos e indígenas.

Houve 3 estudantes que interromperam a graduação e não concluíram o curso de medicina. Atualmente, 6 deles estão na graduação em diferentes períodos do curso e 6 já concluíram. No ano de 2019, a vaga suplementar não foi preenchida, pois o candidato classificado optou pela entrada em outra instituição, ao passo que não foi possível chamar o próximo candidato pelo tempo decorrido no intervalo entre a matrícula e o início do período letivo.

Gráfico 01 - Anos do curso dos atuais estudantes, número de egressos que concluíram e que saíram do curso antes da conclusão, 2008 – 2023.



Fonte: Autoria própria, 2023.

De acordo com os dados contidos nos documentos institucionais, pudemos avaliar também o gênero dos indígenas ingressantes, o que pode ser observado na tabela e figura a seguir.

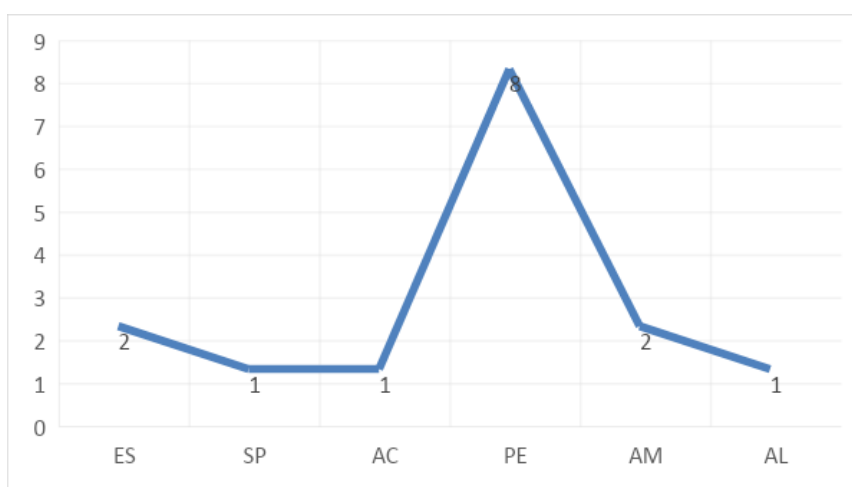
Tabela 1 - Perfil dos indígenas no seu ingresso no curso de medicina da UFSCar, 2008 - 2023.

Característica	Total	Descrição	Frequência
Gênero	15	Masculino	10
		Feminino	5
Faixa Etária	15	Menos de 20 anos	3
		Entre 20 e 25 anos	7
		Entre 26 e 30 anos	1
		Entre 31 e 35 anos	0
		Mais de 35 anos	3
		Sem dados	1
Filhos	15	Não tem filhos	11
		1 filho	1
		2 filhos	1
		3 filhos	1
		Não informado	1

Fonte: Autoria própria, 2023.

Quanto à origem, 8 são de Pernambuco, 2 do Amazonas, 2 do Espírito Santo, 1 do Acre, 1 de Alagoas e 1 de São Paulo. Ao analisar a figura 03 abaixo, percebemos que a grande maioria provém da região Nordeste, de Pernambuco, fato esse que pode estar relacionado a este estado possuir uma grande população indígena, mas com uma carência significativa de vagas do programa de ações afirmativas em suas instituições públicas de ensino.

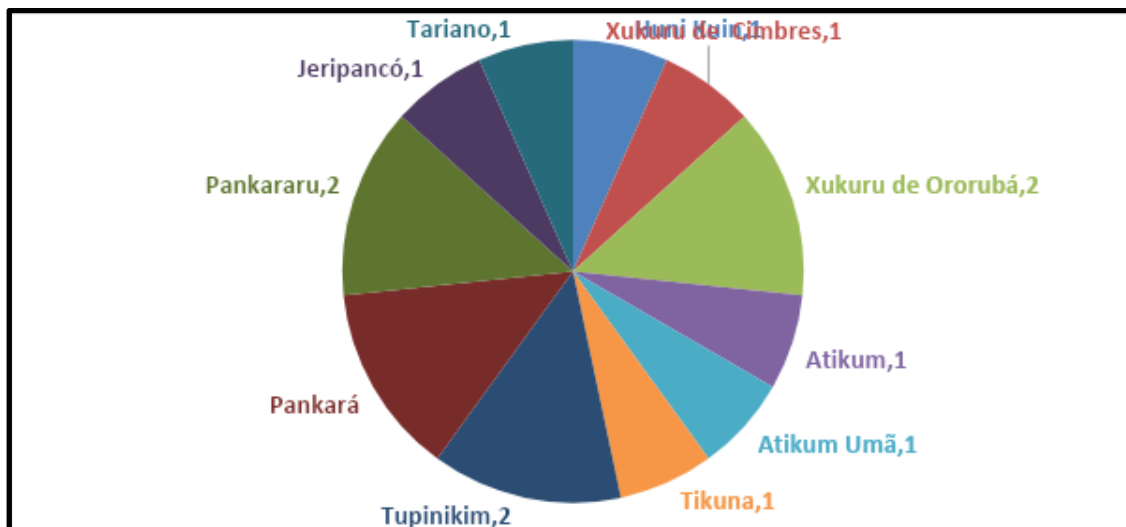
Gráfico 02 - Estados de origem dos estudantes indígenas ingressantes no curso de Medicina da UFSCar, 2008-2023.



Fonte: Autoria própria, 2023.

Em relação às etnias, há uma diversidade de povos, sendo dois dos povos Pankará, Pankararu, Xucuru de Ororubá e Tupinikim. É um dos povos Jeripancó, Xukuru de Cimbres, Huni-Kuin, Tikuna, Tariano, Atikum e Atikum-Umã. A figura 06 mostra essa distribuição.

Gráfico 03 - Diversidade étnica dos estudantes indígenas ingressantes no curso de Medicina da UFSCar, 2008-2023.



Fonte: Autoria própria, 2023.

ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

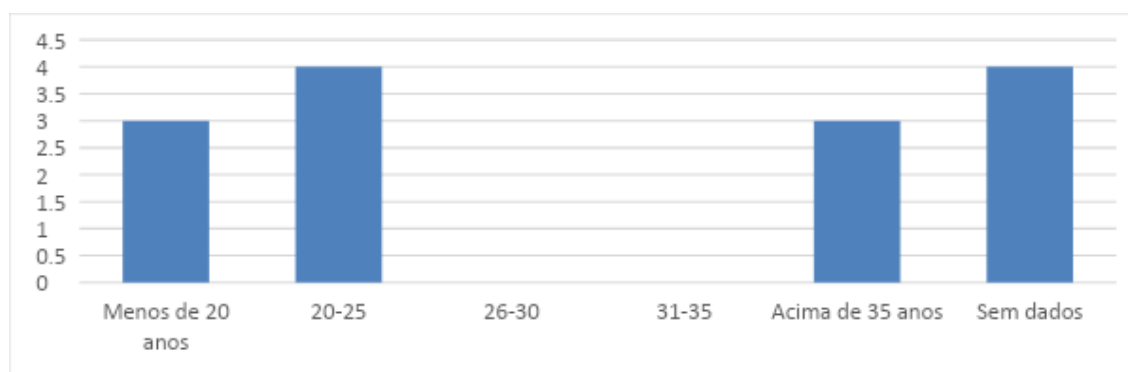
Procedeu-se o contato individual com os 15 estudantes identificados, via redes sociais e telefone, com convite para participar da pesquisa e responder a um questionário sobre perfil. Foram levantadas informações relacionadas à trajetória histórica desses estudantes quanto à permanência, evasão e conclusão do curso, bem como seu perfil, totalizando 12 participantes.

Tabela 02 - Perfil dos indígenas participantes da pesquisa no seu ingresso no curso, Brasil, 2008 a 2023.

Característica	Total	Descrição	Frequência
Gênero	12	Masculino	8
		Feminino	4
Faixa Etária	12	Menos de 20 anos	2
		Entre 20 e 25 anos	6
		Entre 26 e 30 anos	1
		Entre 31 e 35 anos	0
		Mais de 35 anos	3
Filhos	12	Não tem filhos	9
		1 filho	1
		2 filhos	1
		3 filhos	1

Fonte: Autoria própria, 2023.

Ao ingressarem no curso, os indígenas tinham uma faixa etária que variou entre 17 aos 42 anos, como observado na figura 05.

Gráfico 04- Faixa etária dos estudantes.

Fonte: Autoria própria, 2023

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Dos 15 indígenas mapeados, 12 participaram de entrevistas semiestruturadas e o processo de análise desse material está sendo elaborado, seguindo as etapas orientadas por Minayo (2006). Participaram 6 egressos e 6 atuais estudantes. Os 3 que se desligaram do curso não puderam ser contactados ou não aceitaram participar da pesquisa.

NOME FICTÍCIO	INGRESSO e IDADE	CONCLUSÃO e IDADE	CURSO CONCLUÍDO	ETNIA / POVO	ORIGEM GEOGRÁFICA	GÊNERO
Barretina	2008 e 28 anos	2014 e 35 anos	SIM	XUKURÚ DE ORORUBÁ	ES	MASCULINO
Encantados	2009 e 36 anos	2015 e 42 anos	SIM	PANKARARU	SP	MASCULINO
Xinã Bena	2012 e 20 anos	2018 e 27 anos	SIM	KAXINAWÁ	AC	MASCULINO
Arapuá	2013 e 38 anos	2018 e 44 anos	SIM	PANKARÁ	PE	FEMININO
Maya	2014 e 21 anos	2019 e 27 anos	SIM	TUPINIQUIM	ES	FEMININO
Eirapuã	2015 e 21 anos	2023 e 29 anos	SIM	PANKARARU	PE	FEMININO
Caruá	2017 e 42 anos	NÃO	6º ANO	ATIKUM UMA	PE	MASCULINO
Jupago	2018 e 21 anos	NÃO	6º ANO	XUKURÚ DE ORORUBÁ	PE	MASCULINO
Mutum	2020 e 22 anos	NÃO	4º ANO	TICUNA	AM	MASCULINO
Yacy	2021 e 17 anos	NÃO	3º ANO	TUPINIQUIM	ES	FEMININO
Ayó	2022 e 18 anos	NÃO	2º ANO	PANKARÁ	PE	MASCULINO
Toá	2023 e 22 anos	NÃO	1º ANO	JIRIPANCÓ	AL	MASCULINO

Barretina: Espécie de chapéu feita com a palha do coqueiro, que é uma marca identitária da etnia, sendo usada para a proteção espiritual.

Encantados: Encantados são os... na nossa cultura Pankararu, teve uma época que se abriu um portão eles conseguiram uma passagem para uma outra realidade. E são esses encantados que, hoje, guiam a gente aqui, como se fosse nossos deuses. Nosso mundo encantado são os nossos ancestrais. É isso. Faz parte, eu acho, da cultura indígena do nordeste a questão dos encantados.

Xinã Bena: Significa novo pensamento.

Arapuá: Nome da serra onde vive o povo.

Maya: Significa água na língua do povo Tupinikim.

Eirapuã: Abelha da região.

Caruá: O caroá é um tipo de bromélia de poucas folhas, com flores vermelhas ou rosadas. Seu nome vem da palavra em tupi *kara wã*, que significa talo com espinho. É uma planta resistente e típica das áreas de Caatinga. As folhas do caroá fornecem fibra para a confecção de barbantes/cordas, linhas de pesca, tecidos, cestos, esteiras e chapéus.

Jupago: Um instrumento que faz a marcação do toré.

Mutum: Nome do clã do povo.

Yacy: Significa lua ou sol, na língua do povo Tupinikim.

Ayó: Parte do significado do nome do povo Pankará, onde *panka* significa fumo e *ara* significa Ayó que é uma espécie de bolsa.

Toá: Trata-se do barro branco (giz branco) utilizado como matéria prima para a pintura corporal (grafismos corporais) de homens e mulheres dentro do terreiro e em alguns rituais.

Foram realizados os processos de decomposição, categorização, inferência, que não ocorreram obrigatoriamente nessa sequência.

A análise temática de conteúdo faz uso do conceito central do tema, que é entendido como frases ou resumos (GOMES, 2012). Nessa pesquisa, o tema exposto pelos sujeitos indígenas foi sua experiência durante o tempo que estudavam na Universidade Federal de São Carlos. Durante a leitura e releitura do recorte dos depoimentos, o material foi reestruturado segundo a identificação dos núcleos de sentidos, resultando na caracterização de quatro categorias a seguir:

- Motivações para ingresso no curso;
- Dificuldades na escola médica
- Experiências e possibilidades de desistência
- Permanência na graduação

É importante salientar que o processo de análise das categorias, na ocasião da produção deste relatório, estava na fase de inferências. Ainda não foi finalizada a interpretação e diálogo com a literatura. Dessa forma, os elementos a seguir ainda poderão sofrer algumas alterações até o término da pesquisa.

Categoria 1: Motivações para ingresso no curso

Das motivações gerais, houve aqueles que desejavam mudar de cidade uma vez que teriam mais oportunidades, desde conhecer novas pessoas e culturas diferentes; alguns se motivaram ou despertaram a vontade de vir fazer medicina na UFSCar após terem tido contato com pessoas ou familiares próximos que estudavam medicina, ou ingressaram em outros cursos na UFSCar e no decorrer da graduação houve aproximação com outros parentes indígenas que faziam medicina e se sentiram encorajados por elas, ou conheceram alguém que já havia falado sobre o vestibular indígena. Mutum, Xenã Bena e Maya contam:

Alguns já vinham prestando vestibular há um longo tempo e o vestibular da UFSCar foi uma grande possibilidade de ocupar uma vaga no curso médico.

...eu já vinha em um processo de vestibular há muito tempo, eu já vinha de uns 10 anos de cursinho, e já sabia de alguns vestibulares específicos para indígenas, como o de Brasília, que eu já conhecia, porque tinha um parente que fazia, mas nunca prestei o de Brasília. Quando eu pensei na UFSCar eu já estava no meu décimo ano de vestibular, então quando saiu o edital em julho... eu tentei em 2015, mas não consegui documentação, pois eu tive um problema com a liderança para assinar a minha documentação, então isso demorou mais. Quando saiu o edital em julho, eu fiz a inscrição e fui atrás da declaração, aí eu fiz a UFSCar. Eu já estava fazendo vestibular há um tempo. E, nesse ano, eu fiz vestibular para a UFSCar e para outras instituições, federal e estadual, fiz Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Pernambuco e São Paulo. Também só fiz UFSCar porque a prova... um dos motivos de eu fazer a UFSCar foi porque a prova foi em São Paulo, foi um ano em que a prova foi descentralizada, então isso facilitou por questão do meu trabalho, eu tinha um trabalho agendado para o dia da prova, mas eu só cancelei quando saiu a homologação. Então pronto, eu fiz a prova, eu acompanhei as listas anteriores. É aquela coisa, todo o estudante que faz... como a gente, todos sabem que é só uma vaga, em todo o Brasil, e a concorrência é bem alta. E, para mim, eu não precisava de concorrência, o que menos interessava era a concorrência, porque eu sempre achei que aquilo que está lá nem sempre representa a quantidade de pessoas que está preparada para fazer a prova, então eu não tive medo de concorrência. "Caruá"

Houve variadas motivações para o ingresso na medicina entres os participantes da pesquisa, principalmente quando se analisa as falas dos primeiros que ingressaram

no curso, nos primeiros anos da implantação ações afirmativas. Apareceram motivações gerais e específicas um pouco diferentes nesse grupo, o que pode estar relacionado às vivências e experiências profissionais anteriores. Entre as motivações foram: desde a implementação das Ações Afirmativa e influência dos primeiros indígenas a ingressarem na universidade, a realização pessoal e profissional, uma vez que alguns ou quase todos desse grupo já trabalhavam na área da saúde, principalmente na saúde indígena em suas comunidades, ou se sentiam sobrecarregados e desvalorizados tanto do ponto de vista do reconhecimento de seu trabalho. Alguns acreditavam que ingressar no curso médico traria uma realização pessoal tanto do ponto de vista socioeconômico, como também alcançariam o reconhecimento e valorização a que tanto almejavam. Barretina, Encantados e Mayá fala sobre:

Na verdade eu, na época, eu já estava estudando no município de Arcoverde, que é próximo a Pesqueira. E eu já tinha me programado para fazer alguma coisa na área de saúde, né. E aí eu estava fazendo o cursinho para prestar Enfermagem. Tinha uma faculdade próxima, e a gente tava com essa ideia, eu e outros colegas. E aí foi mais ou menos na mesma época que surgiu essa oportunidade por meio das ações afirmativas, né. E aí a gente acabou, por meio do Edinaldo, que também fez faculdade Psicologia aí. Ele que informou tudo para a gente. E aí a gente acabou se organizando e aí decidimos fazer a prova em São Carlos. Acabou que deu certo."Barretina"

"Tinha terminado Enfermagem, já estava trabalhando. Mas, quando eu vi que não era aquilo que eu queria, eu continuei a estudar em casa.... Na área indígena, antes o contrato era anual, então eu fiz o contrato. Quando chegou na metade do contrato, aí sim, eu já queria desistir, porque eu vi "oh, isso aqui não dá certo, isso aqui não está bom". Ah, mas você estava trabalhando no seu povo e não estava achando bom? Não. Tem dificuldade. Tem muita dificuldade. Você não tinha um serviço bom de referência, né. Não tinha médico na área. Não tinha médico na área. Então ficava difícil para um enfermeiro só tocar. Era uma área muito grande e eu fiquei muito tempo só nessa área, porque a outra enfermeira teve problemas pessoais, sabe. Daí eu falei: "oh, não quero isso aqui para mim não". E eu achava que, tipo, a enfermagem não tinha muita autonomia, sabe. E eu queria mais autonomia. Eu acho que isso foi uma das buscas também pela medicina. Além dessa questão de trabalho, tem essa questão da autonomia. Você poder prescrever, eu achava que era muito importante para mim, na época. Hoje, se eu puder nem me envolver, eu não me envolvo mais (riso). Mas é importante você poder se envolver, poder tomar decisão. A decisão é sua, na verdade."Encantados"

"Então entrei na fisio, fiz um ano de fisio aqui, um ano de fisio e eu dividia quarto com a Arapuá [outra estudante indígena] e, assim, era o tempo todo discutindo coisas da medicina e aquela coisa de caso clínico, ela chegava em casa e contava... "nossa, hoje a gente fez uma simulação de tal"... e aquilo ali, eu disse não, eu vou fazer medicina. Aí, prestei de novo o vestibular, passei."Maya"

Categoria 2: Dificuldades na escola médica

Dentre todas as dificuldades citadas pelos participantes pode se destacar: a dificuldade relacionada à metodologia do curso, principalmente no primeiro ano de curso, a grande maioria mencionou dificuldade de falar durante as atividades do curso, vale lembrar que o curso de medicina faz uso da metodologia ensino aprendizagem a metodologia ativa.

Como é uma metodologia ativa, eles exigem que você participe, principalmente falando muito. Eu tenho muita dificuldade de falar em público, de ficar falando para as outras pessoas, mesmo que a nossa turma seja dividida em pequenos grupos, né? Mesmo assim eu tenho muita dificuldade. Eu fico muito ansioso antes dos encontros e durante também e eu acabo participando pouco sabe? É mais quanto a isso acho que também a demanda de atividades mesmo não sendo tanto, como dizem, acaba pesando um pouquinho. Às vezes eu não consigo terminar tudo a tem... Quanto a metodologia, o primeiro ano eles falam que é de adaptação, então eu ainda tô me adaptando. Tô engatinhando. Mas eu acho que vai dar certo. Aos poucos dá certo. A cada encontro eu percebo que eu tô participando mais. A minha facilitadora da SP já comentou isso. E a questão de se solta "Toá"

Entre os participantes que já tinham filhos durante o curso, demonstraram além das dificuldades relacionadas à metodologia, enfatizaram também dificuldade financeira, uma vez que não havia programa de assistência estudantil como a bolsa permanência, dificuldade relacionada à distância dos filhos.

Foi mencionado a dificuldade em relação ao fato deles serem oriundos de escola públicas e com fragilidades, ou por serem mais velhos quando comparado com a maioria dos estudantes de sua turma e terem necessidade de uma carga horária de estudo bem maior do que seus colegas de curso. Além disso, foi citado o fato de não poderem trabalhar durante o curso. Barretina, Encantados, Eripuá, Mutum e Ayó falam:

Foi bem chocante, né, porque a gente faz a prova e ninguém tem aquela noção da dimensão que é. Era tudo muito recente, a universidade também não estava preparada, eu acho, porque uma coisa é fazer a prova e passar, outra coisa é você se manter ali. Eu acho que uma das dificuldades é essa... A adaptação. Eu acho que a questão do ensino médio, talvez a gente não tenha conseguido um preparo aí no ensino médio e ensino fundamental para lidar com essas matérias e que eram cobradas ali no primeiro ano ali, a base: química, biologia, estatística. Acho que isso, no começo, foi um choque. E isso é uma coisa que acaba influenciando bastante, mas depois você vai se adaptando e correndo atrás, estudando um pouco mais também. É um curso que exige muito do aluno. A Medicina é um curso que o primeiro e segundo ano ali é determinante para você né. "Barretina"

... Todas, né? Porque tipo, eu sou mais velho. Eu tenho 48 anos hoje. Então, eu já tinha filhos e esposa, então foram muitas dificuldades. Sem contar a forma de ensino da UFSCar, que é muito boa, mas é diferente, pra gente que vem de um ensino que é guiado por um professor, que é o detentor de saber. E lá, não, você é capaz de buscar esse saber, aos poucos, mas você é estimulado a fazer pesquisa. Então, isso foi um contraponto pesado. Foi uma questão de adaptação muito forte. Você ser senhor da sua formação, de sua formação depender mais de você do que dos outros; os outros só te guiam. Isso é bom porque te estimula sempre pra pesquisa, mas é um impacto grande, assim, na vida acadêmica de início. “Encantados”

“Bom, até hoje eu ainda tenho dificuldades com a metodologia, eu acho que é como se eu tivesse uma oscilação dentro do curso, então tem momentos que eu vou, eu consigo... não sei se também difere dos grupos que a gente vai fazendo rodizio, mas tem grupo que eu me dou bem, tem grupo que eu não consigo falar nada. E o meu falar talvez não seja o bastante para a metodologia em si. Então e algo que, mesmo eu estando no meu quarto ano de curso, sexto ano dentro da universidade, mas ainda me pega, ainda me dá uns tapas na cara, de vez em quando eu fico para baixo, falo “meu Deus!”. Enfim, eu vou levando um dia de cada vez.”Eripuã”

“E também, sobre a metodologia, só queria dizer que eu também me sinto muito exposto quando eu tenho que pegar, falar as coisas, meio que a gente é forçado a estar falando todo o tempo, eu acho que as minhas primeiras SPs foram as que eu menos falei, eu tive uma mudança já no segundo semestre, eu acho que... apesar de ter viajado e tudo mais, eu acho que eu consegui acompanhar o ritmo da turma de uma forma bem produtiva.”Mutum”

” Então, eu acredito que, no caso da UFSCar, por ter uma metodologia ativa, a gente sempre fica inseguro, nesse sentido mesmo de insegurança, sem saber: “ah, será que eu vou me formar um bom médico?” ou “Será que eu realmente vou aprender isso?”. Mas no sentido de desistir do curso, nunca me passou pela cabeça. Às vezes a gente se questiona mesmo por questão de metodologia ativa, porque é bem diferente do que a gente está habitualmente acostumado, de ter o professor falando ali, de ter que tá sempre se expressando, falando. As pessoas que têm maiores dificuldades de se comunicar talvez sintam um baque maior. No meu caso, às vezes eu penso no sentido assim, de: “ah, será que eu vou realmente aprender aquilo?” Ayó”

Categoria 3: Experiências e possibilidades de desistência

Os participantes da pesquisa disseram que pensaram em desistir do curso, principalmente no início da graduação, devido às dificuldades relacionadas à metodologia do curso. Todavia, permaneceram com a ajuda e apoio de alguns professores e de veteranos indígenas, que o acolheram e o orientam no que competia às atividades acadêmicas, desde material de estudo para participar das discussões dos pequenos grupos, bem como das relações interpessoais com os demais colegas de curso.

De início, eu tinha muito medo dela, dessa professora ... porque ela... logo no início ela fazia muita pergunta, e eu tinha muito medo das perguntas, chegou em um ponto de eu ter, literalmente, medo. Mas depois eu entendi o que era a dinâmica da UFSCar, a espiral, e o porquê daquelas perguntas e questionamentos. E eu acho que acabei progredindo, em termos de metodologia, aprendi a saber como era que estudava, que fontes procurar, porque a gente fica muito perdido. Diante desse momento que eu me perdi, e que não sabia o que fazer, foi um momento em que eu pensei em desistir, fiquei chorando desesperado...Eu mandei até mensagem para a Arapuá, aí eu dizendo a Arapuá e ela “calma, você está indo para onde?”, eu falei “estou indo para a moradia”, aí ela disse “me espera ali perto do DEAS que a gente vai ficar conversando”. Pronto, aí fui para ali e ela me explicou tudo “Olha, Caruá, você tem que falar isso, você tem que pegar tal livro, se você for estudar respiratório pegue o Silveton, tem uma parte que ela fala que os pulmões são iguais a um rio que você navega. Disso eu nunca esqueci. Então isso para mim foi muito importante, ter esse apoio. Eu tive esse apoio da Eirapuá também, que foi me entregar material quando eu cheguei, sabe assim? Me acolheu também a Arapuá. “Caruá”

Então, eu acredito que, no caso da UFSCar, por ter uma metodologia ativa, a gente sempre fica inseguro, nesse sentido mesmo de insegurança, sem saber: “ah, será que eu vou me formar um bom médico?” ou “Será que eu realmente vou aprender isso?”. Mas no sentido de desistir do curso, nunca me passou pela cabeça. Às vezes a gente se questiona mesmo por questão de metodologia ativa, porque é bem diferente do que a gente está habitualmente acostumado, de ter o professor falando ali, de ter que tá sempre se expressando, falando. As pessoas que têm maiores dificuldades de se comunicar talvez sintam um baque maior. No meu caso, às vezes eu penso no sentido assim, de: “ah, será que eu vou realmente aprender aquilo?”Ayó”

Além das dificuldades financeiras para se manterem no curso, também apareceram dificuldades relacionadas à distância dos núcleos familiares . Um dos entrevistados relata o fato de ter sido um dos mais velhos de sua turma, o que se somava ao fato de ser pai , ter dificuldades de trabalhar o distanciamento dos núcleos familiares. Assim, se acentuaram as dificuldades financeiras e havia maior necessidade de trabalhar em outra cidade nos finais de semana. No entanto, o trabalho o deixava cansado fisicamente durante a semana nas atividades do curso. Essas situações o levaram a pensar em desistir e chegou a trancar o curso por um ano. Entantados, Arapuá e Yacy falam:

... Todas, né? Porque tipo, eu sou mais velho. Eu tenho 48 anos hoje. Então, eu já tinha filhos e esposa, então foram muitas dificuldades.. Não, mas teve um ano que eu tive que trancar a matrícula. Basicamente, tranquei, porque eu tive que dar uma abandonada, acho que no segundo ano porque eu tinha que trabalhar. Eu já estava... Como eu disse, eu sou mais velho. Eu tinha um filho. Eu tinha que acertar a questão econômica para voltar, mas não pelo curso, não pela dificuldade no curso, era mais pela dificuldade pessoal. Tanto é que eu repeti um ano, por conta disso, porque eu saía muito para trabalhar. Eu passava lá de segunda a sexta, trabalhava sexta à noite, sábado dia,

domingo dia e voltava para lá na madrugada de novo. Aí depois me convenci que isso era uma economia burra “...Trabalhando, é. Eu chegava lá morto na segunda-feira. E tem as questões que o curso cobra também. Tudo tem o preço. Depois eu parei. Eu não cheguei bem aí e lá e trancar, mas eu desisti mesmo pra. Acho que foi no terceiro... Segundo ano é, mas foi essa a dificuldade, mais pessoal do que referente ao curso. “Encantados”

“Tive dificuldade com a distância dos meus filhos, porque eu tenho 3 filhos, o meu filho mais novo estava com 11 anos, então ele era bem novinho, precisava da mãe, e eu tinha dificuldade com isso, eu não tinha como trazer meus filhos, e sempre falo assim, a medicina é o curso do egoísta, se você for se dividir para outras coisas, você não consegue dar conta do curso. “Arapuá”

“Eu acho que no começo foi a renda, porque a minha mãe é enfermeira, técnica de enfermagem, na verdade, e aí o salário era pouco, né, e ela não tinha condições de me sustentar aqui. Ainda mais porque eu tenho mais dois irmãos que também estudam aqui. Então ela teve que pegar outro emprego. E aí ela ficou em dois empregos para conseguir me ajudar. Então, eu acho que a minha maior dificuldade Ah, eu acredito que neste primeiro ano que eu tô aqui, apesar do pouco tempo, a gente vê muito a questão da permanência em si, no quesito de auxílios mesmos, que às vezes tem cortes. Tem a questão da bolsa permanência, que tem diminuído a quantidade de vagas para as pessoas conseguirem a bolsa; eu mesmo não tenho acesso a ela. E acredito que seja a maior dificuldade para a permanência dentro do curso. O custeio com a subsistência é algo muito... Apesar de ter auxílio moradia e alimentação, tem muitos cortes, e isso deixa a gente numa instabilidade, e sem saber o que vai ser do amanhã. E o programa de bolsa permanência, que é um programa vinculado para estudantes indígenas, no caso aqui, na UFSCar, e que infelizmente a gente tem essa tenuidade, no sentido de redução do número de vagas com o passar dos anos, sobretudo da metade de 2019 para cá a gente teve uma redução drástica do número de pessoas que conseguiram. Conversando com os meus veteranos, meus amigos, eles me falaram que antes tinha um acesso mais fácil a isso e que hoje a gente vê essa fragilidade, o número de vagas têm reduzido. Então, é um programa que é de suma importância para a nossa permanência na universidade, mas que infelizmente se fragilizou nos últimos tempos. Mas acredito que, tendo em vista tudo isso de cortes, o que mais auxilia a gente permanecer é, com toda certeza, o apoio dos colegas, dos estudantes, das pessoas que vieram mais ou menos de onde a gente veio, né, Ayó! aqui, no começo, ter renda para começar a me sustentar aqui na universidade, só que depois eu consegui as bolsas aqui. Ainda bem, né.”Yacy”

Categoria 4: Permanência na graduação

Dentre a categoria permanência foram identificadas 6 núcleos de sentidos.

O primeiro núcleo de sentido é: o apoio de professores parceiros favoreceu a permanência. Dessa forma os estudantes durante a graduação tiveram como suporte professores que os orientam e estimulam a encontrar ferramentas para superarem as dificuldades relacionadas à metodologia de ensino, bem como incentivar a participarem de programas de extensão, a fazerem pesquisa com o intuito de terem um currículo de destaque. Assim fala Encantados e Caruá:

“ Oh, eu tive muito apoio da professora xxx, da ginecologia, que tinha um Pet indígena, muito mesmo. Muito apoio da xy com aqueles programas... Eu não 1 21 vou lembrar os nomes das bolsas mais, mas cuidava dos ratinhos da xylá, que era da experiência da fiso(?). Professora Joyce sempre ajudando com o estudo. Eu sempre tive muito apoio no departamento. Até a professora que tipo cobrava mais que, sei lá, me reprovou, entre aspas porque eu desisti, era xxx. Ela falava: “Não, esse curso é pra você, cara. Essa faculdade foi montada para você, você tem que aproveitar. Não foi montada para outro povo. Esse outro povo entra onde eles querem. Eles têm. Eles estudaram para entrar onde eles querem”. A gente, não, porque tem pouca oportunidade. Mas sempre tive muito apoio. No departamento, também. A professora xxx é uma das fundadoras do, como é o nome do projeto da xy? Eu vou esquecendo os nomes. Isso, é do programa. Então, ela que foi cofundadora. Ela que apoia. Ela que vê todos... Tem uma delicadeza de entender todos esses problemas, todas essas dificuldades nossas, inclusive, nas nossas falas. Porque a gente fala sempre amenizando a coisa, né. E ela assim, de uma forma geral, ela entende mais a dificuldade de um aluno que veio de escola pública, de um ensino inferior, para enfrentar a vida universitária. E ela tem muita habilidade em lidar com isso, em entender, tentar ajudar, buscar soluções. Ela saiu da UFSCar? Nossa, que pena. “Encantados”

“...adaptação. Aí eu lembro que na primeira dinâmica ela não... a gente começava a falar e ela ficava calada, só fazia algumas pontuações e não avaliava ninguém, nos dois primeiros encontros. No terceiro encontro, foi quando ela avaliou, pontualmente ela começou a avaliar e a dizer as potencialidades, então foi quando ela disse assim: – Atikum, por que você fala tão baixo? – . Eu falei uma coisa, e ela não ouviu, aí eu falei de novo e ela disse “não escutei”. Aí ela falou: “Olha, Atikum, por que você fala assim tão baixo?” Aí eu fiquei assim, era até embriologia que eu estava explicando, aí ela fez assim– sabe por que eu te interrompi? Meu lindo, você é de onde? Seu sotaque é muito lindo, e isso reflete a sua origem, então não tenha medo. Você fala de embriologia, você enche os olhos, você tem propriedade do que você fala, então bota a sua voz para fora, empodere a sua voz, porque aí as pessoas vão respeitar. Você sabe realmente o que você está falando, mas fale. Seu sotaque é lindo, e aqui todos têm um sotaque diferente –. Aí pronto, a partir daí eu comecei a me pontuar mais nas discussões, o pessoal vinha e cortava, e eu passei a cortar também, porque se você não participa, você fica com o seu resumo ali o tempo todo caladinho, o professor não vai adivinhar que você estudou. Pronto, então assim, o professor xxx, quando o conheci nas minhas atividades, todo mundo já... a Eirapuã já tinha sido aluna dele, então ela dizia: “olha, o professor xxx é bem exigente, viu?” Aí, eu: “É, vamos lá”. O Osvaldo também já tinha sido aluno do professor xx. Aí, eu sempre tinha medo, porque eu ficava me policiando. Eu sempre falava “Será que vou falar besteira?”. Mas não, eu nunca me senti, em nenhum momento, com o professor xxx, que eu estava sendo... claro, a gente é avaliado por todo o processo, nas questões que a gente tem que aprender de habilidades, mas que eu sou mais ruim ou o pior aluno, assim eu nunca me senti, sabe? Então, eu não pensava... foi um professor importante para mim, em termos de vida acadêmica. “Caruá”

O segundo núcleo de sentido é: Apoio de colegas indígenas da medicina favoreceu a permanência. Das variadas dificuldades encontradas na universidade desde a chegada ao campus, as dificuldades com metodologia de ensino

aprendizagem, vontade de desistir do curso, o apoio de colegas foi primordial para superá-las. Assim fala Encantados e Maya:

“A gente sempre tentava se ajudar. Sempre. Acho que depois do xxx foi o... Eu não me lembro qual foi a ordem certa, de quem foi, mas a gente sempre tentava conversar, falar sobre o curso: as dificuldades. Aí tentava lá. Quando alguém pedia material... É porque, como eu te falei, você não consegue se reunir com todo mundo, e às vezes a gente tem muito material digital também, e que a turma mesmo passa para todo mundo. A gente tinha essas coisas. Na medicina tem isso, né, de: “oh, tem um tal livro digitalizado, passa para fulano”. E assim vai passando, independente de ser indígena ou não. E a gente sempre se ajudou dessa maneira. Porque na verdade, para estudar na medicina, a gente estuda mais por textos, hoje. Livro é só de matéria básica: Fisiologia, Anatomia. Porque essas coisas não mudam. As outras coisas têm mudança direto. E aí era termo inaudível) (que todo mundo tem acesso.” Encantados”

“Mas digamos assim, porque eu tinha XX e o XX, então qualquer coisa que eu tivesse dificuldade, então eu acho que a gente como indígena aqui a gente assume uma realidade como um grupo e aí tem essa questão de se apoiar, então se você precisa de mim eu estou aqui disponível e procurar entendeu, então a XX sempre estava do meu lado gente depois morou junto de novo e sempre. Tudo que eu tive de dificuldade na graduação eu consegui superar com a XX e com o XX, que eram os veteranos e a gente tinha isso de adotar um ao outro e acho que foram coisas bem importantes no aspecto de formação. “Maya”.

O terceiro núcleo de sentido é: Apoio, convivência e compartilhamento de experiência e vivência com estudantes afro descendentes favoreceram a permanência. Devido ao fato de terem vivências e experiências na universidade, desde a dificuldade de acesso, compartilham da mesma dificuldade, além de tudo isso se enxergarem como irmãos, fortaleceram os laços e promoveram a permanência. Caruá e Eiripuçã falam:

“E fora indígena, que tive suporte para me acolher aqui, eu tive o XY, ele foi a primeira pessoa da medicina que eu conheci, que é um estudante negro, ele é da Angola, a turma dele é mais adiantada que a minha. XY foi assim, um amigo, um irmão, um excelente suporte. E teve o XX” Caruá”

“É...e, das redes de apoio, eu acho que são as mesmas que o Caruá tem hoje, são as mesmas que eu tenho também, porque o XY faz uma diferença muito grande aqui dentro do curso, para mim. É uma pessoa aqui que é a mais próxima, e até as dificuldades que ele tem, eu tenho igual, e a gente vai se ajudando. O XX também, a gente fazia bastante atividade juntos, e eu me sentia até mais segura, de falar com eles. Não que agora... enfim, às vezes, aparece uma pessoa aqui e outra ali, mas eles são os meus pilares aqui dentro da minha turma.” Eiripuçã).

O quarto núcleo de sentido: Apoio de colegas não indígenas e participação em atividades relacionadas ao esporte foram fundamentais para a permanência. O apoio

de colegas não indígenas da turma foi fundamental para os estudantes indígenas se sentirem acolhidos. Ações como compartilhamento de material didático, convite para praticar esportes, bem como a escuta ativa nos momentos de tristeza foi citado pelos estudantes indígenas como ferramenta de suporte. Arapuá e Yacy falam:

Todas as pessoas, todos os meus amigos eles gostam bastante de mim, tem alguns que eu nunca fiz grupo, porque tem isso aqui na Medicina, tem umas pessoas que a gente nunca conseguiu fazer grupo, mas os outros, com quem eu fiz grupo, até hoje, e sempre, sempre eles me ajudaram. Às vezes eu chego triste “ah você está triste? O que que você tem?”, o que que aconteceu?”, quando eu entrei a XX, do apoio pedagógico, me avisou “olha, é muito difícil, eles não vão dar oportunidade, quando tiver grupo de trabalho eles não vão te escolher, então você já vai preparada para isso”. Isso não aconteceu, não aconteceu comigo. Quando tinha algum grupo, assim, de trabalho, eles “ai, ela tem dificuldade de falar, então vem pro nosso grupo, ah vamos fazer com você”, tinha prova “não, a gente vai estudar juntos, a gente divide o conteúdo”. No entanto, eu tenho um amigo que é meu amigo até hoje, desde o primeiro ano, eu fiz dois amigos que é o XX e a XX, então assim, em época de prova eles falavam “ah XX, e ai mulher tu estudou?”, porque eu falo “mulher” com todo mundo então eles já falam assim também. (risos). “e aí mulher tu estudou?”, “ah eu, estudei”, “e você viu o que?”, “eu vi tal coisa”, “ah e o que você sabe de tal coisa? Fala aí o que” ... aí eu ia explicando... “ah, mas você podia complementar com isso, ah vamos fazer um resumão com todo mundo”. Eu sempre tive dúvida em fontes, em achar uma fonte boa para estudar, mas aí quando você vai tendo amigos, e eles sabem da sua... eles conhecem a sua dificuldade, ninguém é doido, e o que eles fazem “ah XX eu tenho um artigo legal que eu peguei, é em português”. Às vezes eu tinha dificuldade em ler alguma coisa em inglês, “ah eu traduzi para você, olha eu tenho esse texto aqui para você, já está traduzido, dá uma lida nisso”, “ah eu tenho tal livro”, eu quando cheguei aqui eu ia na biblioteca, tipo, eu voltava com aquele monte de livros, eu não faço mais isso “ah eu tenho um PDF de fulaninho de tal”, “ah eu tenho aula de tal”, você quer uma aula para você ouvir melhor...”, então eu tive bastante ajuda para poder construir esse... ajuda dos colegas da Medicina mesmo. Eles... nossa, metade do meu diploma eu devo a eles, eles me ajudaram muito, muito, muito... E eu acredito também que o que me facilitou bastante também foi o jeito daqui da faculdade... O jeito do curso. Porque como somos em grupos menores, então a chance de você interagir com as pessoas do seu grupo é muito maior, que são 8 ou 10 pessoas no máximo por turma, então acho que você consegue desenvolver um vínculo maior com as pessoas do seu grupo, do seu pequeno grupo. E você consegue também ter um vínculo maior com o seu facilitador, que ele te vê todos os dias, você não é uma pessoa que está sentada no fundo da sala, você é uma pessoa que está ali convivendo com ele todo dia, então eu acho que essa metodologia também facilitou bastante para continuar “Arapuá”

“Eu agora faço basquete, futsal. E fazer esporte para mim, eu sempre gostei de fazer esporte; então, tem uma atlética do curso, e eles me receberam muito bem. Então, eu acho que essa experiência foi marcante, assim, para permanecer, também, no curso, de ter uma área de lazer assim, sabe, que eu possa me distrair, que eu possa relaxar. E ao mesmo tempo é algo que eu sempre gostei de fazer esporte, então, é uma experiência incrível. “Yacy”

O quinto núcleo de sentido é: o movimento indígena local Centro de Culturas

Indígenas (CCI), criação e participação de Projetos de Extensão como o Programa de Educação Tutorial (PET) favoreceram a permanência. O coletivo indígena da universidade, o CCI que organiza a semana de acolhimento dos estudantes que estão chegando, e o PET “Indígena” - Ações em Saúde, foi citado por todos os entrevistados como ferramenta, não só de suporte financeiro, como também de grande importância para desenvolvimento de habilidades necessárias para graduação.

“O próprio movimento indígena que é o CCI, que eu fiz bastante parte até o quarto ano, porque depois no quinto ano fiquei um pouco mais ausente porque, como eu entrei no internato, o internato é um pouco difícil, então você vive no hospital... O CCI, que é o Centro de Cultura Indígena, um tipo de centro acadêmico... A gente construiu... Eu cheguei em 2012, a gente construiu o CCI em 2013, teve uma grande... Assim, nós nos reunimos pelas nossas demandas, pela bolsa permanência, nossas demandas a nível assim, espaço público da universidade mesmo... Os meninos já vinham fazendo essas articulações, os outros parentes que entraram antes. Eles já vinham fazendo esse movimento, daí o reitor nomeou uma professora para isso, que foi a professora XX que eu tenho uma relação muito forte” Xinã Bena”

“É, eu fui um dos que iniciaram o programa do PET, né. Pra mim foi bom, porque eu já tinha uma experiência como enfermeiro, que tem projeto com jovem, né. A gente fez muitos projetos na periferia de São Carlos, em bairros afastados, acho que em Santa Eudóxia, e tem um outro antes, que não me lembro o nome. “Encantados”

“Olha, eu devo agradecer muito ao PET. Pode parecer que eu estou... puxando o saco, mas não é isso. Porque a gente tem dificuldade, por mais que você tenha contato com as pessoas da cidade, o seu vocabulário ele é pobre, tem palavras mais refinada que... Você conhece as palavras porque você lê, a gente não chegou aqui à toa. Você leu bastante livros de literatura, romances, na vida inteira eu sempre fui uma pessoa que gostei bastante de ler, só que, assim, se você vive com alguém que fala palavras mais refinadas você tem um hábito e aquilo faz parte do seu vocabulário, e se você convive com pessoas que... a gente tem uma gíria que só a gente entende, tem o pernambucês que a gente sabe as palavras, que a gente fala, que a gente entende, então eu tinha muita dificuldade para falar. E no curso, que é baseado no que você fala, então eu tinha muita...aqui, e quando eu cheguei a gente não tinha bolsa nenhuma, era bolsa de 180,00 que era uma bolsa atividade, que você ia fazer uma atividade num lugar X e recebia essa bolsa... Não tinha bolsa permanência. Eu entrei em maio... eu entrei em março, e a bolsa... acho que a bolsa permanência começou em junho, aí em maio apareceu essa vaga do PET, então tipo, quem ganhava 180,00 aí passou a ganhar 400,00, era muito dinheiro. Porque eu ganhava” Arapuá”

... Até o momento que eu cheguei aqui, ele (Caruá) foi uma pessoa que super me acolheu (...) me levou para a casa dele. Então eu ficava muito apreensivo, até o momento em que eu estava aqui, nas duas primeiras semanas, era um momento que eu pensava: “será que vai dar certo?”. Até que meio a gente se mobilizou e eu acabei ficando na moradia, de uma forma meio que indireta, eu ainda fico ansioso por causa disso, mas é isso. A Eirapuã também sempre me ajudou, eu me lembro muito bem de uma cena que eu estava, tipo, eu não tinha nem lençol quando eu cheguei aqui, aí ela chegou com XXX no mesmo dia que eu me mudei para a moradia, à tarde. E ela veio às 2 horas da tarde, ela e a XXX, trouxeram lençóis e travesseiros para mim. É isso! Eu estou um

pouco emocionado agora (...) depois eu volto “Mutum”

... Aí quando eu cheguei aqui acho que a primeira pessoa que vi foi o Caruá, que me passou material, me disse como era o curso, como eram as atividades, foi quem me ajudou bastante mesmo, que me deu todos os toques. Parecia que tudo que eu ia fazendo, parecia que vinha a voz dele dizendo “olhe, isso aqui é assim e assim. Essa atividade você tem que estudar desse jeito”. Eu até fiquei, caramba, ele decorou para me passar o manual de instrução do primeiro ano de curso de medicina. E, eu entrei no curso, tive aquela semana muito importante da integração indígena, que eu conheci e tal. Bati com a amizade de uns meninos que gostavam de jogar bola, dos indígenas também, então foram amizades de ir para pelada toda semana, então aumentou o grupo de amigos. Então foi acontecendo o curso, o primeiro ano e tal. “Jupago”

O sexto núcleo de sentido é: O apoio pedagógico, apoio da coordenação do curso bem como as bolsas de permanência (moradia, alimentação, bolsa permanência favoreceram/favorecem para a continuidade e conclusão do curso. Todos os entrevistados citaram que uma política de assistência estudantil de fácil acesso, como por exemplo a bolsas de alimentação, moradia, a bolsa permanência ofertada pelo Ministério da Educação (MEC), um acompanhamento pedagógico ativo e uma coordenação acolhedora que se interessa pelas demandas dos estudantes indígenas foram fundamentais para permanecerem na universidade. Caruá e Ayó falam:

“Professores acolhedores teve o professor XX, que também foi muito acolhedor. A gente tem um período... é porque assim, eu não sou muito de seguir uma linha de raciocínio, eu vou falando e me lembrando, professor, me desculpa! XX, quando a gente chegou... tem um dia do acolhimento dos indígenas que é muito bom para a gente, em que os professores do departamento vão para uma reunião exclusivamente para nos conhecer. O professor XX ele nunca foi, que eu lembre (risos), mas ele sempre mandou alguém, e aí a menina marca para você conhecê-lo. E no dia do meu primeiro dia de aula, ele foi o meu primeiro facilitador. Ele foi muito acolhedor, me chamou para conversar, falou da Arapuá, ele lembra de quase todos os alunos que passaram por ele. Eu penso que em termos de permanência são as bolsas de apoio da universidade, de apoio aos estudantes, porque assim, a gente tem a bolsa, os indígenas e quilombolas têm a bolsa de permanência do MEC, mas o que vem acontecendo nos últimos anos é que não abriu, tanto é que o Mutum está sem bolsa. No meu ano, em que eu entrei, a gente fez matrícula, quando foi na terça-feira o sistema já abriu, e tem outra coisa, que eu vejo, a cada vez os processos vão se afunilando os processos para serem concedidos as bolsas, então assim, eles vão criando mais processos rigorosos, e que acabam excluindo algumas pessoas. Então, no meu primeiro, quando eu cheguei, a gente já tinha local garantido, então trazíamos as nossas documentações que estavam lá no edital, mas era só por uma questão burocrática, a gente colocava no envelope e entregava, mas já se chegava, você ia para a moradia, ficava de acordo com a empatia de alguém que lhe recebeu, ia ficando, e se desse, você se mudava. Quando foi na segunda-feira a gente fez a matrícula e no outro dia já abria a bolsa. No ano do Jupago, que foi o seguinte, já não abriu assim, demorou. Atikum: Demorou mais, e porque também teve um movimento indígena, nós não estávamos

ainda em pandemia, então teve aquele movimento “Terra Livre” que contou muito, porque os indígenas foram a Brasília, o pessoal do Bolsa Permanência, tem um grupo, no Facebook, de Bolsa Permanência que o pessoal se mobiliza. Então foi um pessoal da Bahia, da UFMG, então essa bolsa ajuda para que o estudante consiga permanecer no curso, A gente tem, também, uma orientação pedagógica muito boa, isso também ajuda muito, que é a xxx, ela acompanha os estudantes indígenas, e tem outra menina que acompanha os estudantes estrangeiros. A xxx, quando chega no final do ano, ela vai no SIGAA de todo mundo, ver quem reprovou, ela vai procurar saber para tentar montar uma estratégia para que a pessoa não perca a bolsa, porque existem os critérios para a bolsa, porque parece que você tem que ter 8 créditos anuais, então você não pode, você tem que completar esses créditos. “Caruá”

“Outro fato importante, que também já tinha falado anteriormente, é a questão dos auxílios que a faculdade fornece pra gente, né: o auxílio moradia para quem quer morar fora da faculdade e a moradia estudantil. No caso eu vivo na moradia estudantil, sou bolsista do programa de assistência estudantil da UFSCar. E o auxílio alimentação também, que garanti a nossa segurança alimentar. Assim, apesar das fragilidades de corte, é um sistema que tá ali pelo menos para tentar auxiliar no processo, o Restaurante Universitário, que os bolsistas do programa de Assistência Estudantil têm acesso por meio da gratuidade. No caso, a gente é bolsista, então, a gente não paga. E o programa de bolsa permanência, que é um programa vinculado para estudantes indígenas, no caso aqui, na UFSCar, e que infelizmente a gente tem essa tenuidade, no sentido de redução do número de vagas com o passar dos anos, sobretudo da metade de 2019 para cá a gente teve uma redução drástica do número de pessoas que conseguiram. Conversando com os meus veteranos, meus amigos, eles me falaram que antes tinha um acesso mais fácil a isso e que hoje a gente vê essa fragilidade, o número de vagas tem reduzido então, é um programa que é de suma importância para a nossa permanência na universidade, mas que infelizmente se fragilizou nos últimos tempos. Mas acredito que, tendo em vista tudo isso de cortes, o que mais auxilia a gente permanecer é, com toda certeza, o apoio dos colegas, dos estudantes, das pessoas que vieram mais ou menos de onde a gente veio, né. “Ayó”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que as ações afirmativas têm sido fundamentais para acesso de indígenas no curso de medicina da instituição, bem como é necessária a manutenção e ampliação dos programas de permanência. As experiências vivenciadas pelos indígenas revelaram, ainda, potencialidades relacionadas às trajetórias individuais, bem como a importância da coletividade entre os indígenas do curso de medicina e com os demais indígenas da instituição. Conhecer essas experiências favorece a identificação de fragilidades e possibilita avançar nas ações afirmativas deste curso de medicina, bem como inspirar outras instituições.

Também observou-se que a partir desses resultados, houve uma aproximação inicial das experiências vivenciadas pelos indígenas no curso de medicina da instituição, nas quais se revelaram potencialidades mais relevantes, fragilidades e formas de suplementação durante a trajetória acadêmica desses estudantes, apesar disso, faz-se necessário o aprofundamento das análises. Dentre as dificuldades, foram descritas as relacionadas à metodologia do curso, à fragilidade na formação básica, ao distanciamento da família e às dificuldades econômicas. Dentre as potencialidades, evidenciou-se o apoio institucional por meio de bolsas, acompanhamento pedagógico, professores apoiadores da causa indígena, outros indígenas do curso de medicina e o coletivo de indígenas da instituição. Em conjunto a isso, é necessário compreender as vivências dos alunos no período da pandemia de COVID-19.

Pode-se apontar além das que já foram citadas, algumas dificuldades vividas como: Incerteza sobre o período pandêmico e da graduação, devido a poucas informações no começo, medo e angústia de ser infectado com o vírus, dificuldade em entender o calendário da graduação.

REFLEXÕES: TRAJETÓRIA PESSOAL DURANTE O CURSO DE MEDICINA NA UFSCAR

REFLEXÃO 1: SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS 3 CICLOS QUE INTEGRAM O CURSO DE MEDICINA DA UFSCAR

Ingressei na Ufscar através das Ações Afirmativas, por um vestibular específico para povos indígenas em 2016. Eu já vinha no meu 10º vestibular e vi no vestibular da UFSCar uma oportunidade de conseguir ingressar no curso médico. Apesar de ser um vestibular específico para povos indígenas, eu concorri a uma única vaga com indígenas de todo o país. Fui para prova com a certeza de que eu estava preparado para fazer a melhor prova da minha vida de cursinho. Realmente foi a prova que eu vi que dominava quase todos os conteúdos, mas não tinha certeza de que seria aprovado, pois eu achava que a candidata que ficou em segundo lugar ano anterior estava fazendo também a prova e sabia mais da prova do que eu. Finalmente em janeiro saiu o resultado e eu estava na lista como primeiro lugar. Foi um sentimento ímpar, chorei bastante de alegria e de alívio, porque finalmente ingressei no curso tão sonhado. A partir daquele momento já comecei a me programar para mudar para São Carlos.

Finalmente cheguei a São Carlos e tive meu primeiro contato com veterano da medicina, o primeiro que conheci foi o Osvaldo ele estava no segundo ano do curso. Ele me acolheu e falou sobre o curso e sobre como funcionava a metodologia do curso. No dia seguinte conheci o Tiago Ramalho que estava no 3º ano do curso, também foi muito acolhedor, todos desde o primeiro momento e durante toda a graduação que estiveram aqui na medicina sempre me dando suporte nas atividades e emocional também. A primeira indígena de medicina que conheci foi a Karlinha Pankararu que estava no 3º ano, ela foi e é uma grande referência de estudante e pessoa pra mim. Ela me trouxe todo material que eu iria utilizar durante pelo menos nos 2 primeiros anos. Depois conheci a Cris Pankara que estava no 5º ano, Orinaldo que estava no quinto ano mas quando cheguei aqui ele estava no intercâmbio na Espanha, a Carol Tupinikim que estava no 4º ano.

Finalmente após ser acolhido e alocado, no decorrer da semana fui conhecer o do Departamento de Medicina da UFSCar - o tão famoso DMed, antes de iniciarem

atividades curriculares, fui com a Karlinha que me falou mais sobre o curso e de não existirem aulas expositivas, pois é um curso de metodologia ativa, onde o protagonista do conhecimento é o aluno, ele é fundamentado em uma concepção educativa que utiliza processos de construção de aprendizagem onde o estudante tem uma postura ativa em relação ao seu aprendizado (FREIRE, 2006). Fiquei temeroso, pois eu tinha impressão e a concepção, até então que era impossível aprender a praticar Medicina sem aulas expositivas, uma vez que eu vinha de uma formação desde o ensino fundamental, ensino médio e da graduação de farmácia não finalizada onde o professor era quem determinava o que era importante sabermos. Como eu falei era recém-chegado de um ensino tradicional, no qual não havia a prática de reflexão e problematização da realidade com integração teórico-prática (SANTOS, 2019).

A estruturação do curso é de fato bastante inovadora no Brasil, sob a metodologia “Problem Based Learning” (PBL), um método de ensino no qual os estudantes desenvolvem um pensamento crítico e habilidades de solução que culminaram no aprendizado e na aquisição de conhecimentos (GEMIGNANI, 2012; SANTOS, 2019). Finalmente chegou então o meu primeiro dia de atividades, que contemplava uma apresentação formal do Curso pelos meus professores e veteranos, com um percurso pelo Campus da UFSCar, onde conheci o resto das instalações do DMed e a Biblioteca Comunitária, que seriam praticamente minha segunda casa em São Carlos, até a chegada da pandemia. Até então eu não sabia até aquele momento o que iria acontecer, se eu seria capaz de permanecer no Curso, enfrentaria muita dificuldade para estudar os conteúdos por conta própria, sequer se entenderia de fato a metodologia ativa, ainda me deixando muito com medo e receoso.

PRIMEIRO CICLO: A minha primeira atividade em pequeno grupo foi a “Situação Problema” (SP), que é preponderante para o aprendizado e desenvolvimento do estudo dos sistemas do corpo humano a partir de um texto disparador apresentando no primeiro encontro para cada tema, denominado Síntese Provisória. A turma foi dividida em pequenos grupos, o pequeno grupo era consistindo de 8 pessoas, articulavam entre si para criar Hipóteses e Questões da Aprendizagem a partir do texto disparador um texto em forma de narrativa, que deveriam ser respondidas uma semana depois, na Nova Síntese, podendo a partir da discussão em grupo confirmar ou refutar as Hipóteses feitas previamente.

No fim da Nova Síntese, recebemos uma Ementa contendo os principais pontos que deveriam ter sido abordados. Ao longo das SP, meu grupo desenvolveu uma dinâmica muito boa, onde todos se sentiam à vontade, e isso se refletiu na participação cada vez mais homogênea. De fato, o método PBL tem um componente fundamental de trabalho em equipe para integrar novos conhecimentos a partir de pesquisa bibliográfica, auxiliando o grupo como um todo a progredir para a solução do caso (SANTOS, 2019).

Um grande desespero envolvido nesta atividade é a busca por bibliografia, afinal, qual a melhor fonte para cada tema? Principalmente quando eram encontradas divergências entre elas, gerando por vezes impasse na resolução de alguma Questão de Aprendizagem. Posso dizer que, com o ganho de experiência durante as atividades, fui aprendendo aos poucos como buscar cada vez melhor minhas referências, utilizando algo que o curso proporciona muito bem ao estudante, a autonomia.

É importante lembrar que o Curso de Medicina da UFSCar tem um currículo integrado, que requer articulação entre teoria e a prática. Sendo assim, a universidade faz uso dos serviços de saúde como cenários de aprendizagem, de acordo com o que está descrito no Projeto Político Pedagógico do Curso. Vou retomar um pouco da minha experiência no primeiro ciclo e falar um pouco mais sobre meus sentimentos na SP, como já falei um pouco abrangente como essa atividade funcionava do ponto de vista estrutural e funcionamento.

Dessa forma vou me ater ao sentimento que tive em ter como meu primeiro felicitador de SP que foi o professor Ubiratan que na época era o coordenador do curso. Alar da experiência com o professor Ubiratan é retomar um pouco sobre a minha chegada ao curso médico da UFSCar. Ainda me lembro, como hoje, do meu primeiro contato na Situação Problema do 1 ano em 2017 com o professor Ubiratan e das impressões e sentimentos que tive.

Uma das primeiras coisas foi o impacto de saber que o meu primeiro facilitador era o coordenador do curso, isso me causou medo. Lembro que quando cheguei à sala de pequeno grupo não tinha como se impactar com aquela imagem de homem, além de muito elegante e lindo, com todo respeito, literalmente um gentleman. A princípio fiquei com muito medo de ser chamado de burro ou coisa e tal, pois eu achava que o professor estava ali para

avaliar os que realmente sabiam muito conteúdo, que já traziam um bom conhecimento prévio.

Nos primeiros encontros de síntese provisória, eu ficava um pouco calado e pouco contribuía para a construção das questões de aprendizagem. Nas novas sínteses, a princípio, eu falava pouco, porque além de achar que eu era o pior aluno do grupo e que meu estudo estava aquém do esperado pelo facilitador.

Eu sempre espera ao final da atividade na avaliação feita pelo facilitador ele iria dizer que eu não estava preparado para estar ali. Esse medo de ser considerado um péssimo aluno, ou ser chamado de burro, porque eu não sabia tudo me perseguiu quase que em todos os encontros do pequeno grupo. Lembro, especificamente de que eu cheguei a faltar alguns encontros de nova síntese por medo do professor Ubiratan. Ainda me lembro, como se fosse hoje que na “situação problema” que a gente ia discutir o Sistema Único de Saúde (SUS), eu faltei por dois motivos: 1º passei a noite toda estudando e para passar a noite toda acordado tomei 1 litro de energético como se fosse refrigerante, quando chegou perto das 4 da manhã, literalmente comecei a enxergar pontinhos brilhantes, então pensei, deve ser porque estou muito cansado.

Coloquei o celular para despertar às 7 pois a atividade começará às 8, acabei acordando antes do despertador tocar e com a cabeça girando. Nesse momento comecei a pensar na atividade e cada vez que lembrava do professor Ubiratan, vinha minha cabeça a imagem dele dizendo que eu era um incompetente, que eu não sabia nada do assunto, que era para estudar, que eu não era comprometido. Esse pensamento me causou dor de cabeça e ânsia de vômito. Ao final acabei não indo para a atividade.

Na semana seguinte fui para atividade com medo de ser advertido pelo professor, no entanto me deparei com um facilitador super acolhedor. Assim que cheguei ele falou “meu querido sentimos sua falta! Por que você faltou no nosso último encontro?” Foi aí que eu falei o motivo da minha ausência. Pedi desculpa pela minha falta e expliquei. Primeiro eu faltei porque perdi o horário, aí falei do acontecido de ter tomado 1 litro de energético, e estava com medo do professor Ubiratan. Então ele questionou o porquê desse medo, aí eu falei que tinha medo dele me chamar de burro. Foi então que falou “meu querido Vandy, eu não estou

aqui para cumprir esse papel, estou aqui para facilitar e contribuir para a formação médica de vocês. Bem como eu não sou dono do conhecimento, estamos aqui para trocar experiências e conhecimentos. Foi a partir desse momento ,toda aquela construção do que era ser um estudante e o que se precisava para ser médico caiu por terra. Pois desde o meu ensino médio fui ensinado que para ser médico eu teria que saber tudo. Eu vinha de um ensino tradicional, tinha cursado Farmácia na Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) onde a metodologia era tradicional e tive professores que faziam questão de deixar claro que existia uma lacuna imensa de diferença entre professor e estudante, pois eles eram doutores e sabiam tudo e nós não éramos nada, ficávamos à mercê do que ele decidisse o que seria importante ele ensinar e nós tínhamos que absorver sem questionar.

Infelizmente, devido às demandas do cargo de coordenação do curso, o professor teve que se ausentar das atividades do pequeno grupo, logo perdemos um excelente facilitador. Uma vez que já estávamos acostumados com a forma que ele facilitava. No entanto tínhamos um coordenador super atencioso as demandas dos estudantes caso precisássemos.

Com o passar do ano, acabei me adaptando a metodologia, diga-se de passagem, uma das melhores que pra mim funcionou e funciona muito, acabei progredindo e passei para o 2º ano do curso. Tudo estava indo muito bem até maio quando me ausentei para realizar as eletivas referentes ao 2º ano.

De todas as atividades das práticas desde o primeiro ano curso, a prática profissional a princípio foi a atividade com que eu mais me identifiquei e da que eu mais gosto. Acredito que tenha sido primeiramente, pela forma como a atividade nos foi apresentada, e do formato que ela foi desenhada. A composição dos professores/facilitadores, nessa atividade, sempre foi uma coisa que me chamou sempre a atenção. Lembro-me de cada um dos facilitadores que tive no decorrer dos 4 primeiros anos de curso, com muito carinho. Tive 9 facilitadores nas práticas do primeiro ciclo especificamente na Saúde de Família e Comunidade (SFC).

No que compete a prática no primeiro ciclo, consiste na PP (Prática Profissional), de maneira que na UFSCar, os estudantes têm contato com o paciente desde o primeiro ano. Visitamos Unidades Básicas de Saúde, Unidades de Pronto Atendimento, e então, fomos inseridos em uma Unidade de Saúde da Família, onde

pretendia-se que ficaríamos pelos próximos quatro anos do Curso. Nas Unidades, tínhamos médicos preceptores e acompanhamos a rotina do serviço, além disso, expandimos nossa atuação para todo um território de abrangência, íamos junto com as Assistentes Comunitárias de Saúde às casas de alguns pacientes, e desde então, ficávamos encarregados em fazer as Visitas Domiciliares ao longo das semanas para eles, nas quais conhecíamos a sua situação biopsicossocial.

No primeiro ciclo, mudamos pelo menos 2 vezes de Unidade, o que eu senti impactar a atividade, pois recomeçamos em um lugar novo e com isso tomávamos tempo em nos adaptar, construir vínculo com a equipe e os pacientes. Desejo que a UFSCar possa fortalecer seu espaço nos serviços de saúde da cidade, pois os cenários de prática ainda são uma dificuldade diária no Curso desde a primeira turma e na maioria das turmas, claro que percebemos que tivemos grandes avanços quando conversamos com nossos veteranos e eles relatam como eram os cenários de práticas na época deles.

A Reflexão da Prática, funcionava como complemento com a Prática Profissional, uma vez que servia para discutir temas referentes à prática. Inicialmente, trazíamos e compartilhávamos entre nós a história de vida dos pacientes que acompanhávamos na Unidade de Saúde da Família (USF), com detalhamento minucioso. Vale ressaltar que várias trocas de Unidade tornava-se difícil manter de fato uma relação de temas para discutir com o que era vivenciado na prática, bem como manter um cuidado longitudinal de acompanhamento continuou por quatro anos como era previsto para essa prática.

No entanto, em relação aos temas escolhidos para discussão, o problema se resolveu, de fato, e esperávamos que no terceiro e no quarto ano tudo se potencializasse em relação a melhora das práticas, mas isso, claro, antes do início da pandemia.

A Estação de Simulação, acontecia na Unidade de Simulação da Prática Profissional, na presença de um docente responsável, que nos observaria em completo silêncio, durante 40 minutos, a conversar com atores que interpretaram nossos pacientes. Bem diferente do que acontecia nas minhas Visitas Domiciliares, eu tinha uma grande dificuldade de fazer essa primeira interação, principalmente de conversar, conversar, de não saber o que perguntar. Ainda lembro como hoje que eu fiquei muito tempo num silêncio sem saber literalmente o que falar, também lembro que a minha simulação durou menos de 20 minutos, pois como eu não

sabia o que fazer literalmente finalizei o atendimento.

Ao final da simulação o paciente me avaliou, falou que eu era acolhedor e que eu estava muito nervoso. Eu me avalei, meu colega que estava observando avaliou e o facilitador também, a priori lembro dele com muito carinho, o professor Fernando. Ao final dos apontamentos dele, ele foi bem acolhedor, falou que a atividade cumpria aquela função e me deixou com uma questão de aprendizagem: O que é o silêncio, o silêncio é importante durante uma consulta? Apesar das dificuldades encontradas nas primeiras simulações, consegui entender a importância da atividade para aprendermos a conversar com o paciente e ganhar a habilidade de coletar informações para então conseguirmos escrever uma boa História Clínica.

Aproveito para dar continuidade na minha experiência pessoal nesse começo de dinâmica em pequenos grupos, pois assim que cheguei aqui eu era calado falava em um tom baixo mas de forma apressada, ainda hoje sou assim, inclusive quando me apresento aos pacientes, relato isso fazendo uma relação com a minha origem pernambucana, meu sotaque e do fato de ser comunicativo. Sempre digo que caso não entenda o que estou falando pode me interromper e pedir para eu repetir. Tive inicialmente grandes dificuldades de participar ativamente das discussões quando comparado com outros colegas do grupo que tinham mais facilidade de expor o que tinham estudado. Nos meus momentos de nervosismo por falar em público, ou mesmo pelo próprio entusiasmo sobre o tema sendo discutido, muitas vezes meus colegas ou facilitador precisaram me pedir para falar mais devagar e mais alto, pois por mais que eu dominasse aquele conteúdo, eu falava baixo e muito rápido e isso dificultava os colegas compreenderem claramente. Retrospectivamente, hoje vejo que se não fosse o método, provavelmente não teria conseguido superar todas as adversidades encontradas tão rápido, uma vez que eu estava fora da minha zona de conforto desde a primeira atividade em grupo.

Da maneira que está descrito e fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso, o sistema de avaliação do Curso consiste na ADPEA (Avaliação de Desempenho no Processo de Ensino Aprendizagem), essa foi um dos critérios de avaliação que mais me geraram curiosidade no curso, uma vez que eu vinha de um método tradicional de avaliação onde se dá notas, éramos avaliados de maneira subjetiva pelos nossos professores de pequeno grupo.

Ainda lembro de como eu estava ansioso nas minhas primeiras avaliações, pois seria minha primeira devolutiva de rendimento no curso que eu tinha escolhido,

e por isso sentia muita preocupação com meu desempenho. As Avaliações Dissertativas, nossas provas objetivas abordando os temas estudados nas Situações Problemas, ocorriam 1 vez no semestre. Penso que quando comparamos com outras instituições nos coloca em desvantagem no que compromete a fazer provas em relação, compreendo que o curso propõe que o primeiro ano não seja exaustivo para os alunos, no entanto apenas 2 provas ao ano são insuficientes para abranger todos os conteúdos tão vasto da medicina, claro que nenhum curso vai dar de conta de todas as patologias existentes e dificilmente deixarão de ser parte de nossas vidas na carreira médica e teremos que estar sempre estudando.

No segundo ano, não senti o impacto que foi o primeiro, principalmente porque estava estruturado de maneira similar: Situação Problema, Reflexão na Prática, Prática Profissional e Estação de Simulação. Seguimos na mesma conformação de grupos na Reflexão na Prática e Prática Profissional, nos demais, começamos a trabalhar com pessoas novas, o que permitiu que eu me aproximasse e criasse uma rede de amigos. As atividades do segundo ano estavam mais implementadas, de maneira que comecei a estudar, finalmente, a fisiopatologia de doenças que eram introduzidas nos disparadores da Situação Problema. Na prática, seguíamos com as Visitas Domiciliares de nossos pacientes do primeiro ano, agora adicionando novos, de diferentes ciclos de vida, e as discussões eram mais proveitosas na Reflexão na Prática, agora discutindo em grupo planos de cuidados singulares para cada paciente, sentindo assim, que começamos a ajudar de verdade os nossos pacientes.

A atividade que me mudou mais drasticamente em relação ao primeiro ano foi a Estação de Simulação, agora com um nível de exigência muito superior, nos fazendo mergulhar no mundo da semiologia. Além de precisar dominar a anamnese do paciente, era preciso examinar seus diferentes sistemas, para ao final da simulação, já apresentar a ele um plano de cuidados. Ao final do primeiro ano fui fazer a eletiva. Sendo assim decidi por fazer em na área de Embriologia na UFPE, pois era uma disciplina de que eu gostava muito, e Ginecologia e Obstetrícia no Hospital da minha cidade, Salgueiro. Cumprí a carga horária da Embriologia, no entanto, não cheguei a concluir a Eletiva de Ginecologia e Obstetrícia, pois tive um AVC e precisei ser internado por 12 dias. Devido a esse fato precisei me ausentar das atividades, não era minha opção, por mim eu voltaria para terminar o ano letivo. Porém por orientação médica fui orientado a trancar. Foi aí que precisei entrar em contato com a coordenação para trancar o curso, pois eu já não conseguia trancar

através do Siga. Entrei em contato com o professor Ubiratan, e mais uma vez me deparei com um ser humano, acolhedor e sempre demonstrando muita preocupação com a minha saúde. Quando falei que precisava trancar o curso, mas eu não queria, ele falou: “Primeiro vamos cuidar da saúde, depois pensamos na sua volta, estou aqui disponível para o que você precisar”.

Acabei me ausentando todo o ano de 2018, só retornei em 2019 para repetir o 2º ano novamente. O ano de 2019, foi um ano bem difícil, pois estava numa turma totalmente diferente da minha de origem. Em alguns momentos cheguei a pensar em desistir. Mas tive uma rede de apoio muito grande, desde facilitadores incríveis que tinham um olhar diferenciado, como os facilitadores: professora Cristina Bruno que foi minha professora de Situação Problema e percebeu o quanto era difícil eu ir para atividade e me sentir bem nas dinâmicas, pois o ambiente às vezes era muito hostil. Ela me acolheu e me ajudou a seguir, me orientando em termos de estudo, bem como intervindo nas dinâmicas do pequeno grupo para que houvesse harmonia do ponto de vista de convivência e de construção de conhecimento; a professora Deborah, a tão temida facilitadora do segundo ano, por alguns alunos. Ela tinha sido minha facilitadora em 2018, foi uma grande experiência ter passado pela a facilitação dela. Nos meus momentos de angústia recorri a professora Deborah, ela foi bem acolhedora, me escutou e me orientou sobre como eu deveria agir.

Ainda lembro da fala dela "Você é um bom aluno, você fez muita falta no grupo ano passado. Se você estiver sentindo dificuldade de se colocar na discussão do grupo, deve conquistar seu espaço, pois você tem um bom conhecimento prévio. O conselho que te dou é você falar tudo o que você sabe, pois esses seus colegas dessa nova turma tem muito a aprender com você. E olha que essa turma que você está é pior do que a sua de origem. Vandiclei quando a gente pensa que as coisas vão melhorar, chega uma turma pior, aí as coisas só degingolaram. Então não tenha medo não, é nada de pensar em trancar!”.

Foi a partir desse apoio das duas facilitadoras, que comecei a criar forças e estratégias para seguir com o curso e tentar fazer com que meus colegas

de Situação Problema e Prática Profissional que eram quase os mesmo componentes, percebessem que eu estava ali para compartilhar conhecimento e aprender muito com eles, pois cada um de nós desenvolvemos habilidades diferentes, uns gostam de determinadas áreas do conhecimento médico, e vivências que compartilhadas de forma respeitosa todos saíram ganhando do ponto de vista para nossa formação médica e pessoal.

SEGUNDO CICLO: O terceiro e quarto ano foi um salto na minha formação apesar da pandemia, principalmente em relação a prática, que ao invés de se denominar Reflexão na Prática e Prática Profissional, agora se ramificou então em 4 diferentes áreas de atuação, em diferentes Unidades de Saúde pela cidade de São Carlos, sendo assim no segundo ciclo as práticas se dividiram em frentes distintas: (Saúde do Adulto e Idoso, Saúde da Criança e do Adolescente, Saúde da Família e Comunidade e Saúde da Mulher). Dos facilitadores da Saúde da Família e Comunidade tiveram 2 que não eram médicos, 6 são Médicos de Família e Comunidade e 1 Patologista. Cada um deixou a sua marca. Nas outras frentes SAI, SCr e SMu no geral tive 9 professores nos últimos 2 anos, todos são médicos de especialidades distintas.

Na Saúde da Criança e Adolescente que se passava na Unidade Saúde Escola, começamos pela primeira vez fazer o atendimento de pacientes pediátricos de diferentes idades, na reposição da prática do 3 ano após a retomada das atividades presenciais pós pandemia tivemos com o professor, um neurologista pediátrico, explicava com maestria como avaliar o desenvolvimento neuropsicomotor.

A atividade Saúde do Adulto e Idoso ganhou meu coração desde o primeiro dia, nessa atividade tivemos a Profa. Andréa, professora com uma experiência de docência muito grande. Desde o primeiro momento me identifiquei com a pessoa da professora e com a forma com que ela nos apresentou a atividade. As primeiras atividades foram bem dinâmicas, ela contribui muito com as discussões do pequeno grupo. Na Unidade do Vila Isabel, nos dividimos em duplas para atender, e após terminar, passávamos o caso para a nossa professora, Dra. Andreia, e então juntos criamos uma conduta para o paciente. No meu segundo atendimento, prescrevi pela primeira vez um medicamento anti-hipertensivo, fiz questão de reforçar a importância da mudança de estilo de vida e pactuei com o paciente sobre o que seria feito até o seu retorno conosco.

Fiquei muito emocionado por fazer parte de um atendimento que fez diferença na vida de um paciente, a partir daquela atividade me senti como médico de verdade, aquilo só veio reafirmar o quanto a minha caminhada até a medicina tem valido a pena e eu desejava fazer isso pelo resto da vida. Estava indo tudo muito bem, no entanto fomos arrebatados pela pandemia da COVID 19 que nos tirou dos cenários de prática e bagunçou a dinâmica da vida de todos. Fomos obrigados no início a ficarmos sem nenhuma atividade tanto cognitiva quanto prática. Houve perdas irreparáveis, inúmeras vidas perdidas.

Até hoje, desde o início da pandemia, não cheguei a ser acometido por essa doença, no entanto vi, amigos não só do curso, parentes mais distantes terem suas vidas dilaceradas pelas perdas decorrentes da COVID-19. Acredito que alguns professores tenham perdido parentes próximos também.

Depois de um longo período, houve várias reuniões entre coordenação, discentes e docentes para tentar traçar estratégias e chegar a um fator comum para que as atividades fossem retomadas.

Finalmente, depois de muito tempo, voltamos a ter atividades de forma remota. Para alguns estudantes esse cenário novo de ensino aprendizagem era inaceitável. No entanto devido ao cenário epidemiológico que estávamos vivendo era o ideal, pois muitos professores e alunos não podiam voltar para atividades presenciais por serem de risco. Apesar de muita insatisfação por parte dos estudantes, voltamos online.

Foram pensadas e traçadas novas propostas de ensino para que não tivéssemos tantas perdas, principalmente do ponto de vista das atividades cognitivas. A Profr^a Andrea precisou se ausentar por motivos de saúde. Não posso deixar de ressaltar que professora Andréia impactou muito meu desenvolvimento no primeiro ano, fazendo discussões riquíssimas conosco sobre alguma patologia vista no dia, conhecer quadro clínico e seu diagnóstico do paciente sempre fazendo questão de contribuir com a experiência e conhecimento dela, bem como com a personalidade dela que deixava o ambiente alegre e fácil aprender e de trabalhar.

Devido a saída da professora Andrea, tivemos um novo professor na Saúde do Adulto e Idoso o Professor Paulo, que junto com os demais professores das demais frentes, montaram um roteiro de com as atividades que eles

achavam que seriam muito importante e que poderíamos ter muito aproveitamento mesmo no cenário Ensino Não Presencial Emergencial.

A princípio ele simulava um caso clínico com a gente e nós fazíamos uma anamnese com o intuito de construirmos um raciocínio clínico, com hipótese diagnóstica e conduta para que ao final nós chegássemos achar disparadores na História Clínica e pudéssemos criar questões de aprendizagem e fazer um estudo auto dirigido e podermos discutir no pequeno grupo. Acredito que tivemos momentos de muita troca de conhecimento, pois os temas propostos foram muito bons. Lembro que em cada encontro apesar de termos tido uma atividade muito bem avaliada por todos do pequeno grupo, da facilitação que sempre era muito boa com contribuições riquíssimas, como muito respeito com cada um de nós, usualmente reclamamos do quanto fazia falta as práticas presenciais, especificamente sentíamos falta de fazer exame físico completo. O facilitador sempre recebia nossas avaliações de forma acolhedora e respeitosa. Ele também falava que entendia o quanto era importante se estivéssemos em prática, no entanto, aquilo que estávamos tendo, foi nos ofertado da melhor forma possível para que fossem amenizadas nossas perdas. Ao final do 3º ano, tentamos tirar o máximo proveito de tudo que nos era e foi ofertado, acredito que da melhor qualidade que se podia ter naquele íterim. Acredito que tivemos muito aproveitamento da prática da Saúde do Adulto e Idoso, e finalizamos o 3º ano, do ponto de vista de atividades cognitivas, cumprimos todas as frentes, só ficaram faltando as práticas do 3º ano. Fomos para o 4º ano cheios de medos e mais expectativas pois queríamos muito voltar para as práticas.

As coisas que propiciaram a nossa volta foram: a vacinação começou a ganhar força, a mobilização e o empenho da coordenação, dos docentes e discentes para que os cenários de prática voltassem, bem como o cenário epidemiológico começou a mostrar um quadro de melhora, contribuiu para o nosso retorno. Finalmente voltamos, a pequenos passos. Pactuações foram feitas para que os ambientes de práticas não ficassem muito cheios.

Os pequenos grupos foram fragmentados, sendo aprovados menos estudantes nas unidades de saúde, sendo assim teríamos menos práticas, e as reflexões da prática seria em cenário virtual. Até aí tudo bem pra mim, pois não tinha saído

ainda a distribuição de professores por grupo. Eu desejava muito cair novamente com a professora Andrea, pois já estava acostumado com o modo como ela facilitava.

Porém quando saiu a distribuição vi que o meu grupo tinha caído com outro professor, o Prof. Ubiratan Nossa quando vi, fiquei feliz, pois eu já o conhecia, pois ele tinha sido meu facilitador de Situação Problema no 1º ano, o professor Ubiratan. Mas nunca tinha passado em ambulatório com ele, seria uma nova experiência, vê-lo como médico na unidade de saúde. Lembro que quando tivemos o primeiro encontro na Unidade Básica de Saúde (UBS Vila Izabel) para que ele nos conhecesse e apresentasse o cronograma das atividades, fiquei muito feliz de reencontrá-lo, e perceber o quanto ele estava muito preocupado com as nossas perdas, mas estava se empenhando para tentar montar um cronograma que nós conseguíssemos aproveitar o máximo possível.

Em seguida começaram as práticas da Sai, sendo que era uma dupla que atendia o paciente que estava agendado, finalizamos o atendimento e mandamos mensagem no grupo para a passagem de caso e que ele desse a conduta. No meu primeiro atendimento, apesar de ter revisado anamnese e exame físico geral, fui pra prática cheio de medo.

Na passagem de caso eu me tremia mais do que tudo, me atrapalhei com a ordem que deveria ser repassada para o preceptor, bem com esqueci de perguntar coisas que eram importantes, mas enfim passei o caso. O professor Ubiratan, sempre muito acolhedor e ajudando a gente, eu e a Nicole, minha dupla na construção do raciocínio clínico.

O medo de errar sempre me persegue em tudo, da passagem de caso de forma errada, de não alcançar o que era esperado pelo facilitador. Colhi a história clínica tentando focar na consulta voltada para a Saúde do Adulto e Idoso, pois estava acostumado com consultas da SFC, bem como focando na queixa da paciente. Como falei, finalmente veio o grande momento para passar o caso para a professor Ubiratan, eu engasguei e me atrapalhei com a sequência do que tinha falar mais do que tudo. Mais uma vez fui acolhido pelos meus medos, ele também foi perguntando coisas que eram importantes que eu não tinha perguntado porque não lembrei, mas em nenhum momento me senti julgado ou mal pelas perguntas, ao contrário me ajudaram muito.

Depois de todos do grupo terem atendido, escolhemos uma História Clínica para que fosse disparador para a reflexão da prática. Em todos os poucos momentos de Reflexão da Prática, houve muita troca de aprendizado, não só entre nós estudantes, quanto da parte da professor Ubiratan, que em alguns momentos verbalizou que tinha dúvidas e que estava ali para aprender com nós também. Acredito que a forma como ele se porta, de forma respeitosa, acolhedora numa relação em que o não existe uma verticalização, onde nós não sabemos nada e ele sabe tudo por já ser médico com uma formação, diga-se de passagem admirável, sempre nos deixou à vontade para expormos nossas inseguranças, bem como o conhecimento que cada um trazia consigo, ou habilidade. Dessa forma as poucas reflexões da prática foram momentos prazerosos de muito aprendizado.

Eu como todos os demais colegas desejávamos termos atendidos muitos pacientes, além do que nós atendemos para podermos desenvolvermos nossas habilidades médicas, no entanto devido ao momento epidemiológico fomos tolhidos. Porém, devido ao empenho do professor Ubiratan, tivemos uma prática de SAI incrível, dentro do que era possível, muito organizada. Além das atividades da UBS ele conseguiu junto a USE que nós pudéssemos, mesmo que com poucas oportunidades quer seja pela pouca demanda de pacientes ou por disponibilidade da médica cardiologista, que nós pudéssemos acompanhar os exames de ECG e Esteira Ergométrica. Tive a oportunidade de ir uma vez, foi uma experiência muito boa e um novo momento de aprendizagem.

O Ambulatório do Integra Rua, atividade que contava com o suporte da Professora Maristela Adler, atividade extra onde nós atendemos os pacientes em situação de rua tem sido uma atividade ímpar, tanto do ponto de vista de conhecimento, como da oportunidade de podermos acolher essas pessoas que vivem numa situação de grande vulnerabilidade e que muitas vezes não são acolhidas nos espaços públicos, ou seja pelo estado da forma que eles necessitam. Também foi uma oportunidade de atender junto com colegas que não faziam parte do meu grupo de prática.

A facilitação do professor Ubiratan nos apresentou um olhar mais especial para a prática da Saúde do Adulto e Idoso, pois fomos expostos a uma experiência com pacientes que necessitavam de atenção à saúde mental deles, uma vez que a rede carece de profissionais médicos psiquiatras. Dessa forma eu especificamente tive a oportunidade e o desafio de atender pacientes com demandas de cuidado para saúde mental. Ainda hoje, no final desse ciclo de práticas, tenho medo de atender paciente e fazer anamnese psiquiátrica, bem como com os temas dessa área, no entanto me sinto mais confortável, pois acredito que tive um grande aprendizado, não só com as explicações do professor, como também com colegas quem apresenta um excelente habilidade e domínio dessa área, especificamente o Lukas. Eu ficava fascinado da forma com que ele falava de temas da psiquiatria de uma forma tão fluida, coisas que pra mim, às vezes pareciam serem intangíveis.

Acredito também que aprendemos ter um raciocínio crítico sobre as relações de trabalho não só na atenção primária, como também nos demais locais onde nós poderíamos vir a exercer nossa profissão, éramos sempre estimulados a termos um comportamento de respeito ao demais profissionais da saúde, pois iríamos trabalhar em ambiente multidisciplinar, bem como deveríamos, ou pelo menos não termos uma atitude que nos colocássemos como detentores do conhecimento, e sempre tentar trabalhar em equipe respeitando todos os outros conhecimentos. Nós sabíamos que durante toda a atividade nós éramos avaliados, tanto do ponto de vista de conteúdo, habilidades que precisávamos desenvolver, desde habilidades médicas, bem como habilidades de relacionamentos, quer seja elas do campo profissional, campo pessoal.

A troca de facilitador bem como a troca do ambiente de prática é uma coisa que esteve presente durante toda a graduação, principalmente nos cenários de prática profissional. Algumas vezes essas trocas causaram um leve desconforto, não só pra mim, como para o grupo. Pois era bem perceptível, acredito que até para o próprio facilitador. Acredito que este desconforto para mim, pelo menos era devido ao fato de eu já está acostumado com o formato de facilitação, bem como por já está acostumado o professor anterior, em

sim. No entanto, essas mudanças sempre foram boas para nós, uma vez que tivemos a oportunidade de trabalharmos com facilitadores de origens e formações diferenciadas, o que nos enriqueceu tanto como futuros médicos, bem como pessoas.

Nós sabemos que iríamos trabalhar com equipes multidisciplinares e ter tido esse grande leque de excelentes facilitadores(ras), me fez ter um olhar mais diferenciado do tipo de profissional a que eu almejo ser. Apesar de inicialmente, lá no meu primeiro ano de curso, eu ter tido medo de falar nos primeiros encontros e por medo de ter o meu estudo julgado como inferior, me surpreendi com um facilitador acolhedor e que me guiou para que eu sempre procurasse melhorar na procura de conhecimento para a minha formação médica. Terminei o ciclo do curso muito feliz e satisfeito por ter passado mais uma vez por uma facilitação brilhante e por ter tido mais uma vez a oportunidade de ter passado pela facilitação do professor Ubiratan, que além de ele ter muita propriedade de tudo que fala devido a sua carreira como docente e médico especialista de uma área, a homeopatia que para nós estudantes durante o curso nada nos é apresentado do quão rica essa especialidade é.

Bem como, terminei atividade da Saúde do Adulto e Idoso inebriado, de forma positiva e encantado com um grande Mestre da Saúde Mental, um professor com um olhar muito especial sobre o ser humano, que tem a imensa capacidade de se colocar no lugar do outro, acolhendo sempre , não só seus pacientes com todos os estudantes que de alguma forma precisaram de um atenção e cuidado durante esse momento da graduação.

Ficou não só na minha cabeça como também de meus colegas que o primeiro contato com o paciente não é suficiente para conhecermos como um todo, pois como o senhor fala naquele momento do atendimento ali é só uma foto. Mas, desde esse primeiro momento, precisamos e devemos acolher sempre e tentar criar um vínculo para que o cuidado seja sempre de forma longitudinal, dessa forma conseguiremos construir nossa relação médico paciente para que possamos seguir com o cuidado.

Sendo assim, reitero meu agradecimento por todo o aprendizado, por todo o empenho, foi um 4 ano inesquecível! Eu costumo dizer que tem professores que

deixam suas marcas de forma positiva, e o professor Ubiratan deixou a dele, não só para minha vida acadêmica, como também para a minha vida pessoal e profissional.

Demorei um pouco para entrar na medicina, mas acredito que tudo acontece no momento certo, penso que passei no momento certo, no lugar certo com a metodologia certa. Algumas vezes, tive a minha capacidade de está aqui no curso de Medicina colocada em prova ou colocada em dúvida por parte de raríssimos professores e colegas de curso, por eu ser indígena e ser o mais velho da turma. Mas em nenhum momento senti por parte do professor Ubiratan tais questionamentos.

Na prática profissional da Saúde da Mulher, aconteceu no bairro Aracy, aprendi a fazer o atendimento direcionado às principais queixas, fazer pré-natal, fazer o exame físico específico da mulher e a coleta de colposcopia. Foi uma atividade muito produtiva, no entanto pelo grande volume de pacientes e devido a dinâmica da Unidade de Saúde tínhamos que finalizar os atendimentos e saímos, dessa dificuldade conseguimos fazer discussões teórica presencialmente, elas ocorriam online a partir de um disparador de uma História Clínica apresentada por um dos componentes do pequeno grupo.

Agora vou tentar falar mais detalhadamente mais um pouco sobre a riquíssima experiência prática da Saúde da Mulher, que tive no decorrer do curso. Com a mudança de ciclo, as atividades da prática profissional aumentaram, bem como cada frente tinha um facilitador. Comecei o ano cheio de medo devido ao fato de estar em um novo ciclo e de saber que as cobranças que eu mesmo fazia sobre mim por saber que estava caminhando na metade do curso, novas habilidades seriam me requeridas a serem desenvolvidas dentre elas uma anamnese bem mais estruturada, exame físico completo, e um raciocínio clínico para que eu tentasse chegar a uma hipótese diagnóstica e em alguns casos tentar traçar uma conduta, mesmo que fosse só na minha cabeça. Esperava que eu tivesse muitos cenários de práticas, pois meus medos e insegurança seriam sanados à medida que as práticas fossem caminhando.

Na Saúde da Mulher tivemos a Profa. Luciana, professora com uma experiência de docência muito grande. Desde o primeiro momento me identifiquei com a pessoa da professora e com a forma com que ela nos apresentou a

atividade. As primeiras atividades foram bem dinâmicas, ela contribui muito com as discussões do pequeno grupo. Está indo tudo muito bem, no entanto fomos arrebatados pela pandemia da COVID 19 que nos tirou dos cenários de prática e bagunçou a dinâmica da vida de todos. Como falei anteriormente, fomos obrigados no início a ficarmos sem nenhuma atividade tanto cognitiva quanto prática. Houve perdas irreparáveis, inúmeras vidas perdidas.

A Profa. Luciana junto com os demais professores da Saúde da Mulher, montaram um roteiro de com as atividades que eles achavam que seriam muito importante e que poderíamos ter muito aproveitamento mesmo no cenário do Ensino Não Presencial Emergencial. A princípio ela nos passava um caso clínico e nós através dos disparadores buscamos fazer um estudo auto dirigido e podermos discutir no pequeno grupo. Acredito que tivemos momentos de muita troca de conhecimento, pois os temas propostos foram muito bons.

Lembro que em cada encontro apesar de termos tido uma atividade muito bem avaliada por todos do pequeno grupo, da facilitação que sempre era muito boa com contribuições riquíssimas, como muito respeito com cada um de nós, usualmente reclamamos do quanto fazia falta as práticas presenciais.

A professora sempre recebia nossas avaliações de forma acolhedora e respeitosa. Ela também falava que entendia o quanto era importante se estivéssemos em prática, no entanto, aquilo que estávamos tendo, foi nos ofertado da melhor forma possível para que fossem amenizadas nossas perdas. Ao final do 3º ano, tentamos tirar o máximo proveito de tudo que nos era e foi ofertado, acredito que da melhor qualidade que se podia ter naquele íterim. Acredito que tivemos muito aproveitamento da prática da Saúde da Mulher, e finalizamos o 3º ano, do ponto de vista de atividades cognitivas, cumprimos todas as frentes, só ficaram faltando as práticas do 3º ano. Fomos para o 4º ano cheios de medos e mais expectativas pois queríamos muito voltar para as práticas.

As coisas que propiciaram a nossa volta foram: a vacinação começou a ganhar força, a mobilização e o empenho dos docentes e discentes para que os cenários de prática voltassem, bem como o cenário epidemiológico começou a mostrar um quadro de melhora, contribuiu para o nosso retorno.

Finalmente voltamos, a pequenos passos. Pactuações foram feitas para que os ambientes de práticas não ficassem muito cheios. Os pequenos grupos foram fragmentados, sendo aprovados menos estudantes nas unidades de saúde, sendo assim teríamos menos práticas, e as reflexões da prática seria em cenário virtual. Até aí tudo bem pra mim, pois não tinha saído ainda a distribuição de professores por grupo. Eu desejava muito cair novamente com a professora Luciana, pois já estava acostumado com o modo como ela facilitava. Porém quando saiu a distribuição vi que o meu grupo tinha caído com outra professora, Maristela Carbol. Nossa quando vi, fiquei desesperado, eu nem a conhecia, mas o nome dela me soava com um nome forte, que me dava medo, não sei explicar o porquê, mas foi o primeiro sentimento que tive. Lembro que quando tivemos o primeiro encontro online para que ela nos conhecesse e apresentasse o cronograma das atividades, fiquei com medo de que ela fosse muito ríspida, o que não aconteceu, ela se mostrou muito preocupada com as nossas perdas, mas estava se empenhando para tentar montar um cronograma que nós conseguíssemos aproveitar o máximo possível.

Ficou marcado que teríamos oficina de na Estação de Simulação, o grupo seria dividido ao meio. O meu foi o segundo. Lembro ainda hoje que quando saiu a distribuição para a oficina, fiquei desesperado com medo de ser chamado de burro e já tinha na minha cabeça que ela iria me reprovar. Então procurei o Júlio, um colega querido que fazia atividade de extensão com ele para falar do meu medo em relação à professora Maristela. A fala do Julio foi a seguinte (“amigo a Maristela é maravilhosa, acalma seu coração, vamos aprender muito com ela”), foi aí que me acalmei mais, e comecei a me preparar para a oficina da Saúde da Mulher.

Fui pra oficina me tremendo todo, quando chego lá me deparo realmente com uma mulher de uma imagem forte, bem marcante. Sou maquiador e cabeleireiro, claro que sempre tem coisas nas mulheres que sempre olhou com olhar de profissional da beleza, claro que tento disfarçar. Mas não tinha como não observar, uma professora linda, ruiva com um cabelo lindo, cabelo acobreado, belíssima! Aquela imagem já me impactou, no entanto o que mais me causou impacto foi o quanto a professora Maristela era acolhedora, de uma postura respeitosa com

as nossas deficiências , e com uma imensa vontade de nos ensinar e nos guiar nesse nosso momento do curso, pois estamos repletos de defasagem em habilidades que deveríamos termos adquirido no 3º ano e não foi, devido à pandemia.

Em seguida começaram as práticas da Saúde da Mulher, sendo que só era uma dupla por horário determinado. No meu primeiro atendimento, apesar de ter estudado o exame físico geral, das mamas e ginecológico, fui pra prática cheio de medo. Medo de errar tudo, da passagem de caso, de não alcançar o que era esperado pela facilitadora. Colhi a História Clínica tentando focar na consulta voltada para a Saúde da Mulher, pois estava acostumado com consultas da Saúde da Família e Comunidade, bem como focando na queixa da paciente. Finalmente veio o grande momento para passar o caso para a professora Maristela, eu engasguei e me atrapalhei com a sequência do que tinha falar mais do que tudo. Mais uma vez fui acolhido pelos meus medos, ela também foi perguntando coisas que eram importantes que eu não tinha perguntado porque não lembrei, mas em nenhum momento me senti julgado ou mal pelas perguntas, ao contrário me ajudaram muito. Infelizmente não houve exame ginecológico na minha primeira consulta na saúde da mulher.

Depois de todos do grupo terem atendido , escolhemos uma História Clínica para que fosse disparador para a reflexão da prática. Em todos os momentos de Reflexão da Prática, houve muita troca de aprendizado, não só entre nós estudantes, quanto da parte da professora Maristela, que em alguns momento verbalizou que tinha aprendido com nós também. Acredito que a forma como ela se porta, de forma respeitosa, acolhedora, numa relação em que o não existe uma verticalização, onde nós nao sabemos nada e ela sabe tudo por já ser médica com uma formação, diga-se de passagem admirável. Sempre nos deixou à vontade para expormos nossas inseguranças, bem como o conhecimento que cada um traz consigo, ou habilidade. Dessa forma as reflexões da prática foram momentos prazerosos de muito aprendizado.

Eu como todos os demais colegas desejávamos termos atendidos muitos pacientes par a podermos desenvolvermos nossas habilidades médicas, no entanto devido ao momento epidemiológico fomos tolhido. Porém, devido ao empenho da professora

Maristela, tivemos uma prática de Saúde da Mulher incrível, dentro do que era possível, muito organizada.

A sua facilitação nos apresentou um olhar mais crítico sobre as relações de trabalho não só na atenção primária, como também nos demais locais onde nós poderíamos vir a exercer nossa profissão, éramos sempre estimulados a termos um comportamento de respeito ao demais profissionais da saúde, pois iríamos trabalhar em ambiente multidisciplinar, bem como deveríamos, ou pelo menos não termos uma atitude que nos colocássemos como detentores do conhecimento, e sempre tentar trabalhar em equipe respeitando todos os outros conhecimentos.

Nós sabíamos que durante toda a atividade nós éramos avaliados, tanto do ponto de vista de conteúdo, habilidades que precisamos desenvolver, desde habilidades médicas, bem como habilidades de relacionamentos, quer seja elas do campo profissional, campo pessoal. A troca de facilitador bem como a troca do ambiente de prática é uma coisa que esteve presente durante toda a graduação, principalmente nos cenários de prática profissional. Algumas vezes essas trocas causaram um leve desconforto, não só pra mim, como para o grupo, pois era bem perceptível, acredito que até para o próprio facilitador.

Acredito que este desconforto para mim, pelo menos era devido ao fato de eu já estar acostumado com o formato de facilitação, bem como por já está acostumado o professor anterior, em sim. No entanto, essas mudanças sempre foram boas para nós, uma vez que tivemos a oportunidade de trabalharmos com facilitadores de origens e formações diferenciadas, o que nos enriqueceu tanto como futuros médicos, bem como pessoas. Apesar de inicialmente eu ter tido medo de falar nos primeiros encontros e por medo de ter o meu estudo julgado como inferior, me surpreendi com uma facilitadora acolhedora e que me guiou para que eu sempre procure melhorar na procura de conhecimento para a minha formação médica. Terminei a prática de Saúde da Mulher do curso muito feliz e satisfeito por ter passado mais uma vez por uma facilitação brilhante e por ter tido mais uma vez professora que além

de ter muita propriedade de tudo que falava devido a sua carreira como docente e médica especialista de uma área que muitas vezes no decorrer do curso me causou medo porque eu tinha muita dificuldade com a especialidade.

Por fim, a atividade na Saúde da Família e Comunidade ocorreu entre a Unidade da Saúde da Família São Rafael e Cruzeiro do Sul, onde tínhamos um espaço físico muito limitado na Unidade, com apenas uma sala disponível para revezar os atendimentos. Por mais que a Saúde da Família seja uma das áreas pelas quais eu mais gostava, no terceiro e quarto ano tivemos poucas práticas devido a pandemia. A Estação de Simulação do terceiro ano também foi dividida em diferentes áreas: Saúde do Adulto e Idoso, Saúde da Família e Comunidade, Saúde da Criança e do Adolescente e Saúde da Mulher com um professor para cada especialidade. Cada grupo rotaciona pelas áreas ao longo do semestre, adquirindo assim competências referentes a cada uma. Enquanto primeiro e segundo ano foi extremamente proveitoso e prazeroso, o terceiro e quarto, no final de 2019 seguido de 2020 e parte de 2022, o surgimento de disseminação de COVID 19, tendo sido declarada como pandemia em março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde. Não tínhamos ideia do que estava por vir, bem como do quanto o período pandêmico ia causar na nossas vidas e na nossa formação médica.

Como disse anteriormente tive 9 facilitadores, desses tiveram 2 que eram enfermeiros (Prof Flavio e Profª Vera Lorem, 6 foram Médicos de Família e Comunidade (Prof. Willian, Profº Marcelo, Profº Renata, Profª Rosalina, Profª Cecília e Prof Geovanni) um é Patologista (Profª Monica). Cada uma deixou a sua marca. Vou tentar falar um pouco sobre a prazerosa experiência que tive no decorrer do curso, na Saúde da Família e Comunidade do 3º e 4º ano. No que se refere aos que eram enfermeiros, eles tinham uma experiência ampla na atenção primária como docentes, bem como entendiam muito do método da Medicina UFSCar.

Esses dois, Prof. Flávio e Profª Vera Lorem tinham um olhar diferenciado sobre nós estudantes, pois além deles nos avaliarem do ponto de vista do conhecimento, eles nos apresentavam um olhar mais crítico sobre as relações de trabalho não só na atenção primária como também nos demais locais onde nós poderíamos vir a exercer nossa profissão, éramos sempre estimulados a termos um comportamento de respeito ao

demais profissionais da saúde, pois iríamos trabalhar em ambiente multidisciplinar, bem como deveríamos, ou pelo menos não termos um atitude que nos colocássemos como detentores do conhecimento e sempre tentar trabalhar em equipe respeitando todos os outros conhecimentos.

A troca de facilitador bem como a troca do ambiente de prática é era uma coisa que esteve sempre presente durante toda a graduação, principalmente nos cenários de prática profissional. Algumas vezes essas trocas causaram um leve desconforto, não só pra mim, como para o grupo. Pois era bem perceptível, acredito que até para o próprio facilitador. Acredito que este desconforto para mim, pelo menos era devido ao fato de eu já está acostumado com o formato de facilitação, bem como por já está acostumado o professor em sim.

No entanto, essas mudanças sempre foram boas para nós, uma vez que tivemos a oportunidade de trabalharmos com facilitadores de origens e formações diferenciadas, o que nos enriqueceu tanto como futuros médicos, bem como pessoas. Inicialmente no 4º na Saúde da Família e Comunidade a facilitadora era a Prof.^a Cecília, uma professora que eu já conhecia desde a minha chegada à UFSCar. Ela é uma grande parceira do coletivo indígena o Centro de Cultura Indígena, ela já fazia parte da Roda de Saúde Indígena, atividade que faz parte do PET “Saúde Indígena”. Bem como desde o primeiro ano do curso eu já sabia que tinha grande possibilidade de ficar no na Unidade da Saúde da Família Cruzeiro do Sul, unidade onde ela era médica.

Os primeiros encontros de prática e de reflexão prática foram com ela, porém ela precisou se afastar e tivemos troca de facilitador no 4º ano. Essa troca ocorreu quase que especificamente, no final do 4 ano ter tido uma facilitadora proveniente de uma outra instituição, a professora Mônica, e com uma formação em Patologia, mais uma vez me desestabilizou, a princípio, pois eu já estava bem acostumado com a facilitadora anterior, professora Cecília. Como eu disse desde o início do curso, sabia que ela era facilitadora do 4º ano e eu desejava muito cair na facilitação dela.

Por sorte, meu grupo caiu com ela. Acredito que esse meu desejo de desde o início querer está no grupo dela tenha sido devido ao fato de

ela ter sido facilitadora de todos os estudantes indígenas que já passaram pela medicina, e todos falavam muito bem dela, não só da facilitação, como também do envolvimento dela com os movimento indígena na UFSCar. Ela já tinha trabalhado muito com estudantes indígenas e também já tinha trabalhado em São Gabriel da Cachoeira como médica com os povos indígenas do norte. Ela tem um olhar diferenciado sobre nós estudantes indígenas, pois ela sabe muito sobre nossas especificidades.

Acredito que tenham sido esses motivos que eu tenha criado toda essa expectativa e desejo de passar pela a facilitação dela. Infelizmente, ela precisou se ausentar do curso para realizar tarefas fora da universidade. Mas foi muito prazeroso e de excelentes momentos de troca que tivemos, não apenas no ambiente de prática como também nos ambiente de reflexão da prática.

A reflexão da prática com a professora Mônica, no primeiro momento em causou muito medo, primeiramente por saber que ela era patologista, e que eu achava que e nao seria bom. No entanto , mais uma vez me surpreendi, pois ganhamos muito por ter passado por uma facilitadora, que além de ser de uma especialidade é totalmente diferente de todas as outras que tive. A professora Mônica, apesar de não estar na prática clínica há um bom tempo, nos trouxe e nos agraciou com o seu amplo e profundo conhecimento sobre patologia, e nos fez refletir não só sobre o nosso estudo, bem como nos estimulou a sermos críticos no que se refere às fontes que nós acessamos.

Apesar de inicialmente eu ter tido medo de falar nos primeiros encontros e por medo de ter o meu estudo julgado como inferior, me surpreendi com uma facilitadora acolhedora e que nos ensinou muito.

TERCEIRO CICLO: O internato é o terceiro e último ciclo do curso, sendo entre todos o mais prático. Uma semanas antes de começar oficialmente, fui tomado por muito medo e ansiedade devido às grandes expectativas que guardava desse período ainda muito obscuro, pois era certo que me afastaria ainda mais do Campus da UFSCar. Bem como tive medo por achar que tinham alguns rodízios que eram considerados mais difíceis, principalmente o rodízio de Clínica Médica. Cheguei até pensar em desistir, tive uma crise de choro, mas graças a professora Cris bruno fui acolhido e ela me levou para conhecer duas professoras que com certeza além

de serem futuras docentes da pediatria (Prof^a Cris Osthise e Prof^a Esther) me receberam e me acolheram nos meus medos e angústias.

Se hoje estou fazendo essa reflexão, é porque foram elas que me encorajaram a não desistir do internado e me inspiram como profissionais da saúde a que eu almejo ser. Também tinha o medo e ansiedade de mudança de ciclo e por saber que seria inserido no Hospital Universitário da UFSCar, local onde passaria mais tempo do que a minha própria casa, em uma rotina prática e assistencial, junto ao meu grupo de internato.

A Pediatria foi o primeiro estágio do quinto ano, dividido entre a enfermagem pediátrica do Hospital Universitário e a Maternidade da Santa Casa. Iniciei pela Santa Casa no alojamento conjunto da maternidade, essa escolha foi uma indicação da Karlinha Pankararu, pois como eu estava com medo ela falou que lá era tranquilo. Realmente era muito tranquilo e foi a minha melhor escolha. O ambiente da maternidade é acolhedor e de muita aprendizagem.

Nos primeiros dias eu tinha medo de pegar nos bebezinhos recém nascidos. As visitas aconteciam cedo e depois passávamos os casos para os chefes. No entanto, o melhor dia foi o dia com a Prof^a Renata. Com ela tiveram vários momentos de troca de conhecimento e boas discussões de temas propostos por nós e por ela. Não posso deixar de relatar que não apenas eu, mas todo o meu grupo de internato, foi em algum nível tocado pela neonatologia, assistir à vida de um pequeno ser ao mundo era cativante, prestar assistência a isso apaixonante. Tivemos a oportunidade de realizar uma oficina de Suporte Avançado à Vida em Pediatria, uma das melhores de todo o curso e faço questão de elogiar, foi uma atividade guiada pela Profr^a Cris Orthise.

Ficamos três semanas e meia na maternidade e depois trocamos. Meu grupo foi para o Hospital Universitário. No Hospital tinha uma rotina bem diferente da Santa Casa, rotina que consistia em evoluir os pacientes internados, deixar a evolução pronta no sistema informático do Hospital e participar ativamente da visita. Apesar de nos primeiro dia ter tido muito medo dos preceptores, acabei me adaptando e senti profundamente motivado a estudar em cada momento disponível para melhorar a cada dia, tentando resolver as lacunas vindas da pandemia, de maneira que ao fim da primeira metade do estágio no estágio do alojamento conjunto na Maternidade da Santa Casa, eu já me sentia uma pessoa completamente diferente da que entrei, senti que aprendia nos espaços do hospital em um ritmo superior ao dos primeiros

anos, a evolução era bem nítida.

Finalizamos o estágio com uma prova multimídia, e para mim foi uma atividade muito importante, uma vez que durante o curso não temos muitas provas objetivas (o máximo até então eram 2 por ano), e praticamente não temos contato com as provas multimídia, que cada vez mais aparecem nas provas de residência. Seguimos então para o segundo estágio, desta vez seriam 7 semanas nos Ambulatórios, o cenário era novamente predominante no hospital universitário, e realizei diversos atendimentos em variadas áreas da medicina, como o de nefrologia e neurologia que foi ganhando disparadamente como um dos mais proveitosos em relação aos demais, como, cardiologia infectologia, infectologia pediátrica, pneumologia pediátrica, endocrinologia pediátrica. Apesar de ser uma atividade que ocorreu de segunda a sexta foi um rodízio muito cansativo devido aos inúmeros tempos propostos para estudar e pouco tempo livre pra estudar. Senti falta de um ambulatório de gastro e de reumatologia de um ambulatório de pneumologia adulta, no qual teria sido um aproveitamento muito mais rico O estágio de Saúde da Mulher foi o próximo, sendo no quinto ano totalmente voltado para a Obstetrícia.

O estágio se passava na Maternidade de São Carlos, e por já ter ganho experiência no estágio de Pediatria, tive facilidade em fazer a anamnese materna e saber os princípios do cuidado ao binômio mãe-bebê. O professor Humberto, docente responsável pela atividade, ao longo das 7 semanas de estágio, a obstetrícia nos surpreendeu com uma atividade super organizada com temas propostos para estudar, simulações e sempre fazendo questão de dar uma devolutiva na próxima semana. O Rodízio de de Obstetrícia foi além das minhas expectativas, foi muito importante uma na minha formação, desmistificando o parto, mostrando o que é de fato uma assistência humanizada à mulher em trabalho de parto, e reforço que nunca economizou esforço em manter sempre as discussões produtivas, e promovendo atividades escritas a cada fim de semana que propiciava a sedimentação do conhecimento.

O estágio de Cirurgia era um dos meus maiores receios, nunca me identifiquei muito com a área, apesar de gostar muito da estudar a teoria, sempre tive um pouco de insegurança de realizar procedimentos, tomada por um grande medo de provocar um dano no paciente, e assim ferindo um dos principais ensinamentos da Medicina. No entanto, graças aos docentes, preceptores e residentes, tive oportunidade de iniciar os procedimentos mais simples, adquirindo cada vez mais segurança. Outro

ponto forte do estágio de Cirurgia foi a introdução ao Suporte de Vida Avançado ao Trauma – o ATLS, sinto que foi uma das atividades que mais me marcou durante a graduação, que mudou nitidamente minha forma no atendimento ao paciente politraumatizado no Serviço Médico de Urgência da Santa Casa (SMU), sintetizando e praticando a sequência de atendimento que deve ser prestada aos pacientes vítimas de trauma. Encerrei o quinto ano com o estágio de Clínica Médica, o estágio que eu mais temia.

O estágio ocorreu exclusivamente no Hospital Universitário. Apesar de ter a oportunidade de adquirir experiência e prática ao longo dos outros estágios, a Clínica Médica, não deixou de ser uma curva exponencial de crescimento, que me mudou profundamente como profissional e indivíduo. Assim como fonte de aprendizagem, o estágio foi de longe o mais exigente, pois éramos colocados grandes responsáveis pelos nossos pacientes, os verdadeiros protagonistas deste estágio.

Eram manhãs chegando cedo no Hospital e nos apropriarmos dos maiores detalhes do caso dos nossos pacientes para não deixar nada faltar na passagem de caso da visita. A Dra. Alice a tão temida por mim, mas que ao decorrer do estágio do 5º ano e agora nas 2 últimas semanas do estágio de Clínica Médica do 6º ano, hoje 02/11/23 quase no final da graduação e fazendo essa reflexão, só tenho a agradecer a essa “deusa da Clínica Médica” por tudo e deixar aqui registrado o quanto a Profr^a Alice fez a diferença na minha formação.

No estágio da Clínica Médica a Dr^a Alice, nossa docente, tinha a prática de designar a cada estudante uma pergunta a ser respondida depois, no formato de um post-it, que logo começaram a preencher o quadro da sala de prescrição onde nos reunimos. Os post-it eram dados com o objetivo do aluno estudar e então expor ao resto do grupo uma pergunta a respeito do caso do paciente que estivesse acompanhando: uma definição, o quadro clínico mais típico, os critérios diagnósticos ou algum princípio de seu tratamento, por exemplo. Fomos motivados a estudar para, no dia seguinte, conseguir ajudar de alguma forma nossos pacientes, que na sua maioria tinham doenças crônicas muito agravadas, às vezes, em fase final de vida. Pela primeira vez, experienciamos a perda de pacientes.

No estágio de Clínica Médica, nosso papel ganha muita importância no setor, onde nossas sugestões eram ouvidas e aceitas, éramos convidados a participar de reuniões familiares, reuniões de equipe, e os membros da equipe multiprofissional interagem muito conosco para discutir casos, enriquecendo nossa experiência, ou

seja no 5º ano no estágio de Clínica Médica o paciente é de responsabilidade nossa, nós éramos responsáveis pelo paciente. Terminei o estágio de Clínica Médica e por consequência o quinto ano exausto, pois o rodízio de Clínica médica tinha uma das maiores cargas horárias, no entanto com grande satisfação e ansioso para me tornar finalmente interna do sexto ano de medicina UFSCar. Mas antes de iniciar o 6º ano, fiz eletiva no Hospital Universitário em Clínica Médica e UTI, foi uma experiência super enriquecedora. Finalmente chegou o 6º ano.

Meu grupo optou por iniciar pelo estágio de Pediatria, as atividades eram realizadas em sua maioria na Santa Casa de São Carlos, onde passamos visita na enfermaria, Unidade de Cuidados Intermediários e UTI pediátrica e neonatal.

Depois segui como ano no estágio de Medicina da Família e Comunidade, eu e minha dupla a Nicole que estamos juntos desde o primeiro ano, optamos por irmos para a USF de Água Vermelha, foi uma experiência incrível, toda a equipe da unidade é muito boa. Fomos agraciados na unidade por ter dois médicos, o Dr Carlos Curvo e a nossa querida veterana da turma 12, nossa turma de origem a Drª Carol. Foi a melhor atividade do 6 ano sem dúvidas.

Em seguida Cirurgia o tão temido estágio do sexto ano pela tão temida, sofrida de enfermaria 2 semanas, o estágio é dividido em ambulatório de especialidades, anestesia, Saúde da Mulher e enfermaria.

A enfermaria foi a última atividade desse rodízio, apesar de muito cansativo foi mais proveitosa, terminei o rodízio de cirurgia exausto acabado fisicamente. Tive a experiência de chegar ao hospital às 2 da manhã para fazer a evolução dos pacientes internados, e as visitas foram minha maior fonte de aprendizado nesse estágio. O meu estágio foi na Clínica Médica.

A rotina da Clínica Médica é bem parecida com a rotina do 5º ano, continuávamos a evoluir pacientes na enfermaria, com o diferencial que durante uma semana do estágio, seríamos inseridos no ambiente de Unidade de Cuidados Intensivos (UTI), onde tínhamos contato com pacientes muito mais complexos, sob uma responsabilidade maior. No entanto, por já ter tido a experiência antes, acredito que foi um trabalho mais leve, que possibilitou consolidar vários temas que já tinham sido vistos no quinto ano. Vale apontar que o ponto forte do estágio é a composição variada de docentes com diferentes especialidades, contribuindo muito na sua respectiva especialidade, por exemplo, a Dra. Meliza, médica cardiologista, aproveitava sempre a oportunidade para enriquecer as discussões dos pacientes

internados por alguma doença cardíaca, majoritariamente Insuficiência Cardíaca, ela nos ensinou a manejar. Aprendi muito sobre cirrose hepática e suas tão variadas complicações com a Dra. Silvana Chachá, médica gastroenterologista e hepatologista.

A Dra. Maria Paula, além de dermatologista, é uma médica clínica nata que sempre eleva o nível das discussões. A Professora Dr^a Ana Giraldes, nefrologista, foi um ponto bem importante durante o estágio. O professor Dr Rodrigo Aguillar Cardiologista nos acompanhou em quase todos os estágios e contribuiu bastante para nossa formação. Um ponto importante e de muita alegria no estágio da Clínica Médica foi termos tido a benção de termos tido a Prof^a. Dr^a Alice em alguns plantões e ter contribuído para tentar elucidar hipóteses diagnósticas quase que impossíveis e oferecermos um melhor cuidado para os pacientes que nós a acompanhamos. Finalizarei o sexto ano no estágio de Ginecologia.

REFLEXÃO 2: SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DESSA PESQUISA

A partir do momento que tive contato com o universo da pesquisa através de contato e convivência e vivência com a minha querida parente indígena, Karlinha Pankararu, hoje médica pela Universidade Federal de São Carlos, e do meu querido e incrível orientador, o Prof. Willian, grande parceiro, não só dos estudantes indígenas da medicina, como também do coletivo indígena da universidade, quando comecei a planejar fazer pesquisa, me senti instigado com a temática, uma vez que ela também tangencia parte da minha vivência como estudante indígena da medicina, bem como o contato com os parentes que ainda estavam na graduação, seus relatos de experiência de permanência no curso me fizeram querer investigar quais fatores que nos ligava e nos faziam, mesmo sendo de povos diferente e de diferentes regiões do Brasil algumas vezes, percebi que tivemos ou temos experiências muito parecida em alguns aspectos da vida acadêmica, bem como das nossa experiência de permanência.

Quando ingressei na universidade, a priori, o meu plano inicial era passar pela graduação sem reprovações, cumprir com as disciplinas sem se envolver com atividades extracurriculares paralelas e formar no período mínimo de 6 anos. No entanto, não foi o que aconteceu, o primeiro ano seguiu como o planejado apesar das dificuldades, não somente as relacionadas ao método do curso, metodologia ativa,

algo novo e impactante inicialmente, como também em relação a permanência na universidade.

No primeiro semestre procurei não me envolver em atividades extracurriculares para não prejudicar a minha adaptação ao método e o meu rendimento. Acho importante ressaltar que o meu curso é anual, sendo assim uso essa cronologia por semestre para que a leitura e pensamento de quem leia essa reflexão, sintam-se orientados no tempo.

Por volta da metade do segundo semestre comecei a participar de atividades extras, desde ligas acadêmicas, oficinas, seminários, e duas das mais importantes que me instigaram para essa pesquisa, as Rodas de Conversa sobre a Saúde dos Povos Indígenas e PET Saúde Indígena.

Na primeira atividade comecei como participante das rodas, vale ressaltar que fui a convite da Karlinha Pankararu que era uma das organizadoras das Rodas de Conversa em conjunto com o Prof. Willian, Prof^a Cecília, bem como outros parentes indígenas oriundos de outros cursos da área da Saúde. Não demorou muito, logo comecei a participar das rodas de conversa, bem como a ter contato com o produto dessas rodas, desde trabalhos enviados para congressos, até artigos científicos, materiais produzidos em conjunto com os estudantes indígenas e os professores organizadores do evento. Com o passar do tempo fui me sentindo atraído por esse universo.

Ao final do ano letivo de 2017 fiz seleção para PET Saúde Indígena, onde fiquei um período curto como voluntário, depois segui como bolsista participando de todas as atividades e produção conjunta com todos os estudantes indígenas. Foi nessa atividade que a primeira semente que gerou essa pesquisa surgiu.

Ter realizado essa pesquisa foi muito prazeroso, além de ser um grande desafio, uma vez que mesmo eu já tendo tido feito uma outra graduação que não cheguei a concluir, eu não tinha tido contato com o universo da pesquisa, suas metodologias de investigação. Isso me fez sentir em alguns momentos, inseguro, incapaz, bem como cheguei a pensar em desistir. No entanto, à medida que eu fui convivendo e acompanhando os trabalhos de pesquisa tanto do meu orientador quanto de minha parente pankararu que vinha fazendo uma iniciação científica na mesma linha de pesquisa da que eu pretendia realizar.

Acredito que ter feito parte do Grupo de Pesquisa Educação Popular em Saúde (GPEPS), fez um diferencial muito grande sobre a minha percepção sobre o que é

ser pesquisador, bem como as reuniões foram muito importantes para o desenho desta pesquisa, uma vez que os participantes do grupo me ajudaram a delinear a forma mais organizada.

Antes de submetê-la eu apresentei no grupo de pesquisa e todos fizeram suas contribuições. Algumas das partes da construção dessa pesquisa que me causou a princípio insegurança foram: a revisão bibliográfica, pois eu não estava acostumado com esse tipo de leitura, no início da leitura delas, algumas vezes eu não avançava, tinha que reler o mesmo parágrafo ou capítulos inúmeras vezes, acredito que por não fazer parte do meu campo de conhecimento e por estar fora da minha zona de conforto, ou seja livros do campo da biomédico, literalmente a leitura e compreensão truncada. No entanto, à medida que o tempo passava a leitura passou a ser mais fluida, prazerosa e tudo começou a fazer sentido.

Diversos obstáculos apareceram no transcorrer dos 2 anos dessa pesquisa, desde a falta de habilidade com ferramentas de construção de tabelas, gráficos, adequação das normas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), impaciência, medo, insegurança por achar que não era capaz de produzir textos com qualidade, algumas vezes preguiça, pois na maioria das vezes devido ao grande número de atividades acadêmicas do dia a dia que a graduação nos traz, preferimos, às vezes nos momentos “livres” ficarmos quietos.

Um dos fatores primordiais que não me fizeram desistir e insistir é ter além de uma rede de apoio muito presente, como por exemplo minha parente pankararu que também é pesquisadora, bem com ter um orientador que tem uma carreira acadêmica com produções, um Lattes que faz com que quando a gente olhe, e sente-se instigado a ter um currículo semelhante. Além disso, o Prof. Willian, como sempre, estimula bastante os orientados dele, dando o suporte que precisamos, diga-se de passagem esse apoio permeia, tanto nossa vida como futuros médicos, profissionais da saúde, quanto na nossa vida pessoal.

Esta foi literalmente um divisor de águas na minha vida acadêmica, pois vale reforçar o que eu achava como seria minha vida acadêmica assim que ingressei na medicina em 2017. Pensei que passaria pela graduação simplesmente por passar, tendo só a preocupação de não reprovar e ter bons conceitos. No entanto, minha trajetória e meu projeto de graduação foram ressignificados através do desenvolvimento e evolução dessa pesquisa.

Vislumbro essa pesquisa, principalmente pela temática, fez com que eu não só passasse pela graduação, mas que eu deixasse registrada a minha trajetória, história, não só minha, como também de meu povo e todos os outros povos indígenas que estão ou já passaram ou passarão pelo curso de medicina da UFSCar, como também acredito que quando algum estudante indígena, não somente da área da saúde, bem como de todas as outras áreas do conhecimento desta universidade, pois somos em torno de 300 estudantes indígenas de 64 povos diferentes, a universidade brasileira com maior diversidade étnica, mas estamos presentes em várias universidades no país. Sendo assim, acredito que quando algum estudante indígena, venha ter acesso a essa produção científica sintam-se estimulados a fazerem pesquisa, bem como da mesma maneira acredito que o fruto dessa pesquisa, artigo que está em construção, que foi pactuado para o desenvolvimento dessa pesquisa, venha ser citado em trabalhos futuros por outros pesquisadores.

Sendo assim, essa pesquisa veio para ecoar a importância da ocupação dos estudantes indígenas na academia, mostrar o quanto é rica a troca de conhecimento dentro dos espaços que temos ocupados, e que por muito tempo nós fomos tolhidos do direito de estarmos nesses espaços, nesse contexto, as academias. Dessa forma, só vem corroborar o que sempre dizemos “temos que ocupar todos os espaços, pois temos o direito de estarmos em qualquer lugar que escolhermos”.

Essa pesquisa também tem como intuito deixar registrado para que espaços que há diversidade étnica, ou seja academias, e que haja estímulo e fomento a pesquisa desencadeia o desejo dos estudantes, nesse sentido os estudantes indígenas a desenvolverem pesquisa e através disso diluir o pensamento de que nós estudantes indígenas não produzimos ciência, esse artigo é prova de que nós produzimos ciência sim. Como diz o filósofo e mestre em antropologia e liderança indígena Gersem Baniwa " 'Não há nenhuma diferença entre a importância, o valor e o significado da ciência dos brancos e das ciências indígenas". Trago essa fala do professor Gesen para reafirmar que os povos indígenas também produzem ciência. Fazendo essa reflexão, essa frase do parente Gersem Baniwa faz muito sentido. Aproveito para explicar essa minha intimidade de tratamento com o filósofo citado”, pois pode ser que durante a avaliação desse relatório para o avaliador pareça estranho o tratamento. Nós povos indígenas quando nos referimos a um outro indígena independente de ser da nossa etnia nos tratamos e nos enxergamos como parentes.

Fazer a análise foi algo que encontrei bastante dificuldade , além de ser muito trabalhoso, sempre achei que no decorrer da pesquisa não tinha perfil para pesquisador. Mesmo assim, apesar desse sentimento de não pertencimento fui criando ferramentas para avançar como a pesquisa e no decorrer de cada etapa fui percebendo o quanto cresci e amadureci do ponto de vista acadêmico e me fortalecendo para seguir em frente, refletindo sobre as experiências tanto positivas quanto negativas vividas por todos os indígenas que passaram ou ainda estão na medicina da UFSCar. Sinto-me feliz por perceber o quanto somos resilientes e como nos apoiamos para conseguirmos nos formar e tentar deixar um legado para os que estão para chegar , vejam que tudo valeu e vale a pena. Cada momento vale muito desde quando começamos a sonhar que poderemos, além de ocupar um espaço que nós e de direito, valeu a pena todas as estratégias que cada um traçou para conseguir ocupar a vaga tão sonhada no curso de medicina.

Tudo foi válido desde todo o apoio e que recebemos , tanto do ponto de vista pedagógico, financeiro, rede de amigos e professores que conseguimos tem sido muito importante para que consigamos seguir em frente de cabeça erguida para desconstruir aquele estereótipo que foi construído no decorrer da história de que somos incapazes.

Ter realizado essa pesquisa me fez perceber a minha graduação com um outro olhar, bem como me deu a oportunidade de conhecer pessoas e compartilhar conhecimento.

Foi muito prazeroso, mesmo passando perrengues com os prazos para fazer resumos para enviar trabalhos para eventos. A alegria que tinha quando via os trabalhos que enviei aprovados, me trazia um sentimento imenso de felicidade e reconhecimento do trabalho que eu estava desenvolvendo e ver que toda a minha dedicação e esforço valeram a pena.

Lembro bem,que após a finalização do relatório final referente ao ano de 2022 o quanto fiquei apreensivo e temeroso, com medo de não aprovarem o relatório e o pedido de renovação de bolsa para que eu desse continuidade a minha pesquisa. Somente após ter passado o período de análise da minha pesquisa e o resultado da banca examinadora de forma positiva , respirei mais aliviado e com sensação de dever cumprido. Todavia, outros sentimentos surgiram, medo de que não fosse concedida a renovação da minha bolsa para que eu pudesse dar continuidade ao meu projeto.

Mesmo assim, independente do resultado que poderia vir, continuei fazendo a coleta de material ,bem como analisando tudo que havia colhido. Após o resultado positivo de aprovação de renovação da extensão da minha pesquisa, vejo que tudo valeu a pena para todos os perrengues, pois vejo que estou deixando bem “ demarcado o meu território”, uma vez que para nós povos indígenas o termo demarcação não está unicamente associado à terra.

Reconheço o protagonismo da minha graduação, pois estou passando por ela e deixando as marcas do meu povo. Eu me reconheço mais do que antes com um guerreiro Atikum, como meu querido avô, o indígena Manoel Emídio. Dessa maneira, realizar essa pesquisa só me fortaleceu e me fez enxergar o quanto sou capaz de produzir e compartilhar conhecimento. Diga-se de passagem, como eu já tinha falado anteriormente, eu julgava não ter nenhum perfil de pesquisador, no entanto consigo perceber que não se nasce pesquisador, se torna pesquisador” parafraseando a filósofa Simone de Beauvoir. Por ser uma reflexão dei-me a liberdade de fazer algumas paráfrases da obra de alguns estudiosos indígenas e não indígenas que tive contato ao longo de minha vida acadêmica.

Nesse momento , acredito que , hoje prestes a finalizar essa etapa da minha vida acadêmica, pesquisar é uma habilidade, como qualquer uma das outras que aprendi a desenvolver no decorrer do curso médico as quais eu não tinha, mas as desenvolvi. Sendo assim, acredito que para isso é necessário que haja oportunidade e que seja instigado. Consigo perceber o quanto, ter realizado essa pesquisa otimizou meu olhar, tanto do ponto de vista como eu me enxergo, hoje como graduando de medicina e dos caminhos que eu tinha pensado em trilhar durante a minha graduação e mudaram de direção.

Hoje tendo essa percepção de que pesquisar , não só produzir ciência, como também ser pesquisador é uma habilidade que pode ser desenvolvida, o “fazer ciência“ pode ser vista como ferramenta de controle. Sendo assim, percebo, que quando se determina a forma de fazer ciência, e determinar o que é ciência ou quem produz ciência em detrimento do reconhecimento das outras formas de fazer ciência, como a ciência produzida pelos povos indígenas é uma forma de tornar mecanismos de controle, ou seja de poder.

O filósofo francês Michael Foucault em sua obra Vigiar e Punir, discorre sobre mecanismos de controle em um dos trechos: “O corpo é superfície de inscrição para o poder, com a semiologia por instrumento; a submissão dos corpos pelo controle das

ideias", traz para mim o reforço da ideia de que quem tem o controle das ideias, determina o que é ciência e quem produz ciência. Sendo assim, a partir do momento que nós estudantes indígenas adentramos, ou seja ocupamos as academia e nos apropriamos também dessas ferramentas temos a oportunidade de podermos determinarmos que a ciência produzida por nós povos indígenas não é uma ciência menor, bem como somos nós que determinamos quais espaços nossos corpos deverão ocupar.

Ao final dessa etapa enxergo o quanto essa pesquisa me acrescentou e ainda tem a me acrescentar, uma vez que após a entrega desse relatório, vou poder me dedicar a finalizar o artigo científico que está fundamentado nessa pesquisa. Durante o processo dos últimos dados para realização deste relatório, percebi como consegui realizar, de forma mais fluida, dinâmica e natural, e seguir todas as etapas da metodologia aplicada a essa pesquisa. Coisas que quando eu comecei a ler sobre metodologia parecia um "monstro de 7 cabeças". É importante detalhar que a maioria dos trabalhos apresentados referentes a essa pesquisa ocorreram de forma online, uma vez que estávamos em um período pandêmico, sobretudo a pandemia não foi um empecilho para desenvolvê-la.

Devido a mudança do cenário sanitário, como a vacinação e diminuição dos casos de covid 19, onde a ciência foi fundamental para que nós pudéssemos participar de eventos presenciais. Refazendo essa reflexão veio-me à memória o quanto período pandêmico foi muito impactante eu estava na segunda metade do 3 ano da graduação, lembro como hoje quando nós tivemos que parar as atividades presenciais, inicialmente acreditávamos que seria algo passageiro que logo retornaremos às nossas atividades, mas infelizmente não foi o que aconteceu, a situação sanitária foi se agravando e logo a universidade optou por suspender as atividades presenciais. Após algum tempo de atividades suspensas, o conselho universitário voltou atrás e determinou o início das atividades acadêmicas de forma on-line. Com isso, muitos estudantes optaram por retornar para suas famílias.

Nós estudantes indígenas, inicialmente fomos orientados a não retornarmos às nossas comunidades, principalmente aqueles que moravam em comunidades mais isoladas, pois havia um medo de que os estudantes se contaminarem durante a viagem e levassem o vírus para dentro das comunidades indígenas. O não retorno dos estudantes indígenas para as comunidades foi baseado na orientação da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) da e por parte da universidade.

Inicialmente os estudantes chegaram a seguir as orientações, no entanto à medida que o tempo foi passando e foi se percebendo que não se tinha certeza de quando iríamos retornar às nossas atividades e nem tão pouco poderíamos estar com os nossos parentes. Isso começou a gerar um sentimento de isolamento, solidão e medo de não podermos estar juntos dos nossos. Com isso Começou um movimento dos estudantes indígenas através do coletivo indígena, Centro de Culturas Indígenas (CCI) e da universidade tentar mapear, através de formulários online os estudantes que tinham o desejo de retornarem às suas comunidades e que estavam sem recursos financeiros. Junto a isso foram montados grupos de whatsapp para discutir o tema.

Após o mapeamento, os estudantes indígenas se dividiram em 2 grupos: indígenas do Norte e do Nordeste, pois são esses os maiores números de indígenas da UFScar de todos os 4 campi(São Carlos, Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino). Vale salientar que somos em 300 estudantes indígenas de 57 etnias diferentes distribuídos nos 4 campi. Vale salientar que somos a universidade brasileira com maior diversidade étnica de indígenas no país. Após o mapeamento e determinação dos grupos que pretendiam retornar, começou a pensar em estratégias de retorno, isso foi feito junto com as lideranças indígenas de cada um desses grupos e das lideranças indígenas das comunidades. Importante falar que esse dois grupos de indígenas do norte e do nordeste tinha características específicas, apesar de termos criado um grupo denominado de indígenas do norte pode dar uma impressão para o leitor/ avaliador deste relatório que todos moravam em comunidades muito próximas, o que não acontece. Esse grupo foi discutido e pensado entre os indígenas da região norte em relação a um ponto de chegada a região norte para a partir daí os indígenas ficaram mais próximos do melhor acesso para suas comunidades, sendo assim ficou determinado como ponto de chegada o aeroporto de Manaus.

Do contingente de estudantes indígenas da UFSCar provenientes da da região norte que demonstraram interesse em retornar às suas comunidades tinham Manaus como referência. Acho oportuno falar que alguns moravam Manaus, outros em regiões como São Gabriel da Cachoeira, e também em comunidades que gastariam horas a dias de barco até chegarem às devidas comunidades. Vale lembrar que a universidade ofertou além do apoio financeiro para o deslocamento, também tentou rastrear se esses estudante apresentavam sintomas respiratórios,

uma vez identificados sintomáticos, esses estudantes eram orientados não se ausentar, manterem isolamento e realizarem o teste de COVID 19, uma vez descartada infecção pelo COVID 19, o estudante poderia decidir se queria viajar ou não. Uma vez optado pelo retorno às comunidades, a universidade orientava os estudantes durante a viagem a seguirem os protocolos de segurança orientados pela Organização Mundial de Saúde, durante o deslocamento, foi ofertado também kits contendo álcool gel e máscaras N95. Além disso, as lideranças locais de cada grupo de estudantes criaram estratégias para tentar garantir a segurança da chegada desses estudantes, desde a determinação de um espaço físico para que esses estudantes ficassem um período de quarentena sendo acompanhados por equipes orientadas.

Após cumprirem o período de quarentena e não apresentarem sintomas respiratórios e uma vez descartada a infecção por COVID 19 eles poderiam circular livremente e terem contato com as comunidades. Vale ressaltar que os estudantes do grupo do norte não retornaram juntos, alguns viajaram em pequenos grupos, outros sozinhos, no entanto todos tiveram as mesmas orientações de protocolo de segurança. É importante informar que a ajuda financeira dada pela universidade levou em consideração as características geográficas, tanto em relação à distância da universidade às comunidades, meio de transporte a ser utilizado e tempo de duração da viagem, sendo assim os valores ofertados foram diferenciados para cada grupo.

No que compete ao grupo do nordeste ao qual eu pertenço. Inicialmente mapeou-se todos que tinham desejo de retorno às comunidades, após mapeamento também se montou um grupo de whatsapp e em seguida entre os estudantes foi decidido no grupo que o local de chegada seria em Carnaubeira da Penha-PE, pois essa região fica central entre os povos: Atikum, Pankararu, e Pankararu, Xucuru, Fulni-ô e Kambiwá. Na universidade há uma presença de estudantes indígenas de quase todos os estados do nordeste com significativa de estudantes indígenas do estado de Pernambuco, apesar de só em Pernambuco existirem 10 povos diferentes (Atikum, Fulni-ô, Kambiwá, Xucuru, Truka, Pankará, Pankararu, Pipipã, Truká e Tuxá) mesmo assim, infelizmente não há representantes de todos os povos ocupando vaga na universidade. A Carnaubeira da Penha também ficou definida porque, as lideranças indígenas dessas comunidades dos povos Atikum e Pankará se organizaram para ter um ponto de apoio para que os estudantes

tivessem um local para passarem o período de quarentena.

Como eu tinha falado anteriormente, alguns estudantes optaram por voltarem , mesmo tendo sido orientados a permanecerem nos campus de origem, outros escolheram ficar, como eu que optei por ficar. Pois eu tinha medo de adoecer durante o percurso até a minha comunidade, como também eu temia por meus pais, ou seja de levar o vírus e contaminar eles, uma vez que meu pai e mãe eram de risco para desenvolver a doença de forma grave. Lembro como hoje, quando começaram a aumentar os casos de covid 19 , de uma forma exponencial quase. Bem como, nas comunidades comeram a aumentarem os casos de covid, principalmente entre os mais velhos , os anciãos. Isso para nós povos indígenas foram as piores perdas, pois nós temos muito apreço pelos mais velhos e eles são as nossas fontes de conhecimento, nossas “bibliotecas”, uma vez que os conhecimentos tradicionais são passados pela oralidade.

Também lembro o quanto eu me chocava ao ver algumas pessoas, que não eram indígenas , quando saiu na mídia que os mais velhos eram ou mais vulneráveis. E presenciei algumas falas” só quem morre de covid são os mais velhos, como eles já viveram o que tinham que viver não faz muita falta, uma hora ou outra eles vão morrer, é ciclo da vida”. Essa fala me faz perceber o quanto para sociedade pós moderna as coisas, as pessoas são descartáveis. Ou seja , essa modernidade líquida, conceito criado pelo sociólogo polones Zygmunt Bauman quando ele descreve que vive-se em uma fragilidade e fluidez das relações sociais , econômicas e culturais do pós- modernidade.

Diante disso, sempre afirmo que nós não perdemos só os nossos anciãos , além de termos perdido nossos parentes queridos, perdemos nossas fontes de conhecimento. Faço uma reflexão sobre isso , pois me tocava muito quando ouvia comentários de alguns colegas não indígenas comentando da perda de seus parentes idosos, que para mim me parecia que não havia nenhum sentimento de perda real, não que não houvesse a dor de perda de um ente querido, no entanto aquele ato só representava o final de um ciclo. de uma forma tão fria. Reafirmo que nos povos indígenas não vivemos relações de fragilidades fluidas, relações líquidas , tão pouco descartáveis, onde o novo se sobrepõe ao velho. Além de termos perdido nossos entes queridos, perdemos grandes lideranças, nossa fonte de conhecimento, nossas bibliotecas vivas de forma súbita.

No que compete o impacto na minhas atividades da graduação que também estão relacionadas a esta pesquisa, uma das atividades foram as da prática profissional, uma vez que perdemos os cenários de prática, principalmente na Atenção Primária, pois nos primeiros 4 anos de graduação, são esses cenários que ficamos para podermos desenvolver as habilidades médicas, onde temos o contado direto com o paciente. Antes do início da pandemia, eu estava no 3 ano do curso, as primeiras atividades práticas eram bem dinâmicas, os preceptores contribui muito com as discussões do pequeno grupo, vale ressaltar que a turma é dividida em grupos de 8 alunos e somos distribuídos nas Unidades de Saúde da Família (USF). Estava indo tudo muito bem, no entanto fomos arrebatados pela pandemia da COVID 19 que nos tirou dos cenários de prática e bagunçou a dinâmica da vida de todos. Fomos obrigados no início a ficarmos sem nenhuma atividade tanto cognitiva quanto prática. Houve perdas irreparáveis, inúmeras vidas perdidas.

Até hoje, desde o início da pandemia, não cheguei a ser acometido por essa doença, no entanto vi, amigos não só do curso, parentes mais distantes terem suas vidas dilaceradas pela perdas decorrentes da covid. Acredito que alguns professores tenham perdido parentes próximos também. Depois de um longo período, houve várias reuniões entre coordenação, discentes e docentes para tentar traçar estratégias e chegar a um fator comum para que as atividades fossem retomadas.

Finalmente, depois de muito tempo, voltamos a ter atividades de forma remota, vale ressaltar que durante o período pandêmico essa pesquisa foi feita de forma remota, com o intuito de resguardar a saúde do pesquisador e entrevistados. No que compete às atividades acadêmicas on-line, para alguns estudantes esse cenário novo de ensino aprendizagem era inaceitável. No entanto devido ao cenário epidemiológico que estávamos vivendo era o ideal, pois muitos professores, alunos e familiares de alunos tinham risco para desenvolver a doença de forma grave, sendo assim alguns estudantes e professores não podiam voltar para atividades presenciais.

Apesar de muita insatisfação por parte dos estudantes, voltamos online. Foram pensadas e traçadas novas propostas de ensino para que não tivéssemos tantas perdas, principalmente do ponto de vista das atividades cognitivas. Um dos professores da prática precisou se ausentar por motivos de saúde e tivemos um novo professor, que junto com os demais professores das demais frentes de práticas profissionais, montaram um roteiro de com as atividades que eles achavam que seriam muito importantes e que poderíamos ter muito aproveitamento mesmo no

cenário Ensino Não Presencial Emergencial.

A princípio ele simulava um caso clínico com a gente e nós fazíamos uma anamnese com o intuito de construirmos um raciocínio clínico, com hipótese diagnóstica e conduta para que ao final nós chegássemos achar disparadores na História Clínica e pudéssemos criar questões de aprendizagem e fazer um estudo auto dirigido e podermos discutir no pequeno grupo.

Acredito que tivemos momentos de muita troca de conhecimento, pois os temas propostos foram muito bons. Lembro que em cada encontro apesar de termos tido uma atividade muito bem avaliada por todos do pequeno grupo, da facilitação que sempre era muito boa com contribuições riquíssimas, como muito respeito com cada um de nós, usualmente reclamamos do quanto fazia falta as práticas presenciais, especificamente sentíamos falta de fazer exame físico completo. O facilitador sempre recebia nossas avaliações de forma acolhedora e respeitosa. Ele também falava que entendia o quanto era importante se estivéssemos em prática , no entanto , aquilo que estávamos tendo , foi nos ofertado da melhor forma possível para que fossem amenizadas nossas perdas.

Ao final do 3 ano, tentamos tirar o máximo proveito de tudo que nos era e foi ofertado, acredito que da melhor qualidade que se podia ter naquele íterim. Acredito que tivemos muito aproveitamento da prática da Saúde do Adulto e Idoso SAI, e finalizamos o 3º ano, do ponto de vista de atividades cognitivas, cumprimos todas as frentes, só ficaram faltando as práticas do 3º ano. Fomos para o 4º ano cheios de medos e mais expectativas pois queríamos muito voltar para as práticas.

A volta das atividades presenciais foi propiciada pela : a vacinação começou a ganhar força, mobilização e o empenho da coordenação, dos docentes e discentes para que os cenários de prática voltassem, bem como o cenário epidemiológico começou a mostrar um quadro de melhora, contribuiu para o nosso retorno. Finalmente voltamos, a pequenos passos. Pactuações foram feitas para que os ambientes de práticas não ficassem muito cheios. Os pequenos grupos foram fragmentados, sendo aprovados menos estudantes nas unidades de saúde, sendo assim teríamos menos práticas, e as reflexões da prática seria em cenário virtual. Até aí tudo bem pra mim, pois não tinha saído ainda a distribuição de professores por grupo.

Eu desejava muito cair no grupo novamente com a professora Andrea, pois já estava acostumado com o modo como ela facilitava. Porém quando saiu a

distribuição vi que o meu grupo tinha caído com outro professor, o prof Ubiratan, nossa quando vi, fiquei feliz, pois eu já o conhecia, pois ele tinha sido meu facilitador da atividade teórica denominada Situação Problema 1º ano, o professor Ubiratan. Mas, eu nunca tinha passado em ambulatório com ele, seria uma nova experiência, vê-lo como médico na unidade de saúde. Lembro que quando tivemos o primeiro encontro na Unidade Básica de Saúde - Vila Izabel para que ele nos conhecesse e apresentasse o cronograma das atividades, fiquei muito feliz de reencontrá-lo, e perceber o quanto ele estava muito preocupado com as nossas perdas, mas estava se empenhando para tentar montar um cronograma que nós conseguíssemos aproveitar o máximo possível.

Em seguida começaram as práticas da Saúde do Adulto e Idoso, sendo que era uma dupla que atendia o paciente que estava agendado, finalizamos o atendimento e mandamos mensagem no grupo para a passagem de caso e que ele desse a conduta. No meu primeiro atendimento, apesar de ter revisado anamnese e exame físico geral, fui pra prática cheio de medo. Ao final das atividades do ano letivo, acredito que tenha conseguido alcançar todas as habilidades tanto práticas quanto teóricas para ir para o 5º ano e primeiro ano do internato.

Foi após a pandemia que tive a minha primeira experiência de apresentação de um trabalho científico, fruto dessa pesquisa, no Congresso Brasileiro de Educação Médica, em novembro de 2022 em Foz do Iguaçu-PR. Foi um momento ímpar, uma sensação maravilhosa. Eu não tinha me apresentado de forma presencial até esse evento. Posso descrever boa parte do que senti. Num primeiro momento, antes de apresentar meu trabalho fiquei com vários medos: medo de travar e não conseguir falar nada, medo do público presente na sala, onde grande parte dos participantes desse congresso eram doutores, professores, pesquisadores e estudantes da medicina e da área da saúde de várias partes do Brasil.

Assisti à apresentação de meu colega também pesquisador, bem como a apresentação de trabalhos super interessantes. Vendo as apresentações consegui perceber o quanto boa parte dos trabalhos apresentados tinham temas que conversavam de forma direta ou indireta com minha pesquisa. Finalmente chegou a minha vez de apresentar, a princípio fiquei um pouco nervoso, mas com o passar da apresentação consegui cumprir com o que eu tinha me proposto.

Ao final da apresentação, me senti agraciado com as colocações e perguntas referente ao trabalho apresentado, feitas pelo público presente. Consegui no mesmo

congresso participar de forma ativa e contribuir como mediador da oficina Pintando de Jenipapo e Urucum a Educação Médica: O que é ser indígena na contemporaneidade? Com a retomada das atividades práticas presenciais continuei a seguir com a finalização da análise temática do material que eu já havia colhido para a pesquisa, com a entrada de um novo estudante indígena em 2023, aguardei ele passar por experiências de vivência tanto na graduação quanto de convivência no campus com outros estudantes indígenas e colegas de curso. Junto disso consegui nesse interim entrevistar o primeiro estudante indígena da medicina que ingressou em 2008. Foi interessante pra mim perceber o quanto eu amadureci e aprendi, percebi isso em todas as etapas com esses dois últimos entrevistados, pois eu consegui fluir na metodologia. Engraçado que durante a entrevista e leitura da transcrição das duas entrevistas como eu já conseguia de forma mental, categorizar cada trecho da fala deles.

No decorrer deste ano entre o relatório parcial e final, o qual essa reflexão integra, consegui enviar resumos de trabalhos para 3 eventos importantes: o 17º Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade, o 61º Congresso Brasileiro de Educação Médica e o 9º Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde da Abrasco, todos os resumos foram aprovados nesses congressos para apresentação oral. Como eu não conseguiria comparecer a todos para apresentar os trabalhos, tanto por uma questão financeira, pois eu não tinha recursos financeiros para comparecer a todos, como também não conseguiria ser liberado de todos, porque eu estou no 6º ano do curso e algumas frentes do internato não liberam os estudantes. Sendo assim, devido a essas impossibilidades, dividi com meu orientador as tarefas de apresentação oral. Decidi ir ao 61º Congresso Brasileiro de Educação Médica (COBEM), pois era um congresso que eu tinha ido em 2022, na sua edição anterior. Além disso, tive meu trabalho aprovado fruto dessa pesquisa como autor principal e dois outros que eu fui co autor para apresentação de banner.

Essa 61ª edição do Cobem foi muito emocionante, tive uma experiência incrível, foi meu último congresso como graduando de medicina, pois eu coloco grau em fevereiro de 2024. Na apresentação, dessa vez eu estava bastante seguro de tudo da apresentação, foi um sentimento de dever cumprido, e perceber o quanto amadureci e o quanto essa pesquisa mudou o meu olhar sobre mim e sobre minha graduação, ou seja sobre o lindo caminho que esse pesquisa financiada pela

FAPESP me proporcionou. Consigo perceber o quanto essa pesquisa me abriu portas, me deu a oportunidade de conhecer outros pesquisadores indígenas e não indígenas e professores incríveis que são pesquisadores. Realmente eu percebo que como eu falei inicialmente “ Não se nasce pesquisador, se torna pesquisador”. Sendo assim sinto que essa pesquisa foi o pontapé inicial para minha vida como pesquisador. Essa pesquisa me fez pensar em fazer mestrado, coisa que no início da graduação eu nem cogitava.

Sou muito grato a FAPESP, a banca examinadora que nas suas devolutivas de cada relatório que enviei receberam meu projeto e aprovaram e elogiaram minha IC. É muito gratificante, pra mim estudante indígena, pobre oriundo de escola pública , que tinha tudo para não chegar nem na graduação ter tido oportunidades como essa. Oportunidades que vão desde a chance de concluir o ensino médio, ingressar em uma universidade pública fruto e Ações Afirmativas ter tido na sua vida acadêmica ter cruzado na sua vida professores parceiros que possuem olhar diferenciado para estudantes como eu.

Foram nesses encontros com professores parceiros que conheci o professor Willian Luna, meu querido professor e orientador de IC. Eu só tenho que agradecer ao professor Willian por ter me convidado para construirmos juntos essa pesquisa. Ele é educador que brilha e faz seus orientandos brilharem , além de ser um grande parceiro e amigo do coletivo indígena. Muito obrigado por tudo, toda a aprendizagem ao longo de todos esses anos de graduação e desses 2 anos me orientando nessa pesquisa. Essa pesquisa mudou a minha vida e o meu olhar, não só para mim como estudante indígena , como também a forma que eu planejo a minha carreira como futuro médico.

Muito obrigado por ter segurado minha mão e me apoiado durante todos esses anos, o professor Willian nasceu para ser educador , o senhor me deu esperança, me mostrou o significado de novas palavras. Vejo que seu papel como professor/educador vai ao encontro do pensamento do nossa grande liderança indígena o professor e escritor Daniel Munduruku quando ele fala: “Educar é como catar piolho na cabeça da criança. É preciso que haja esperança, e perseverança. A esperança é crença de que se está cumprindo uma missão; O abandono é a confiança do educando na palavra; A presença é a perseguição aos mais teimosos piolhos, é não permitir que um único escape, se perca. Só se educa pelo carinho e catar piolho é o carinho que o educador faz na cabeça do educando, estimulando-o

a palavra, é pela magia do silêncio.

Ser educador é ser confessor dos próprios sonhos e só quem é capaz de oferecer um colo para que o educando repouse a cabeça e se abandone ao som das palavras mágicas, pode fazer o outro construir seus próprios sonhos. E pouco importa se os piolhos são apenas imaginários”. Muito obrigado querido professor Willian por ter sido esse catador, um grande educador.

Pensando nesse protagonismo de nós estudantes indígena como pesquisadora, e não como objeto de pesquisa por não indígena, é perceptível que estamos ocupando todos os espaços que nos é de direito e que por muito tempo nós fomos tolhidos de nossos corpos ocuparem esses espaços, para nós estamos demarcando nosso território.

Dessa forma passamos a ter controle das ideias e nós mesmos estaremos determinando quais espaços nossos corpos estão sendo ocupados, acredito que assim suplantamos a submissão dos corpos pelo controle das ideias mencionadas por Foucault. O filósofo francês Michael Foucault em sua obra Vigiar e Punir discorre sobre: "O corpo é a superfície de inscrição para o poder, com a semiologia por instrumento; a submissão dos corpos pelo controle das ideias". Sendo assim, a partir do momento que nós nos tornamos protagonistas de pesquisas sobre nós povos indígenas e não objetos de estudos de outros pesquisadores não indígenas estamos indo de encontro sobre esse controle de nossos corpos. Vale ressaltar que não estou afirmando que pesquisadores não indígenas deixem de pesquisar os povos indígenas, mas quero só lembrar que por muito tempo não nos era dado vozes, as pesquisas eram sobre nós, e não construídas junto com os indígenas.

Sou muito grato também a todos os parente indígenas da medicina que compartilharam suas vivências para que essa pesquisa pudesse ter tido material para análise.

Acredito que eu cumpri com o que me foi proposto. Terminei esse relato com uma sensação de dever cumprido e com a certeza de que o que eu fiz só faz parte de um pedaço, retalho de tecido que será dado continuidade por outros estudantes indígenas. Desejo que esta pesquisa alcance o máximo de pessoas possíveis. Uma vez que dessa pesquisa está sendo produzido um artigo científico, e que esse artigo venha despertar em outros estudantes indígenas a vontade de serem pesquisadores, como também desejo que ele venha ser citado por outros pesquisadores indígenas e

não indígenas.

Com essa pesquisa deixou parte da minha história e trajetória na universidade, deixo registrado não só a minha trajetória de estudante indígena da medicina pertencente ao povo Atikum Umã, como também a trajetória de todos estudantes indígenas que estão na graduação e os que me antecederam no curso de medicina, com suas vivências e experiências boas ou ruins, mas que serviram e servem de exemplo de superação para permanecer na universidade e conseguir concluir a graduação, se formarem como médicos. Essa pesquisa para mim é uma forma de dizer que nós estudantes indígenas, também fazemos e produzimos ciência, temos capacidade de discutir temas das diferentes áreas do conhecimento, com bastante propriedade. Nós não estamos limitados, somente aos nossos conhecimentos tradicionais, nós não somos obtusos. Finalizo essa reflexão com um trecho desse grande autor brasileiro que também quebrou as barreiras do preconceito da sua época o Grande Machado de Assis “... **porque só é verdadeiramente senhor do Mundo quem está acima das suas glórias fofas e das suas ambições estéreis.**

OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES E EXTRACURRICULARES

As Ligas Acadêmicas foram uma peça importante na minha graduação, na qual me propus a participar de uma variedade de atividades complementares que pudessem auxiliar com as lacunas de conhecimento inevitáveis do curso, pois não temos exposição a muitos conteúdos e especialidades. Posso citar a Liga Acadêmica Liga de Hematologia da UFSCar (LHEU), Liga de Pediatria, Liga de Ginecologia e Obstetrícia (LAGO), Liga de Genética. É revigorante ver os alunos com a orientação de professores qualificados criando e oferecendo as atividades tão ricas, como palestras, discussão de casos clínicos, seminários, oficinas, entre outros. Além de ligante, cheguei a ser da gestão da Liga Acadêmica Ginecologia e Obstetrícia da UFSCar (LAGO) em 2022.. Foi uma das melhores experiências que tive no curso, e junto com a diretora e professora orientadora da Liga, Dra. Maristela Carbol.

Iniciação científica é inquestionável a importância de realizar iniciação científica (IC) na graduação, afinal, é um dos principais caminhos de despertar a vocação de futuros pesquisadores. Fiz IC financiada pela FAPESP. Fora da IC, não experienciei em nenhum outro momento do curso atividades que abrangesse a metodologia

científica. Acredito que encontrar formas de incluir essas atividades na grade curricular possibilitariam inclusive o desenvolvimento dos estudantes de ter uma leitura crítica de um artigo científico, e com isso maior rendimento acadêmico.

Apresentei minha IC em vários congressos, desde nacional e internacional. Os Estágios Eletivos As eletivas, como previsto pelo Projeto Político Pedagógico, são organizadas a partir do interesse do estudante, no qual pode escolher desenvolver atividades em outro serviço, ou mesmo, nos próprios territórios da Universidade, tendo a oportunidade complementar estudos em alguma área que lhe chame interesse. Na minha primeira eletiva, no segundo ano, tive a oportunidade de fazer estágio Ginecologia e Obstetrícia no Hospital Regional Inácio de Sá em Salgueiro PE, na cidade onde nasci. Também fiz estágio em Embriologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com a minha ex-professora de Embrio, a Profr^aDr^a Falba.

Em 2019, fiz meu estágio eletivo em Embriologia, Neuroanatomia e Reprodução Assistida. No início de 2020, antes da pandemia chegar, tinha um estágio programado para ser realizado no Ambulatório do Índio da Unesp no Projeto Xingu, no entanto devido a pandemia foi suspenso. Com a pandemia, minha eletiva de 2021 consistiu em cursos on-line por plataformas vinculadas ao Ministério da Saúde, uma vez que os estágios presenciais, já difíceis de conseguir, ficaram impossíveis de se conseguir.

Na minha última eletiva, em 2023, optei por uma área que eu gostasse muito, e com isso, acompanhei o serviço de Clínica Médica e UTI do Hospital Universitário de São Carlos foi um estágio bastante prazeroso, pois tive a oportunidade de ter contato com o paciente crítico na UTI, já uma preparação para o rodízio de Clínica Médica, pois nele rodamos uma semana na UTI

CONCLUSÃO

"Quem quer passar além do Bojador , tem que passar além da dor...." – Fernando Pessoa

Termino essa Narrativa Crítico-reflexiva sobre a minha trajetória desde a chegada a medicina e prestes a finalizar a essa graduação, tão sonhada e desejada, com uma sensação de nostalgia de dever cumprido, e orgulhoso da trajetória que a vida me ofertou e pessoa que me transformei ao longo do curso e do profissional do ponto de vista técnico que Universidade Federal de São Carlos me proporcionou. Me despeço com muito carinho da UFSCar, que me acolheu durante esses 7 anos, me ensinando muito mais do que Medicina que um curso tradicional poderia me ensinar. Levo na minha cabeça e coração que a gente sempre está no processo de aprender aprender e sempre estamos melhorando, tanto do ponto de vista técnico quanto pessoal. Neste momento estou na contagem regressiva dos dias que faltam para receber meu Diploma, no entanto acredito que minha formação está longe de ser concluída, de estar pronto, também penso que haja um longo caminho a ser percorrido após a Medicina UFSCar, sendo assim continuo com a cabeça e o coração aberto para continuar aprender a aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Gersem. **Educação Escolar Indígena no Século XXI: encantos e desencantos**. Rio de Janeiro: Mórula, LACED, 2019.

BERNARDES, Jefferson de Souza; SANTOS, Renata Guerda de Araújo; SILVA, Luciano Bairros da. A Roda de Conversa como dispositivo ético- político na pesquisa social. In: LANG, Charles Elias et al. **Metodologias: pesquisas em saúde clínica e práticas psicológicas**. Maceió: Edufal, 2015.

BEZERRA, Vandicley Pereira et al. **Indígenas no curso de Medicina na UFSCar: um relato sobre a experiência de 10 anos**. Anais do Congresso Brasileiro de Educação Médica. Belém – PA, 2018.

BRAVO, Victória Ângela Adami; CYRINO, Eliana Goldfarb; AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de. **Ensino na Atenção Primária à Saúde e as Diretrizes Curriculares Nacionais: o papel do projeto político pedagógico**. In: CYRINO, Antonio Pithon; GODOY, Daniele Cristina; CYRINO, Eliana Goldfarb (Orgs.). Saúde, ensino e comunidade: reflexões sobre práticas de ensino na atenção primária à saúde. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

COHN, Clarice. Uma década de presença indígena na UFSCar. **Campos – Rev Antropol**, 17(2), 2016.

GONÇALVES, Ernesto Lima. **Médicos e Ensino de Medicina no Brasil**. 1ª Edição. Edusp. 2002. 255 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro 2010**. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 mai. 2021.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2006.

LUNA, Willian Fernandes; BERNARDES, Jefferson de Souza. Tutoria como Estratégia para Aprendizagem Significativa do Estudante de Medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 653-662, dec. 2016.

LUNA, Willian Fernandes. **Indígenas na Escola Médica no Brasil: experiências de trajetórias nas Universidades federais**. 2021. 386 f Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina da Universidade Paulista Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”,

Botucatu, 2021.

LUNA, Willian Fernandes; MALVEZZI, Cecilia; TEIXEIRA, Karla Caroline; ALMEIDA, Dayane Teixeira; BEZERRA, Vandicley Pereira. Identidade, Cuidados e Direitos: a Experiência das Rodas de Conversa sobre Saúde dos Povos Indígenas. **Rev. bras. educ. med.** 44 (2) : e067 ; 2020.

MACHADO, Clarisse Daminelli Borges; WUO, Andrea; HEINZLE, Márcia. Educação Médica no Brasil: uma Análise Histórica sobre a Formação Acadêmica e Pedagógica. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 42, n. 4, p. 66-73, dec. 2018.

MAMEDE, Silvia; PENAFORTE, Julio César. **Aprendizagem Baseada em Problemas**: Anatomia de uma nova abordagem educacional. Fortaleza: Hucitec, 2001.

MELLO, Roseli Rodrigues de; SOUZA, Marcondy M de; PALOMINO, Thais J. Indigenous School Education in Brazil. **Oxford Research Encyclopedia of Education**. 2018.

MÉLLO, Ricardo Pimentel et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicol. Soc.** v.19, n 3, p. 26-32. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.

MINAYO, Marília Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p.261- 268.

NASCIMENTO, Marilene Cabral do et al. A categoria racionalidade médica e uma nova epistemologia em saúde. **Ciênc. saúde coletiva** [online], v.18, n.12, p.3595-3604. 2013.VARGAS, 2010.

PAGLIOSA, Fernando Luiz; DA ROS, Marco Aurélio. O relatório Flexner: para o bem e para o mal. **Rev. bras. educ. med.** Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, p. 492-499, dec. 2008.

PALADINO, Mariana; ALMEIDA, Nina Paiva. **Entre a diversidade e a desigualdade**: uma análise das políticas públicas para a educação escolar indígena no Brasil dos governos Lula. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria; LACED/Museu Nacional/UFRJ, 2012.

QUEIROZ, Marcos de Souza. O paradigma mecanicista da medicina ocidental

moderna: uma perspectiva antropológica. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 309 - 317, aug. 1986.

SAMPAIO, J. et al. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, p. 1299-1311, 2014. Suplemento 2.

SOUZA, Ana Caroline Marques de et al. **Onze Anos de Presença Indígena no Curso de Medicina da UFSCAR**: um Relato de Experiência. Anais do III Workshop sobre Saúde das Populações Indígenas, organizado pelo PET Indígena Ações em Saúde, 2019. p.15.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Ingresso de estudantes Indígenas**. Disponível em:

<<http://www.prograd.ufscar.br/cursos/ingresso-nagraduacao/indigenas-1/indigenas>>. Acesso em: 14. mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Política de ações afirmativas, diversidade e equidade da Universidade Federal de São Carlos** / Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2016. 82 f.

CURSO DE MEDICINA– CDBs. **Projeto político pedagógico. 2007**. Disponível em <http://www.dmed.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-2007> GEMIGNANI, Elizabeth Yu Me Yut. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. Revista Fronteira das Educação, Recife / PE, v. 1, n. 2. jan. 2012.

SANTOS, Taciana da Silva. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem. 2019**. Mestrado profissional em educação profissional e tecnológica instituto federal de educação, ciências e tecnologia de Pernambuco – campus Olinda, 2019

ANEXOS

ANEXO I - QUESTÕES ÉTICAS

Esta pesquisa respondeu às orientações da Resolução número 466, de 12 de dezembro 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que trata da pesquisa com seres humanos, à Resolução CNS nº 510/2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304/2000 (Pesquisa com População Indígena). Além disso, responde às 14 recomendações da Portaria 177/PRES/2006, artigo 6º da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Já foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sob CAAE 01510018.4.0000.5411.

Devido ao período da pandemia de COVID-19, para garantir a segurança de pesquisadores e participantes, toda a pesquisa será realizada em ambiente virtual. Portanto, serão seguidas as orientações da CONEP para os procedimentos que envolvam o contato com participantes e/ou coleta de dados em qualquer etapa da pesquisa, em ambiente virtual. Tais medidas visam preservar a proteção, segurança e os direitos dos participantes de pesquisa. Todos os participantes da pesquisa receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e participarão da pesquisa voluntariamente apenas se concordarem com as condições nele contidas.

ANEXO II - QUESTIONÁRIO SOBRE PERFIL DOS PARTICIPANTES DA
PESQUISA.

Nome:

- 1) Povo indígena pertencente:

- 2) Município e aldeia de origem:

- 3) Idade:

- 4) Gênero:

- 5) Estado civil:

- 6) Possui filhos? Quantos?

- 7) Ano de início do curso:

- 8) Houve conclusão do curso: () sim () não

- 10) Em que ano finalizou ou saiu do curso:

- 9) Trabalho/Ocupação atual:

- 10) Onde vive atualmente:

- 11) Email:

- 12) Telefone:

- 13) Data da entrevista:

ANEXO III - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Você poderia se apresentar?
- 2) Desde quando ou qual o período que você estudou na UFSCar?
- 3) O que te motivou a estudar na UFSCar?
- 4) Quais foram as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou para permanecer no curso?
- 5) Teve algum momento em que você pensou em desistir do curso?
- 6) Conte como foi essa situação e o que você fez para não desistir.
- 7) O que te ajudou na sua permanência no curso? (apoio pedagógico - CAAPE; metodologia do curso; bolsas; PET Saúde; apoio dos colegas do curso; apoio de outros indígenas; professores do curso)
- 8) Conte uma experiência positiva, que você acha que te ajudou a permanecer no curso e a concluir a graduação;
- 9) Você tem sugestões do que poderia melhorar para favorecer a permanência dos indígenas no curso de medicina?
- 10) Você tem mais algo que gostaria de acrescentar relacionado a permanência dos indígenas no curso de medicina?